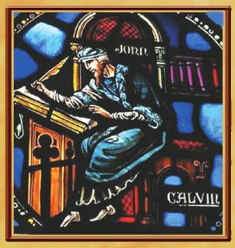
SÉRIE
COMENTÁRIOS
BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Filipenses




JOHANNES CALVINUS.
NATUS.X JUL. MDIX
OBIIT.XXVII MAI.MDLXIV
PROMPTE ET SINCERE IN O PERE DOMINI

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

TRADUÇÃO: VALTER GRACIANO MARTINS

Filipenses



EDITORA FIEL

Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses
Série Comentários Bíblicos - João Calvino
Título do Original: The Epistles of Paul The Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians
Edição baseada na tradução inglesa de T. H. L. Parker, publicada pela Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI, USA, 1965, e confrontada com a tradução de William Pringle, Baker Book House, Grand Rapids, MI, USA, 1998.

•

Copyright © 2010 Editora Fiel
Primeira Edição em Português

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

A versão bíblica utilizada nesta obra é a Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB)

•

Presidente: Rick Denham
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago José dos Santos Filho
Editor da Série João Calvino: Franklin Ferreira
Tradução: Valter Graciano Martins
Revisão: Tiago Santos e Wellington Ferreira (Gálatas e Efésios), Franklin Ferreira (Colossenses e Filipenses), Lucas Grassi Freire (Colossenses), Marilene do Amaral Silva Ferreira (Filipenses)
Diagramação: Wirley Corrêa
Capa: Edvânio Silva
ISBN: 978-85-99145-73-9

EDITORA FIEL

Caixa Postal 1601
CEP: 12230-971
São José dos Campos, SP
PABX: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Argumento 8

Capítulo 1

Versículos 1 a 6 11
Versículos 7 a 11 16
Versículos 12 a 17 22
Versículos 18 a 21 27
Versículos 22 a 26 31
Versículos 27 a 30 34

Capítulo 2

Versículos 1 a 4 40
Versículos 5 a 11 44
Versículos 12 a 16 54
Versículos 17 a 24 64
Versículos 25 a 30 71

Capítulo 3

Versículos 1 a 6 77
Versículos 7 a 11 85
Versículos 12 a 17 92
Versículos 18 a 21 98

Capítulo 4

Versículos 1 a 3 105
Versículos 4 a 9 109
Versículos 10 a 14 116
Versículos 15 a 23 119

Argumento

Amplamente se sabe que Filipos era uma cidade da Macedônia, situada na região da Trácia, em cujas planícies Pompeu foi vencido por César;[1] e Bruto e Cássio foram mais tarde vencidos por Antônio e Otávio.[2] Assim, as insurreições romanas tornaram este lugar ilustre por dois envolvimentos memoráveis. Quando Paulo foi chamado à Macedônia mediante uma revelação expressa,[3] primeiramente ele fundou uma igreja naquela cidade (como relatado por Lucas, em Atos 16.12), a qual não só perseverou firme na fé, mas foi também, no avanço do tempo, como esta Epístola evidencia, aumentada, tanto em número de indivíduos, como também em seus tantos feitos.

A ocasião da autoria de Paulo foi esta: quando lhe enviaram, pelas mãos de Epafrodito, seu pastor, aquelas coisas que lhe eram necessárias em sua prisão para a manutenção de sua vida, e algo mais além das despesas ordinárias, não pode haver dúvida de que Epafrodito lhe expôs, ao mesmo tempo, toda a condição da Igreja e agiu como conse-

1 A célebre vitória de César sobre Pompeu se deu nas planícies da Farsália, em Tessália, com a qual Filipos na Macedônia é às vezes confundida pelos poetas (Ver Virg. G. I. 490, Juvenal, viii. 242). O fato de às vezes ser confundida uma com a outra parece se originar da circunstância de haver perto de Farsalos, em Tessália, uma cidade chamada Filipos, cujo nome original era Tebas, distinta de Tebas na Beócia, por ser ela chamada *Thebae Thessaliae*, ou *Phthioticae*; mas, tendo caído sob o poder de Filipe, rei da Macedônia, foi chamada Filipos ou Filipópolis em honra do vencedor.

2 O engajamento decisivo, em pauta, foi, como observa Cássio, o mais importante de todos os que foram travados durante as guerras civis, como determinava o destino da liberdade romana, de modo que a peleja, doravante, não foi pela liberdade, mas o que servisse aos senhores romanos. A luta que houve nas planícies de Filipos é chamada por Suetônio *Philippense bellum* (a batalha de Filipe), Suet. Aug. 13; e por Plínio, *Philippense praelium* (o engajamento de Filipe).

3 "Vne vision enuoyee de Dieu." – "Uma visão enviada por Deus."

lheiro, sugerindo aquelas coisas a respeito das quais se requeria que fossem admoestados. Não obstante, tudo indica que falsos apóstolos[4], que iam de um lugar para outro, tentaram enfraquecê-los, com vistas a expandir suas adulterações da sã doutrina; mas, como eles permaneceram firmes na verdade, o apóstolo enaltece sua firmeza. Entretanto, tendo em mente a fragilidade humana, e talvez tendo sido instruído por Epafrodito de que eles precisavam oportunamente de ser confirmados, para que, no avanço do tempo, não desvanecessem, ele anexa tais admoestações, estando ciente de que lhes seriam apropriadas.

E tendo, antes de tudo, declarado a pia afeição de sua mente para com eles com vistas a assegurar-lhes a confiança, Paulo prossegue tratando de si mesmo e de suas cadeias, para que não se sentissem desestimulados ao verem nele um prisioneiro e em risco de vida. Conseqüentemente, ele lhes mostra que a glória do evangelho está longe de ser diminuída por este meio, que é antes um argumento em confirmação de sua veracidade; e ele, ao mesmo tempo, os estimula, por seu próprio exemplo, a se prepararem para tudo o que porventura acontecesse.[5] Por fim, ele conclui o *primeiro capítulo* com uma breve exortação à unidade e paciência.

Entretanto, visto que a ambição é quase que invariavelmente a mãe das dissensões e que chega, por isso mesmo, a abrir uma porta para doutrinas novas e estranhas, Paulo, no início do *segundo capítulo*, lhes pede com grande veemência, para que não tenham nada em mais elevada estima do que a humildade e a modéstia. Com isto em mente, ele faz uso de vários argumentos. E, para firmá-los mais,[6] ele promete enviar-lhes Timóteo em breve. Além disso, expressa a esperança de poder visitá-los pessoalmente e, mais adiante, assinala uma razão pela demora de Epafrodito.[7]

---

4 "Auoyent essayer les esbranler." – "Tinham tentado os abalar."

5 "De s'approestre a tout ce qu'il plaira a Dieu leur enuoyer." – "Estar preparados para tudo o que aprouvesse a Deus enviar-lhes."

6 "Et pour leur Donner courage, afin qu'ils ne se laissent cependant abusser." – "E com vistas a encorajá-los, para que não se permitissem, no ínterim, desviar."

7 "Il excuse Epaphrodite de ce qu'il auoit tant demeuré sans retourner vers eux." – "Ele desculpa Epafrodito por haver permanecido por mais tempo, em vez de enviá-lo de volta."

No *terceiro capítulo*, Paulo ataca os falsos apóstolos e descarta duas coisas: (i) suas vãs ostentações e (ii) a doutrina da circuncisão, a qual mantinham ardorosamente.[8] Ele contrapõe a doutrina simples de Cristo aos artifícios deles. À arrogância deles,[9] opõe sua vida antiga e a atual, na qual se vê uma imagem verdadeira de piedade cristã. Ele mostra ainda que o auge da perfeição, à qual devemos almejar durante toda nossa vida, é este: ter comunhão com Cristo em sua morte e ressurreição; e demonstra isto lançando mão de seu exemplo pessoal.

Paulo começa o *quarto capítulo* com uma admoestação particular, porém segue em frente rumo àquelas de natureza geral. Ele conclui a Epístola com uma declaração de sua gratidão para com os filipenses, para que não pensassem que o que doaram para amenizar as necessidades dele tivesse sido pouco.

8 "Pour laquelle ils debatoyent, voulans qu'elle fust obseruee." – "Pelo qual contendiam, querendo muito que fosse observada."

9 "Arrogance et vanterie." – "Arrogância e vanglória."

Capítulo 1

1. Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos:

2. Graça a vós, e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

3. Dou graças a meu Deus por toda lembrança de vós,

4. Fazendo sempre, em todas minhas orações, súplica por todos vós com alegria,

5. Por vossa comunhão no evangelho, desde o primeiro dia até agora;

6. Estando confiante nisto mesmo, que aquele que em vós começou uma boa obra, a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo.

1. Paulus et Timotheus, servi Iesu Christi, omnibus sactis in Christo Iesu, qui sunt Philippis, cum Episcopis et Diaconis:

2. Gratia vobis et pax a Deo Patre nostro, et Domino Iesu Christo.

3.Gratias ago Deo meo in omni memória vestri.[1]

4. Semper in omni precatione meã pro vobis ominibus cum gáudio precationem faciens,

5. Super communicatione vestra in Evangelium, a primo die hucusque;

6. Hoc ipsum persuasus, quod qui coepit in vobis opus honum, perficiet usque in diem Iesu Christi.

1. Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo. Enquanto Paulo costumeiramente, na introdução de suas epístolas, emprega títulos de distinção, com vistas a obter crédito para si e para o seu ministério, não havia necessidade, ao escrever para os filipenses, de enfatizar recomendações a quem o conhecia, por experiência, como um genuíno Apóstolo de Cristo, e ainda o reconhecia como tal sem sombra de dúvida. Porquanto eles [e Paulo] tinham perseverado firmemente na vocação divina, e no mesmo propósito.[2]

1"Toutes les fois que i'ay souuenance de vous, ou auec entiere souuenance de vous." – "Toda vez que tenho lembrança de vós, ou, com constante lembrança de vós."

2 "Sans se desbaucher." – "Sem se corromperem."

Bispos. Paulo menciona os *pastores* separadamente, por uma questão de honra. Não obstante, podemos inferir disto que o título *bispo* é comum a todos os ministros da Palavra, uma vez que ele designa vários *bispos* para uma só igreja. Portanto, os títulos *bispo* e *pastor* são sinônimos. E esta é uma das passagens que Jerônimo cita para provar isto em sua epístola a Evagrius,[3] e em sua exposição da Epístola a Tito. Mais tarde[4] introduziu-se aí o costume de aplicar o título de bispo exclusivamente à pessoa a quem os presbíteros de cada igreja designavam sobre sua comunidade.[5] Entretanto, isso se originou num costume humano e sem qualquer endosso de autoridade bíblica. Reconheço, aliás, que, como são as mentes e maneiras dos homens, não se pode manter a ordem entre os ministros da palavra sem que um presida sobre os demais. Falo de congregações particulares,[6] não de províncias inteiras e muito menos do mundo todo. Ora, ainda que não devamos discutir por causa de [meras] palavras, ao mesmo tempo seria preferível que usássemos o vocabulário do Espírito Santo, o autor das línguas, do que mudar o que nos é ditado por ele para formas piores de linguagem. Pois este mal resultou do sentido corrompido do termo, a saber, como se todos os presbíteros[7] não fossem colegas, chamados para o mesmo ofício, enquanto um deles, sob o pretexto de uma nova designação, usurpava o domínio sobre os demais.

Diáconos. Este termo pode ser tomado em dois sentidos – ou no sentido de administradores e gerentes dos pobres, ou para anciãos que eram designados [especificamente] para regulamentação dos costumes. Não obstante, como ele é mais geralmente usado por Paulo no primeiro sentido, entendo-o antes no sentido de gerentes que supervisionavam a distribuição e a recepção de donativos. Sobre os outros pontos, que se consultem os comentários anteriores.

---

3 "Evagrius, natural de Antioquia e aparentemente presbítero da igreja de Antioquia. Ele viajou rumo ao ocidente da Europa e se familiarizou com Jerônimo, que o descreve como um homem "acris ac ferventis ingenii": "de habilidade e de temperamento ardente." – Smith's Dictionary of Greek Biography and Mythology.

4 "Depuis les temps de l'Apostre." – "Depois dos tempos dos apóstolos."

5 "Ordonnoyent conducteur de leur congregation." – "Líder designado de sua congregação."

6 "De chacun corps d'Eglise em particulier." – "De cada corpo da Igreja em particular."

7 "Tous prestres et pasteurs." – "Todos os presbíteros e pastores."

3. Dou graças. Ele começa com ação de graças[8] em dois lances: primeiro, para que por este emblema ele mostrasse seu amor para com os filipenses; e, segundo, para que, ao enaltecê-los quanto ao passado, ele os exortasse também a perseverarem no tempo por vir. Paulo evoca ainda outra evidência de seu amor – a ansiedade que ele demonstrava nas súplicas. Entretanto, deve-se observar que, sempre que ele faz menção de coisas que causam júbilo, imediatamente irrompe em ação de graças – uma prática com que devemos igualmente estar familiarizados. Devemos ainda notar bem quais as coisas pelas quais devemos dar graças a Deus – a comunhão dos filipenses no evangelho de Cristo; pois disto se segue que ela deve ser atribuída à graça de Deus. Ao dizer, **por toda lembrança de vós**, ele tem em mente "Eu me lembro continuamente de vós."

4. Sempre, em todas minhas orações. Conectemos as palavras desta maneira: "Apresentando sempre orações por todos vós, em todas minhas orações." Pois, como dissera previamente, que a lembrança deles propiciava ocasião de alegria, sempre que orava. Mais adiante ele acrescenta que é *com alegria* que ele apresenta orações em favor deles. *Alegria* aponta para o passado; *oração*, para o futuro. Pois ele se alegrou nos primórdios abençoados deles, e ansiava pela sua perfeição. E assim fica bem nos regozijarmos sempre nas bênçãos recebidas de Deus, de uma forma tal que nos lembremos de suplicar-lhe que nos dê aquelas coisas que ainda nos são necessárias.

5. Por vossa comunhão. E agora, passando para a outra sentença, ele declara o motivo de sua alegria – que eles experimentaram a *comunhão do evangelho*, ou, seja, chegaram a ser participantes do evangelho, o qual, como bem se sabe, é concretizado por meio da fé; pois o evangelho se nos aparece como nada, em relação com qualquer desfruto dele, até que o tenhamos recebido pela fé. Ao mesmo tempo, o termo *comunhão* pode ser considerado como uma referência à sociedade comum dos santos, como se ele dissesse que foram asso-

8 "Vne protestation, qu'il est ioyeux de leur bien." – "Um protesto de que ele se deleita em ponderar sobre o bem-estar deles."

ciados com todos os filhos de Deus na fé do evangelho. Ao dizer, *desde o primeiro dia*, ele realça a prontidão deles ao demonstrar que eram suscetíveis à instrução assim que a doutrina foi posta diante deles. A frase *até agora* indica sua perseverança. Ora, bem sabemos quão rara qualidade é seguir a Deus imediatamente assim que nos chama, e igualmente perseverar firmemente até o fim. Pois muitos são tardos e relutantes em obedecer, enquanto há ainda aquela insuficiência devido à leviandade e à inconstância.[9]

6. Persuadido desta mesma coisa. Um motivo adicional de alegria é fornecido na confiança [depositada por Paulo] neles para o futuro.[10] Mas é possível que alguém diga: por que os homens ousariam a garantir-se para amanhã em meio a tão grande enfermidade da natureza, em meio a tantos impedimentos, asperezas, precipícios?[11] Por certo que Paulo não derivava esta confiança da firmeza e da excelência dos homens, mas simplesmente do fato de que Deus manifestara seu amor para com os filipenses. E, indubitavelmente, esta é a genuína maneira de reconhecer os benefícios divinos – quando derivamos deles ocasião de nutrir boas esperanças quanto ao futuro. Porque, como são tomados imediatamente por sua bondade, e por sua paternal benevolência para conosco, que ingratidão seria não derivar disto nenhuma confirmação de esperança e bom ânimo! Além disto, Deus não é como os homens a ponto de se cansar ou sentir-se exausto em conferir bondade.[12] Portanto, que os crentes se exercitem em constante meditação sobre os favores que Deus confere, para que se animem e confirmem a esperança quanto ao futuro, e tenham sempre em sua mente este

9 "Qui se reuoltent ou defaillent en chemin par legerete." – "Quem revolta ou recua no caminho devido à leviandade."

10 "Qu'il se confioit d'eux qu'ils perseuereroyent de reste de leur vie." – "Por ele ter confiança neles é que deveriam perseverar durante o resto de suas vidas."

11 "Entre tant d'empeschemens, mauuais passages et fascheuses rencontres, voire mesme des dangers de tomber tout a plat en perdition." – "Em meio a tantos impedimentos, desfiladeiros íngremes e colisões desagradáveis, sim, inclusive a tantos riscos de precipitar-se de cabeça para baixo na perdição."

12 "Il ne se lasse point en bien faisant, et son thresor ne diminue point." – "Ele não se cansa em fazer o bem, e nem esgota seu tesouro."

silogismo: Deus não se esquece da obra que suas próprias mãos começaram, como o profeta testifica [Sl 138.8; Is 59.8]; nós somos a obra de suas mãos; portanto, ele completará o que já começou a fazer em nós. Quando digo que somos a obra de suas mãos, não me refiro à mera criação, mas à vocação pela qual somos adotados como seus filhos. Pois o fato de que o Senhor nos chamou eficazmente para si, pela operação de seu Espírito, é sinal da nossa eleição.

Não obstante, pergunta-se se alguém pode estar certo quanto à salvação de outra pessoa, porquanto aqui Paulo não está falando de si mesmo, e sim dos filipenses. Respondo que a certeza que um indivíduo tem com respeito à sua salvação pessoal é muito diferente da que ele tem em relação à das outras pessoas. Pois o Espírito de Deus é minha testemunha de que fui chamado, como o é também de cada um dos eleitos. Quanto aos outros, não temos nenhum testemunho, exceto o da eficácia externa do Espírito; ou, seja, até onde a graça de Deus se exibe neles, e até onde a percebemos. Portanto, há uma grande diferença porque a certeza de fé permanece encerrada no interior de cada um, e não se exterioriza aos demais. Não obstante, onde quer que notemos quaisquer das marcas da eleição divina, que porventura sejam notadas por nós, devemos imediatamente estimular-nos a nutrir boa esperança, seja para que não sejamos invejosos[13] em relação aos nossos semelhantes, seja subtraindo deles um juízo eqüitativo de caridade; e, ainda, para que sejamos gratos a Deus.[14] Não obstante, esta é uma regra geral, seja quanto a nós mesmos, seja quanto aos demais – que, desconfiando de nossa própria força, dependamos inteiramente só de Deus.

Até o dia de Jesus Cristo. De fato, a principal coisa a ser entendida aqui é esta: até o término do conflito. Ora, o conflito termina com a morte. Não obstante, como o Espírito costuma falar desta maneira

13 "Enuieux et desdaigneux." – "Invejosos e desdenhosos."

14 "Pour recognoistre le bien que Dieu leur a fait, et n'estre point ingratis enuers luy." – "Para que reconheçamos a bondade que Deus lhes tem demonstrado, e para que não lhe sejamos ingratos."

em referência à última vinda de Cristo, seria melhor estender o avanço da graça de Cristo até a ressurreição da carne. Pois embora aqueles que já foram libertados do corpo mortal não mais contendam com as concupiscências da carne, e estão, por assim dizer, além do alcance de um único dardo,[15] contudo não haverá absurdo algum em falar deles como estando ainda no caminho de avanço,[16] visto que ainda não alcançaram o ponto que desejam – ainda não desfrutando da felicidade e glória que tanto esperam; e, por fim, o dia ainda não chegou para que se descubram os tesouros que jazem na esperança. E, na verdade, quando se trata da esperança, nossos olhos devem estar sempre direcionados para a bem-aventurada ressurreição, como sendo o grande objeto em vista.

7. Ainda quando me convém pensar isto de todos vós, porque vos tenho em meu coração; visto que sois participantes comigo da graça, tanto em minhas prisões como na defesa e confirmação do evangelho.

8. Pois Deus é minha testemunha de que tenho profunda saudade de todos vós nas ternas misericórdias de Jesus Cristo.

9. E isto peço em oração: que vosso amor aumente mais e mais no pleno conhecimento e em todo discernimento;

10. Para que proveis as coisas que são excelentes; para que sejais sinceros e sem ofensa até o dia de Cristo;

11. Sendo cheios do fruto de justiça, que vem por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

7. Sicuti iustum est mihi hoc de vobis omnibus sentire, propterea quod in corde vos habeam, esse omnes participes gratiae meae, et in vinculis méis, et in defensione, et confirmatione Evangelii.

8. Testis enim mihi est Deus, ut desiderem vos omnes in visceribus lesu Christi.

9. Et hoc precor, ut caritas vestra adhuc magis ac magis abundet cum agnitione, omnique intelligentia:

10. Ut probetis quae utilia sunt, quo sitis sinceri, et inoffensi usque in diem Christi,

11.Impleti fructibus iustitiae, qui sunt per Iesum Christum, in gloriam et laudem Dei

7. Ainda quando me convém. Pois seremos avaliadores invejosos[17] dos dons de Deus se não considerarmos como seus filhos

15 "Extra teli jactum" – Virgílio faz uso de uma frase correspondente – "intra jactum teli." – "Dentro do alcance de um dardo." (Virg. Æn. xi. 608).

16 "En voye de proufiter, ou auancer." – "No caminho de fazer progresso, ou avanço."

17 "Maigres et desdaigneux." – "Miseráveis e desdenhosos."

aqueles em quem resplandecem as marcas legítimas da piedade, que são as marcas pelas quais o Espírito de adoção se manifesta. Conseqüentemente, Paulo diz que a própria eqüidade lhe impõe[18] que nutra boa esperança dos filipenses em todo o tempo por vir, visto que os vê associados consigo na participação da graça. Não é sem a devida consideração que tenho feito uma tradução desta passagem diferente daquela de Erasmo, como o leitor sensato perceberá facilmente. Pois ele declara que opinião tem dos filipenses, a qual era a base de sua boa esperança depositada neles. Paulo, pois, diz que são **participantes com ele da mesma graça**, em seus **afetos** e na **defesa do evangelho**.

Tê-los **em seu coração** é reconhecê-los como tais na mais íntima afeição de seu coração. Pois os filipenses o haviam assistido sempre segundo sua habilidade, de modo a se conectarem com ele como associados para a manutenção da causa do evangelho, até onde estava em seu poder. Assim, embora estivesse fisicamente ausente, contudo, em razão da pia disposição que demonstravam por todo serviço em seu poder, Paulo os reconhece como mantendo laços estreitos com ele. "Eu vos tenho, portanto, em meu coração"; isto é, sinceramente e sem qualquer pretensão, com toda certeza e não mediante opinião leviana ou duvidosa – como assim? como *participantes da graça* – de que maneira? *em meus afetos*, pelos quais o evangelho é defendido. Já que ele os reconhecia como tais, era razoável que ele nutrisse boas esperanças sobre eles.

De minha graça e nas prisões. Seria algo absurdo aos olhos do mundo ter a prisão como sendo um benefício de Deus; mas, se avaliarmos a questão mais detidamente, não é uma honra comum a que Deus nos confere quando sofremos perseguição em decorrência de sua verdade. Pois não foi em vão o que está escrito: "Bem-aventurado sereis vós, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa" [Mt 5.11]. Portanto, que almejemos abraçar com prontidão e entusiasmo a comunhão da cruz de Cristo como sendo um favor especial de Deus. Além disso, às *prisões* ele anexa a *defesa e confir-*

18 "Raison mesme et équite luy disent." – "Inclusive a razão e a eqüidade lhe informam."

mação do evangelho, para expressar ainda mais a honradez do serviço que Deus nos impõe, nos colocando em oposição a seus inimigos, a fim de darmos testemunho de seu evangelho. Pois é como se nos tivesse confiado a defesa de seu evangelho. Visto que somente quando ele os armou com esta consideração foi que os mártires se viram preparados a desdenhar toda a fúria dos ímpios e colocarem-se superiores a todo gênero de tortura. E que isto esteja na mente de todos quantos tenham sido chamados a fazer uma confissão de sua fé, que tenham sido chamados por Cristo para que sejam como que advogados a pleitearem sua causa! Pois se vendo sustentados por tal consolação seriam mais corajosos do que ser por demais fácil revidar com uma traiçoeira revolta.[19]

Não obstante, aqui alguém poderia inquirir se a *confirmação do evangelho* depende da prontidão dos homens. Respondo que a verdade de Deus é em si mesma sólida demais para que dependa do apoio advindo de algum outro recanto; pois ainda que todos nós possamos ser encontrados mentirosos, não obstante Deus permanecerá verdadeiro [Rm 3.4]. Entretanto, não é absurdo dizer que as consciências fracas são confirmadas nele por tais auxílios. Portanto, aquele tipo de confirmação de que Paulo faz menção tem certa relação com os homens, como aprendemos de nossa experiência pessoal que a morte de tantos mártires era assistida pelo menos com esta vantagem: que ela era, por assim dizer, selos pelos quais o evangelho tem sido selado em nossos corações. Daí aquele dito de Tertuliano, que "o sangue dos mártires é a sementeira da Igreja" – o que tenho imitado em certo poema: "Mas aquele sacro sangue,[20] mantenedor da honra de Deus, será como uma semente a produzir progênie."[21]

19 "Ils seroyent si constans et fermes, qu'ils ne pourroyent estre aiseement induits a se reuolter laschement et desloyaument." – "Eles seriam tão prontos e firmes, que não poderiam ser facilmente induzidos a se revoltar de uma maneira covarde e desleal."

20 Sanctus at ille cruor, divini assertor honoris, Gignendam ad sobolem seminis instar erit.

21 "A l'imitation duquel au chant de victoire composé par moy en Latin em l'honneur de Jesus Christ, 1541, et lequel depuis a este reduit en rime François, i'ay dit:

> 'Or le sang precieux par martyre espandu
> Pour auoir a son Dieu tesmoignage rendu,
> A l'Eglise de Dieu seruira de semence
> Dont enfans sorteront remplis d'intelligence'."

8. Pois Deus é minha testemunha. Ele agora declara mais explicitamente sua afeição por eles, e, com vistas a dar prova dela, faz uso de um juramento, e isso com bons motivos, porque sabemos quão preciosa é aos olhos de Deus a edificação de sua Igreja. Era também mui vantajoso que o afeto de Paulo se fizesse plenamente notório aos filipenses. Pois [tal manifestação] tende fortemente a ajudar no ensino quando as pessoas sabem que são amadas pelo mestre. Ele invoca Deus como testemunha da verdade, visto que somente ele é a Verdade; e, como testemunha de seu afeto, visto que somente ele é quem sonda os corações. Na palavra traduzida por *saudade* faz-se uso de um ter particular no lugar de um geral, e é um emblema de afeto, visto que temos *saudade* daquelas coisas que nos são queridas.

Ternas misericórdias [entranhas]. Ele põe as *ternas misericórdias* [entranhas] *de Cristo* em oposição ao afeto carnal, para notificar que seu afeto é santo e piedoso. Pois o homem que ama segundo a carne leva em conta seu próprio benefício, e pode de tempo em tempo mudar sua mente em conformidade com a variedade de circunstâncias e ocasiões. No ínterim, ele nos instrui por qual norma de afetos os crentes devem ser regulados, de modo que, renunciando à sua própria vontade, permitam que Cristo lance mão do leme. E, inquestionavelmente, o verdadeiro amor não pode fluir de nenhuma outra fonte senão das *entranhas* [ternas misericórdias] *de Cristo*; e isto, como uma aguilhada, nos aflige bastante – que Cristo, de certa maneira, abre suas *entranhas*, para que, por elas, ele fortaleça nosso mútuo afeto.[22]

"Em imitação do qual, no canto de vitória composto por mim em latim em honra de Jesus Cristo, em 1541, e que tem sido, desde aquele tempo, traduzido para a rima francesa, eu disse:

> 'Mas o precioso sangue derramado pelos mártires,
> Para que fosse um testemunho dado ao seu Deus,
> Servirá como uma sementeira na Igreja
> Da qual se produzirão filhos, cheios de entendimento.'

22 Beza, ao comentar a expressão, nas entranhas de Jesus Cristo, observa: "Alibi solet dicere, In Christo. Ut autem significet ex quo fonte promanet affectus iste, et quo etiam feratur, additum visceribus homen magnum pondus addit sententiae, ut intimus amor significetur. Solent enim Hebraei רחמים, rachamim, id est, viscera omnes teneros ac veluti maternos affectus vocare." – "Ele

9. E isto peço em oração. Ele volta à oração, mencionada rapidamente em uma só palavra. Nesse sentido, ele declara a suma daquelas coisas que rogara a Deus em favor deles, para que também aprendessem a orar seguindo o seu exemplo, e para que aspirassem àqueles dons. O ponto de vista assumido por alguns, como se *o amor dos filipenses* denotasse os próprios filipenses, como as pessoas incultas costumam mui comumente dizer: "Vossa reverência" – "Vossa paternidade", é absurdo. Porquanto nenhum exemplo de uma expressão desse gênero ocorre nos escritos de Paulo, nem burrices desse gênero estavam em vigor. Além disso, a afirmação seria menos completa e, independentemente disto, o significado simples e natural das palavras se ajusta admiravelmente bem. Pois as verdadeiras conquistas dos cristãos são quando fazem progresso em *conhecimento* e *discernimento*, e em seguida em *amor*. Assim, a partícula *em*, segundo a forma idiomática da língua hebraica, é aqui tomada para significar *com*, como também a traduzi, a menos, talvez, que alguém prefira explicá-la no sentido de *por*, de modo a denotar o instrumento ou causa formal. Porque, quanto maior for a competência que adquirirmos no *conhecimento*, tanto mais deve crescer nosso *amor*. Nesse caso, o significado seria: "Para que vosso amor aumente em conformidade com a medida do conhecimento." **Todo conhecimento** significa o que é pleno e completo – não um conhecimento de todas as coisas."[23]

10. Para aprovardes as coisas que são. Temos aqui uma definição de sabedoria cristã – conhecer o que é vantajoso e conveniente –, não torturar a mente com sutilezas vazias e com especulações. Pois o Senhor não deseja que seu povo crente se empregue futilmente em aprender o que é de proveito nenhum. Disto se pode deduzir em que

---

costuma, em outros casos, dizer Em Cristo. Mas, para notificar de que fonte esse afeto flui, e em que direção também ele se inclina, a adição do termo entranhas adiciona grande peso à afirmação, de modo que expressa afeto íntimo. Pois os hebreus costumavam empregar o termo רחמים, rachamim, isto é, entranhas, para denotar toda ternura e, por assim dizer, afetos maternais."

23 A palavra traduzida por *julgamento* é passível de ser traduzida por *sentido* (πάσῃ αἰσθήσει) *em todo sentido*. 'Oro para que possais ter vossos sentidos espirituais em exercício – para que tenhais um senso judicioso de discernimento.' Para quê? 'Para que possais aprovar as coisas que são excelentes' – ou as palavras podem ser lidas assim: 'distinguir as coisas que são diferentes'." – Howe's Works (Londres, 1822), vol. v. p. 145.

estima a teologia da [escola de] Sorbonne deve ser tida: com ela, você pode gastar toda sua vida e ainda não derivar dela mais edificação em conexão com a esperança de uma vida celestial, ou mais benefício espiritual, do que da geometria de Euclides. Inquestionavelmente, ainda que ela não ensinasse nada falso, bem merece ser abominável com base no fato de que ela é uma profanação perniciosa da doutrina espiritual. Pois a *Escritura é útil*, no dizer de Paulo em 2Timóteo 3.16, mas *ali* você nada achará senão insípidas sutilezas de palavras.

Para que sejais sinceros. Esta é a vantagem que derivamos do *conhecimento*: não que cada um possa habilmente levar em conta seus próprios interesses, mas sim que vivamos em consciência pura diante de Deus.

Adiciona-se: **e sem ofensa**. O termo grego, ἀπροσκοποι, é ambíguo. Crisóstomo o explica em um sentido *ativo* – que, visto que ele desejava que eles fossem puros e íntegros diante de Deus, assim agora deseja que eles vivam uma vida honrosa diante dos homens, para que não prejudiquem seus semelhantes mediante algum exemplo negativo. Não rejeito esta exposição; em minha opinião, contudo, a significação *passiva* se ajusta melhor ao contexto. Pois ele lhes deseja sabedoria com isto em vista: para que, com passos firmes, seguissem em frente em sua vocação *até o dia de Cristo*; como, em contrapartida, ocorre através da ignorância[24] que freqüentemente resvalamos nossos pés, tropeçamos e recuamos. Cada um de nós sabe muito bem, pela própria experiência, que Satanás, de tempo em tempo, lança em nosso caminho pedras de tropeço, com vistas ou a deter totalmente nosso curso ou a obstruí-lo.

11. Cheios do fruto da justiça. Isto pertence agora à vida exterior, pois uma boa consciência produz seus frutos por meio de obras. Daí ele desejar que fossem frutíferos em boas obras para a glória de Deus. Tais frutos, diz ele, provêm de Cristo, porque emanam da graça de Cristo. Pois o princípio de nossas boas obras está na santificação oriunda de seu Espírito, porquanto ele repousou sobre [Cristo], para que todos recebamos de sua plenitude [Jo 1.16]. E, como Paulo aqui deriva

24 "Par ignorance et faute de prudence." – "Através da ignorância e falta de prudência."

das árvores uma similitude, somos *oliveiras silvestres* [Rm 11.24], e improdutivas, até que sejamos enxertados em Cristo, o qual, por sua raiz viva, nos faz árvores produtivas, em conformidade com aquele dito: "Eu sou a videira, vós os ramos" [Jo 15.1]. Ao mesmo tempo, ele mostra o propósito: para que promovamos a glória de Deus. Pois nenhuma vida é tão excelente em aparência que não seja corrompida e ofensiva aos olhos de Deus, se não for direcionada para este objetivo.

Paulo aqui fala de obras sob o termo *justiça*, a qual de modo algum é inconsistente com a justiça gratuita da fé. Pois imediatamente se segue que há justiça onde quer que haja os frutos da justiça, visto não haver justiça aos olhos de Deus, a menos que haja uma plena e completa obediência à lei, a qual não é encontrada em nenhum dos santos, ainda que, não obstante, produzam, em conformidade com sua medida, os bons e deleitosos frutos da justiça; e é por esta razão que, quando Deus começa a justiça em nós, mediante a regeneração do Espírito, o que fica faltando é amplamente suprido pela remissão dos pecados, de maneira tal que toda a justiça, não obstante, dependa da fé.

12. E gostaria, irmãos, que entendêsseis que todas as coisas que me ocorreram têm antes contribuído para o progresso do evangelho;

13. De modo que minhas algemas em Cristo se tornaram manifestos em todo o palácio e em todos os demais lugares;

14. E muitos dos irmãos no Senhor, tornando-se confiantes por minhas algemas, são muito mais ousados em falar a palavra sem temor.

15. É verdade que alguns proclamam Cristo até por inveja e contenda; e alguns também de boa vontade.

16. Um proclama Cristo por contenda, não sinceramente, supondo adicionar aflição às minhas algemas;

17. Outro, porém, por amor, sabendo que estou posto para a defesa do evangelho.

12. Scire autem vos volo, fratres, quod, quae mihi acciderunt, magis in profectum cesserunt Evangelii,

13. Ut vincula mea in Christo illustria fuerint in toto praetorio, et reliquis omnibus locis:

14. Et multi ex fratribus in Domino, vinculis méis confisi, uberius ausi fuerint absque timore sermonem Dei loqui.

15. Nonnulli quidem per invidiam et contentionem, alii autem etiam per benevolentiam, Christum praedicant.

16. Alii, inquam, ex contentione Christum annuntiant, non purê, existimantes afflictionem se suscitate méis vinculis:

17. Alii autem ex caritate, scientes quod in defensionem Evangelii positus

sim.

12. E gostaria, porém, irmãos, que entendêsseis. Todos nós sabemos, de nossa própria experiência, o quanto a carne costuma se ofender pela humilhação da cruz. É verdade que admitimos que Cristo crucificado nos seja proclamado; mas, quando ele aparece em conexão com sua cruz, então, como se nos sentíssemos fulminados por sua novidade,[25] ou o evitamos, ou sentimos aversão, e isso não meramente em nossa própria pessoa, mas também na pessoa daqueles que nos anunciam o evangelho. É possível que os filipenses tenham em alguma medida se desencorajado em conseqüência da perseguição sofrida por seu apóstolo. Podemos ainda, mui prontamente, crer que aqueles maus obreiros[26] que avidamente buscavam toda e qualquer ocasião, por menor que fosse, de fazer injúria, não se conteram de se alegrar com o sofrimento deste santo homem, e por este meio tornar seu evangelho desprezível. Entretanto, se não fossem bem sucedidos em tal tentativa, poderiam mui prontamente caluniá-lo, representando-o como odioso pelo mundo inteiro; e, ao mesmo tempo, levando os filipenses ao medo de, mediante uma associação maligna com ele,[27] incorrerem desnecessariamente em grande antipatia entre todos; pois tais são armadilhas comuns de Satanás. O apóstolo avisa de tal perigo, afirmando que o evangelho fora promovido por meio de suas algemas. Assim, a intenção desse detalhe foi encorajar os filipenses para que não se sentissem desanimados[28] com a perseguição sofrida por ele.

13. De modo que minhas algemas. Ele emprega a expressão *em Cristo*, no sentido de nas *atividades*, ou na *causa* de Cristo pois ele notifica que suas algemas se tornaram célebres na promoção da honra de Cristo.[29] A tradução fornecida por alguns – *através de Cristo* – parece

25 "Estans estonnez comme d'vne chose nouuelle et non ouye." – "Ficando atônitos como diante de algo novo e inaudito."

26 "Et faux apostres." – "E falsos apóstolos."

27 "En prenant ceste dangereuse accointance de S. Paul." – "Contraindo este perigo, se familiarizando com S. Paulo."

28 "Afin qu'ils ne soyent point destournez." – "Para que não recuassem."

29 "Ses liens ont este rendus celebres, et ont excellement serui a auancer la glorie de Christ." – "Suas prisões se tornaram célebres, e contribuíram admiravelmente para o avanço da glória de

forçada. Ele empregou ainda a palavra *illustria* (*célebre*), em preferência a *manifesta* (*patente*) – como tendo, por sua fama, enobrecido o evangelho.[30] "Satanás, com efeito, tem tentado, e os ímpios têm pensado que não é assim, para que o evangelho seja destruído; Deus, porém, tem frustrado ambas as tentativas daquele e as expectativas destes,[31] e isso de duas maneiras, pois, enquanto o evangelho anteriormente era obscuro e desconhecido, ele veio a ser bem conhecido; e não só isso, mas ainda se tornou honroso no *Praetorium*, não menos que no resto da cidade."

Pelo termo *praetorium* entendo o hall e palácio de Nero, ao qual Fabius[32] e escritores daquela época chamam *Augustale* (*a Augustal*). Pois como o título *pretor* era a princípio um termo geral e denotava todos os magistrados que mantinham a autoridade principal (daí veio o fato de o ditador ser chamado o pretor soberano[33]); conseqüentemente, tornou-se comum empregar o termo *praetorium*, em guerra, no sentido de tenda, ou do cônsul,[34] ou da pessoa que *presidia*,[35] enquanto que na cidade denotava o palácio de César,[36] desde o tempo que os

---

Cristo."

30 "Pource qu'il entend que le bruit qui auoit este de ses liens, auoit donné grand bruit a l'Euangile." – "Porque ele tem em mente que a fama, a qual originou-se em suas cadeias, imprimiu grande fama ao evangelho."

31 "Dieu a aneanti les efforts malicieux de Satan, et a frustré les meschans de leur attente." – "Deus tem anulado os maliciosos esforços de Satanás, e tem desapontado os perversos em suas expectativas."

32 É bem provável que nosso autor tivesse diante dos olhos uma expressão que ocorre nos escritos de Quintiliano (Instit. Orator., lib. 8, 2, 8) – "tabernaculum ducis Augustale." – ("uma tenda do general chamada Augustal"). Nas melhores edições de Quintiliano, contudo, a redação é *Augurale*, como sinônimo de *auguraculum*, ou *auguratorium* (um apartamento para os prognosticadores extraírem augúrios).

33 O ditador é chamado por Liby "praetor maximus": "o sumo pretor" (Liv. Vii.3).

34 "La tente ou du consul, ou de celuy qui estoit chef de l'armee, qulque nom qu'on luy donast." – "A tenda do cônsul, ou da pessoa que era cabeça do exército, não importa o título que lhe fosse aplicado."

35 "Praeibat." – Há patentemente aqui uma alusão à etimologia de pretor, como sendo derivado de *praeire*, *ir adiante*, ou *presidir*.

36 "Em Roma, o termo *praetorium* significava o *hall* público onde as causas eram examinadas pelo pretor; porém, mais usualmente denotava o acampamento ou quartéis das coortes pretorianas fora da cidade. O título *praetorium* era, nas províncias, dado ao palácio dos governadores, seja porque administravam justiça, seja por terem seus guardas postados em suas residências. Daí inferir-se que, embora o apóstolo estivesse em Roma quando escreveu isto, e embora as

Césares tomaram posse da monarquia.[37] Independentemente disto, o assento do pretor é também chamado o *praetorium*.[38]

14. Muitos dos irmãos. Por este exemplo somos ensinados que as torturas dos santos, suportadas por eles por causa do evangelho, constituem motivo de confiança[39] para nós. Se de fato fosse meramente um terrível espetáculo, e como tal nos injetasse antes desânimo, nada veríamos senão crueldade e fúria dos perseguidores. Não obstante, quando vemos, ao mesmo tempo, a mão do Senhor, a qual faz seu povo invencível,[40] sob a enfermidade da cruz, e os leva ao triunfo, confiantes nisto,[41] devemos aventurar-nos mais do que estamos acostumados, tendo agora um penhor de nossa vitória nas pessoas de nossos irmãos. O conhecimento disto deve suplantar nossos temores, de modo a podermos falar ousadamente em meio aos perigos.

15. De fato, alguns. Aqui temos outro fruto das algemas de Paulo: que os irmãos eram não só estimulados à confiança, mediante seu exemplo – alguns, por manterem sua posição; outros, por se tornarem mais ardorosos em ensinar –, mas ainda aqueles que lhe desejavam o mal eram, por isso mesmo, incitados a publicar o evangelho.

16. Alguns, digo, por contenda. Temos aqui um extenso detalhe, no qual o apóstolo explica mais plenamente a afirmação de antes; pois ele reitera que há dois tipos de homens que são incitados, por suas algemas, a proclamar Cristo – um, influenciado pelas contendas, isto é, por sentimento depravado; outro, por zelo piedoso, nutrindo o desejo de manter, juntamente com os demais, a defesa do evangelho. Os primeiros, diz ele, não *proclamam Cristo com pureza*, porque seu zelo

---

circunstâncias a que se refere ocorressem naquela cidade, contudo, escrevendo a pessoas que residiam nas províncias, ele usa a palavra *praetorium* no sentido provincial, e significa o *palácio do imperador*."

37 "Depuis que les empereurs usurperent la monarchie." – "Desde o tempo em que os imperadores usurparam a monarquia."

38 "Pretoire signifioit aussi le lieu ou le preteur tenoit la cour, et exerçoit sa iurisdiction." – "O pretório significava também o lugar onde o pretor mantinha sua coorte, e exercia jurisdição."

39 "Confiance et asseurance." – "Confiança e certeza."

40 "Courageux et inuincibles." – "Corajosos e invencíveis."

41 "Estans asseurez sur ceste main et puissance du Seigneur." – "Confiantemente confiando nesta mão e poder do Senhor."

não era positivo.[42] Pois o termo não se aplica à doutrina, visto que é possível que o homem que ensina com toda pureza mesmo assim não seja puro de uma mente sincera.[43] Ora, é possível inferir do contexto que esta impureza, que estava na mente, não se mostrava na doutrina. Com certeza, Paulo não teria sentido prazer algum em ver o evangelho corrompido; mas declara que se alegra na pregação de tais pessoas, ainda que a não fossem simples e sinceras.

Entretanto, pergunta-se como tal pregação poderia ser-lhe injuriosa. Respondo que muitas ocasiões nos são desconhecidas, visto não estarmos familiarizados com as circunstâncias dos tempos. Indaga-se mais: "Visto que o evangelho não pode ser pregado senão pelos que o entendem, que motivo induziria aquelas pessoas de insistir na doutrina que reprovam?" Respondo que a ambição é cega; mais, é uma besta furiosa. Daí não surpreender se falsos irmãos saquem do evangelho uma arma para perseguirem com ela os pastores bons e piedosos.[44] Com toda certeza Paulo nada diz aqui[45] que eu mesmo não tenha experimentado. Pois nestes dias há em nosso meio os que proclamam o evangelho com nenhum outro propósito senão para que fomente ainda mais a fúria dos perversos para que persigam os pastores consagrados. Quanto aos inimigos de Paulo, é importante que se observe que eram judeus, porquanto, quão demente era seu ódio, sem ainda esquecer o que fomentava seu ódio. Pois enquanto seu alvo era destruí-lo, esforçavam-se por promover o evangelho, por cuja causa lhe eram hostis; mas, sem dúvida, imaginavam que a causa de Cristo ficaria de pé ou cairia[46] na pessoa de um indivíduo. Entretanto, se havia pessoas

42 "Pource que leur zele n'estoit pas pur." – "Porque seu zelo não era puro."

43 "Il se peut bien faire, que celuy qui enseignera vne doctrine purê et saine, aura toutesfois vne mauvaire affection." – "É bem possível que o homem que ensina a doutrina pura e sã, não obstante nutra uma má disposição."

44 "Il ne se faut esbahir si les faux-freres prement occasion de l'evangile, et s'ils s'em forgent des bastons pour tormenter les bons et fideles pasteurs." – "Não deve parecer estranho se falsos irmãos aproveitem a ocasião do evangelho e forjem armas para si com o fim de torturar os pastores bons e fiéis."

45 "Certes le sainct Apostre ne dit rien yci." – "Certamente o santo apóstolo nada diz aqui."

46 "Mais voyla: il leur sembloit que la doctrine consistoit ou tomboit bas." – "Mas, observe bem: é como se para eles a doutrina vigorava ou desvanecia."

invejosas,[47] as quais eram assim acossadas pela ambição, devemos reconhecer a maravilhosa bondade de Deus que, não obstante, deu um resultado contrário a seus sentimentos depravados.

17. Pela defesa do evangelho. Aqueles que realmente amam a Cristo reconhecem que lhes seria uma desgraça se não se associassem com Paulo, como seus companheiros, enquanto mantinham a causa do evangelho; e devemos agir da mesma maneira, procurando oferecer auxílio, até onde isso seja possível, aos servos de Cristo quando se vêem em dificuldades.[48] Observe novamente esta expressão – *pela defesa do evangelho*. Porque, visto que Cristo nos confere tão grande honra, que desculpa teríamos se fôssemos traidores de sua causa;[49] ou, o que se poderá esperar se a trairmos por meio de nosso silêncio, senão que ele, por sua vez, abandonará nossa causa, ele que é nosso único *Advogado*, ou Patrono, *junto ao Pai*?[50] [1Jo 2.1].

18. Mas, que importa? contanto que, de toda maneira, seja por pretexto, seja de verdade, Cristo seja pregado, nisto me regozijo, sim, me regozijarei;

19. porque sei que isto me resultará em salvação, por vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo,

20. segundo minha ardente expectativa e esperança, de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido em meu corpo, seja pela vida, seja pela morte.

21. Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

18. Quid enim? caeterum quovis modo, sive per veritatem, Christus annunciatur: atque in hoc gaudeo, quin etiam gaudebo.

19. Novi enim quod hoc mihi cedet in salutem per vestram precationem, et subministrationem Spiritus Iesu Christi,

20. Secundum expectationem et spem meam, quod in nullo re pudefiam, sed cum omni fiducia, quemadmodum semper, ita et nunc magnificabitur Christus in corpore meo, sive per vitam, sive per mortem.

21. Mihi enim vivendo Christus est, et moriendo lucrum.

47 "Que si c'estoit d'autres que Juifs, ascauoir quelques enuieux de Sanct Paul." – "Mas, se havia outros além dos judeus – alguns que fossem invejosos de S. Paulo."

48 "Estans en quelque necessite." – "Quando estão em qualquer emergência."

49 "Praevaricatores." O termo é empregado pelos escritores clássicos no sentido de trair a causa de um cliente, e, por negligência ou conluio, dar a mão ao oponente. Ver Quinct. ix. 2.

50 "Si nous nous entendons auec la partie aduerse d'iceluy." – "Se nos associarmos com o partido que lhe é oposto."

18. Mas, que importa? Visto que a disposição perversa daqueles de quem ele falava poderia diminuir a aceitação da doutrina,[51] ele diz que isto deve ser tido como importante: que eles, não obstante, promoviam a causa do evangelho, não importa qual seja sua disposição. Pois Deus às vezes realiza uma obra admirável por meio de instrumentos perversos e depravados. Conseqüentemente, ele diz que se alegra com um resultado feliz dessa natureza; porque ele contendia por esta única coisa: ver o reino de Cristo se expandir; justamente como nós, ao ouvirmos o que aquele cão imundo, Carolus,[52] espalhava a mão cheia as sementes da doutrina pura em Avignon e em outros lugares, demos graças a Deus por ele ter feito uso da mais libertina e indigna vilania para sua própria glória; e neste dia nos alegramos no fato de o evangelho avançar através de muitos que, apesar disso, têm outros propósitos em vista. Mas, ainda que Paulo se regozijasse no avanço do evangelho, contudo, embora tivesse o problema em mãos, ele nunca ordenou tais pessoas como ministros. Devemos, pois, regozijar-nos se Deus realiza algo que é bom pela instrumentalidade dos perversos; mas nem por isso devemos ou pôr tais pessoas no ministério, ou considerá-las como ministros legítimos de Cristo.

19. Porque eu sei que. Visto que alguns publicavam o evangelho com o propósito de tornar Paulo odioso, a fim de que acendessem ainda mais contra ele a fúria de seus inimigos, ele lhes informa de antemão que suas tentativas perversas não o prejudicarão, porque o Senhor as converterá em um desígnio contrário. "Ainda que tramem minha destruição, contudo, confio que todas as suas tentativas não surtirão nenhum outro efeito senão que Cristo seja glorificado em mim – o que me é muito mais salutar." Pois, do que segue se faz evidente que ele não está falando da segurança do corpo. Mas, de onde procede tal confiança da parte de Paulo? É do que ele ensina em outro lugar

51 "Pouuoit diminuer l'authorite de la doctrine." – "Pudesse diminuir a autoridade da doutrina."

52 Nosso autor parece aqui fazer referência a Peter Carolus, de quem o leitor achará particular menção em Beza, em seu livro *Vida de Calvino*.

[Rm 8.28] – que todas as coisas contribuem para o bem dos verdadeiros adoradores de Deus, ainda quando o mundo inteiro, o diabo, seu príncipe, conspirem juntos para a ruína deles.

Por vossa oração. Com o intuito de estimulá-los à oração com mais ardor, ele declara estar confiante de que o Senhor lhes dará resposta às suas orações. Tampouco ele usa de dissimulação; pois aquele que depende, para seu auxílio, das orações dos santos[53] confiam a promessa de Deus. Ao mesmo tempo, nada é diminuído da bondade imerecida de Deus, da qual dependem nossas orações, e do que é obtido por meio delas.

Pela provisão. Não presumamos que, porque ele junta duas coisas em uma conexão, conseqüentemente são semelhantes. Portanto, a afirmação deve ser explicada desta maneira: "Sei que tudo isso redundará em meu benefício; pela administração do Espírito, vós também ajudareis com oração" – de modo que a provisão do Espírito é a causa eficiente, enquanto que oração é um auxílio subordinado. Devemos observar ainda a propriedade do termo grego, porque ἐπιχορηγία é empregado no sentido de fornecimento do que está faltando,[54] justamente como o Espírito de Deus derrama sobre nós tudo aquilo do que estamos destituídos.

Ele o chama também de o Espírito de Jesus Cristo, com o intuito de notificar que, se somos cristãos, ele é comum a todos nós, visto que ele foi derramado sobre ele [Jesus Cristo] em toda plenitude, para que, segundo a medida de sua graça, ele fosse dado, na medida da conveniência, a cada um de seus membros.

20. Segundo minha expectativa. É possível que alguém diga: "Do que derivas esse conhecimento?" Ele responde: "Da esperança." Porque, como é certo que Deus de modo algum pretende frustrar nossa esperança, essa mesma [esperança] não deve ser oscilante. Então, que o leitor piedoso observe detidamente este advérbio, *secundum* (*segun-*

53 Certamente, dos santos que ora vivem sobre a terra, e não os que já morreram.

54 "A palavra ἐπιχορηγία, a qual traduzimos por provisão, significa também *fornecimento de tudo quanto se faz necessário*." – Dr. A. Clarke.

do o, a), para que se certifique plenamente em sua própria mente ser impossível que o Senhor não satisfaça nossa expectativa, visto estar ela fundada em sua própria palavra. Ora, ele prometera que jamais estará ausente de nós mesmo em meio a todas as torturas, se porventura em algum tempo formos convocados a fazer confissão de seu nome. Portanto, que todos os piedosos nutram esperança segundo o exemplo de Paulo, e eles não serão envergonhados.

Com toda confiança. Vemos que, ao nutrir esperança, Paulo não se entrega aos desejos carnais, mas põe sua esperança em sujeição à promessa de Deus. "Cristo", diz ele, "se manifestará em meu corpo, seja pela vida, seja pela morte." Não obstante, ao fazer menção expressa do corpo, ele notifica que, em meio aos conflitos da presente vida, ele não nutre um mínimo grau de dúvida quanto ao resultado, pois somos assegurados por Deus quanto a isto. Conseqüentemente, se nos entregarmos à vontade de Deus, e em nossa vida tivermos o mesmo objetivo em vista como teve Paulo, esperarmos, de todas as maneiras possíveis, um resultado positivo, não mais teremos ocasião de temor de que alguma adversidade nos sobrevenha; pois se vivemos e já morremos para ele, então somos dele na vida e na morte [Rm 14.8]. Ele expressa o modo como *Cristo se manifestará* – pela plena certeza. Daí se segue que, através de nossa falta, ele é abatido e aviltado, o quanto estiver em nosso poder fazê-lo, quando damos vazão ao medo. Porventura se sente envergonhado quem considera ser uma leve ofensa tremer, quando chamado a fazer confissão da verdade? Mas, quão envergonhado deve sentir aquele que é tão descaradamente cínico a ponto de ter a audácia de justificar a renúncia!

Ele adiciona *como sempre*, para que confirmem sua fé a partir da experiência pregressa da graça de Deus. Assim, em Romanos 5.4, ele diz: "a experiência gera esperança."

21. Porque, para mim o viver. Os intérpretes têm feito até agora, em minha opinião, uma tradução e exposição errôneas desta passagem; pois fazem esta distinção: que Cristo era a vida para Paulo, e a morte era lucro. Em contrapartida, eu faço Cristo ser o sujeito da

frase em ambas as partes, de modo que ele é declarado como sendo lucro para ele, quer na vida, quer na morte; pois entre os gregos é costumeiro fazer a palavra πρός ficar subentendida. Além disso, este significado é menos forçado, e também corresponde melhor com a afirmação precedente e contém a doutrina mais completa. Ele declara ser-lhe indiferente, e é a mesma coisa, se ele vive ou morre, porque, possuindo Cristo, ele tem ambas as coisas como *lucro*. E, com toda certeza, é somente Cristo que nos faz felizes, quer na morte, quer na vida; de outro modo, se a morte for miserável, a vida de modo algum é mais feliz; de modo a ser difícil determinar se é mais vantajoso viver ou morrer *fora de Cristo*. Em contrapartida, se Cristo está conosco, e abençoar nossa vida, tanto quanto nossa morte, então ambas nos serão felizes e desejáveis.

22. Mas, se o viver na carne me resultar em fruto de meu labor, então não sei o que hei de escolher.

23. Pois me sinto num beco: tendo desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito melhor;

24. Não obstante, permanecer na carne é mais necessário para vós.

25. E, tendo esta confiança, sei que permanecerei com todos vós, para vosso progresso e alegria na fé;

26. Para que vosso regozijo seja mais abundante em Jesus Cristo, para mim, por minha presença de novo convosco.

22. Quodsi vivere in carne operae pretium mihi est, etiam quid eligam ignoro.[55]

23. Coarctor enim ex duobus cupiens dissolvi et esse cum Christo: multo enim hoc melius.

24. Manere vero in carne, magis necessarium propter vos.

25. Atque hoc confisus novi, quod manebo et permanebo cum omnibus vobis, in vestrum profectum et gaudium fidei,

26. Ut gloriatio vestra exsuperet in Christo Iesu de me, per meum rursus adventum ad vos.

22. Mas, se o viver na carne. Como as pessoas em desespero se sentem em perplexidade sobre se devem prolongar sua vida e viver um pouco mais em misérias, ou terminar suas tribulações com a morte, assim Paulo, em contrapartida, diz que se acha, no espírito de

55 "Or encore que viure en chair me fust proufitable, ie ne scay lequel ie doy eslire, ou, Or si viure en chair me est profitable, et que c'eest qu' ie doy eslire, ie ne scay rien." – "Mas ainda que viver na carne não me seja proveitoso, não sei o que devo escolher; ou, Mas se viver na carne me é proveitoso, e isso é o que devo escolher, não sei."

contentamento, bem preparado para a morte ou para a vida, porque a condição dos crentes, seja num caso ou no outro, é bem-aventurada, de modo que ele se sente em dificuldade com a escolha. *Se é conveiente por enquanto*; isto é, "se tenho razão de crer que haverá maior vantagem viver do que morrer, não percebo qual delas devo preferir." *Viver na carne* é uma expressão que ele usa com menosprezo quando ela é comparada com uma vida melhor.

23. Porque, me sinto num beco. Ele não deseja viver com nenhum outro objetivo em vista senão a promoção da glória de Cristo, e fazer o bem aos irmãos. Daí ele enxergar nenhuma outra vantagem em viver senão o bem-estar dos irmãos. Mas, no que diz respeito a si mesmo, ele reconhece que lhe seria preferível morrer logo, visto que [nesse caso] passaria a estar *com Cristo*. Apesar disso, por sua escolha ele revela que ardente amor havia em seu coração. Aqui nada se diz sobre vantagens terrenas, mas sobre benefício espiritual, o qual é um motivo supremamente desejável aos olhos dos santos. Entretanto, como se esquecesse de si mesmo, ele não só se mantém indeciso, para que não levasse em conta seu próprio benefício, e sim o dos filipenses, mas, por fim, conclui que em sua mente devia vencer o interesse deles. E, com toda certeza, isto é na verdade viver ou morrer para Cristo, quando, sendo indiferente em relação a nós mesmos, nos deixemos ser levados aonde quer que Cristo nos chame e, ali, usados.

Tendo o desejo de partir e [de] estar com Cristo. Estas duas coisas têm de ser lidas em conexão. Pois a morte, por si só, nunca será desejável, uma vez que tal desejo se opõe ao sentimento natural, porém, é desejável por alguma razão particular, ou com vistas a algum outro fim. Pessoas em desespero têm recorrido a ela por se sentirem cansadas da vida; os crentes, por sua vez, espontaneamente se apressam para ela, pois [isso] representa um livramento da servidão do pecado e [também] o ingresso no reino celestial. Ora, o que Paulo diz é o seguinte: "Desejo morrer, porque quero, por esse meio, entrar imediatamente na comunhão com Cristo." Entrementes, os crentes não deixam de encarar a morte com horror, mas quando volvem seus

olhos para aquela vida que segue a morte, vencem com facilidade todo medo em virtude dessa consolação. Inquestionavelmente, todo aquele que crê em Cristo deve ser de tal modo corajoso que *erga sua cabeça* ante a menção da morte, com o coração cheio de alegria só de tomar consciência de sua *redenção* [Lc 21.28]. A partir deste fato notamos quantos são os cristãos nominais, visto que a maioria, ao ouvir fazer-se menção da morte, fica não só alarmada, mas se sente quase que desfalecida de medo, como se nunca tivesse ouvido sequer uma palavra sobre Cristo. Quão preciosa e valiosa é uma boa consciência! Ora, a fé é o fundamento de uma boa consciência; não só isso, ela é a própria bondade da consciência.

Partir. É preciso notar bem esta forma de expressão. As pessoas profanas falam da morte como sendo a destruição do homem, como se este perecesse completamente. Aqui, Paulo nos lembra que a morte é a separação entre a alma e o corpo. E ele expressa isso mais plenamente logo a seguir, explicando que condição aguarda os crentes após a morte – *habitação com Cristo*. Estamos com Cristo mesmo nesta vida, visto que o reino de Deus está dentro de nós [Lc 17.21], e Cristo habita em nós pela fé [Ef 3.17], e prometeu que estará conosco até o fim do mundo [Mt 28.20], mas desfrutamos dessa presença só em esperança. Daí, quanto ao nosso sentimento, é-nos informado que, no tocante à presença, estamos longe dele [cf. 2Co 5.6]. Esta passagem é muito útil para afastar a fantasia tola daqueles que sonham que as almas dormem assim que se separam do corpo, pois o apóstolo declara francamente que desfrutamos da presença de Cristo assim que nos livramos do corpo.

25. E, tendo esta confiança. Alguns, vendo como algo inconsistente que o apóstolo se reconheça frustrado em sua expectativa, são de opinião que ele mais tarde foi libertado da prisão e atravessou muitos países do mundo. Não obstante, essa opinião a esse respeito não possui fundamento, pois os santos costumam regular suas expectativas em conformidade com a palavra de Deus, de modo a não prometerem a si próprios mais do que Deus prometeu. Assim, quando tomam posse

de uma marca segura da vontade de Deus, nesse caso depositam sua confiança em uma persuasão igualmente segura, a qual não admite qualquer hesitação. Desta natureza é aquela persuasão relativa à remissão perpétua dos pecados, relativa ao auxílio do Espírito para a graça da perseverança final (como é chamada) e relativa à ressurreição da carne. Desta natureza, igualmente, era a certeza dos profetas com respeito às suas profecias. Quanto às demais coisas, nada esperam exceto condicionalmente, e por isso sujeitam todos os eventos à providência de Deus, que sabem que enxerga mais distintamente do que eles. *Permanecer*, aqui, significa ficar por pouco tempo; *continuar* significa permanecer por longo tempo.

26. Para que vosso regozijo. Traduzi a expressão que ele emprega, ἐν ἐμόι, *de me* (*quanto a mim*), porque se faz um duplo uso da preposição, porém em sentidos distintos. Ninguém, conscientemente, negará que abri fielmente a mente de Paulo. Não aprovo a tradução feita por alguns – *per Christum* (*através de Cristo*). Pois emprega-se *em Cristo* em lugar de *secundum Christum* (*segundo Cristo*), ou *Christiane* (*Cristamente*), para notificar que esse era um modo santo de *gloriar-se*. Pois, de outro modo, somos recomendados a "gloriar-nos somente em Deus" [1Co 1.31]. Daí algumas pessoas maldosas pressionarem Paulo com a objeção: "Como permitir que os filipenses se gloriem sobre ti?" Ele antecipa esta calúnia, dizendo que farão isso *segundo Cristo* – gloriar-se em um servo de Cristo, com vistas à glória de seu Senhor, e isso com um olho na doutrina, mais do que no indivíduo, e em oposição aos falsos apóstolos, justamente como Davi, ao comparar-se com os hipócritas, se gloria em sua justiça [Sl 7.8].

27. Só que vossa conversação seja conveniente ao evangelho de Cristo; para que, eu vá e vos veja, ou esteja ausente, ouça de vossas atividades que estais firmes em um só espírito, combatendo juntos, com uma só mente, pela fé do evangelho;

28. e que em nada sejais atemorizados por vossos adversários; o que para eles é sinal evidente de perdição, para vós é de salvação, e isso da parte de Deus.

27. Tantum digne Evangelio Christi conversamini: ut sive veniens videam vos, sive absens, audiam de vobis, quod stetis in uno spiritu, uma anima, concertantes fide evangelii.

28. Nec ulla in re terreamini ab adversariis, quae illis est demonstrtio exitii: vobis autem salutis, idque a Deo.

29. Pois vos foi dado da parte de Cristo, não só de crerdes nele, mas também de sofrerdes por ele;
30. Tendo o mesmo conflito que vistes em mim, e agora ouvis estar em mim

29. Quia vobis donatum est pro Christo, non tantum ut in illum credatis, sed etiam ut pro ipso patiamini:
30. Idem habentes certamen, quale vidistis in me, et nunc auditis de me.

27. Somente de uma maneira digna do evangelho. Fazemos uso desta forma de expressão quando nos inclinamos a passar para um novo tema. E, assim, é como se ele dissesse: "Mas, quanto a mim, o Senhor proverá; mas quanto a vós, etc., seja o que for que me aconteça, que, apesar de tudo, vossa preocupação seja seguir em frente no curso certo." Ao falar de uma conversação pura e honrosa, como sendo digna do evangelho, ele notifica, em contrapartida, que aqueles que vivem de outra maneira fazem injustiça ao evangelho.

Para que, eu vá e vos veja. Visto que a frase grega usada por Paulo é elíptica, eu fiz uso de *videam* (*eu vejo*), em vez de *videns* (*vendo*). Se isto não for satisfatório, você pode suprir o verbo principal, *Intelligam* (*eu aprenda*), neste sentido: "Se, quando eu for e vos vir, ou se, quando ausente, ouvir sobre vossa condição, eu aprenda de ambos os modos, quer esteja presente e, recebendo informação, que estais *firmes num só espírito*." Entretanto, não carece ficarmos ansiosos quanto aos termos particulares, quando o significado é evidente.

Firmes num só espírito. Certamente, esta é uma das principais excelências da Igreja, e daí ser este um dos meios de preservá-la em um estado saudável, visto que ela se despedaça por causa de dissensões. Mas, embora Paulo estivesse, por meio deste antídoto, fazendo provisão contra doutrinas novas e estranhas, contudo ele requer uma dupla unidade – de *espírito* e de *alma*. A primeira é que tenhamos os mesmos pontos de vista; a segunda é que sejamos unidos no coração. Pois quando esses dois termos são enfeixados, *espírito* denota o *entendimento*, enquanto que *anima* (*alma*) denota a *vontade*. Além do mais, a concordância em pontos de vista vem primeiro em ordem; e então emana dela a união de inclinação.

Combatendo juntos pela fé. Este é o laço mais forte da concórdia, quanto temos de lutar juntos sob a mesma bandeira, pois esta tem sido freqüentemente a ocasião de reconciliar mesmo os mais acirrados inimigos. Daí, a fim de poder confirmar ainda mais a unidade que existia entre os filipenses, ele chama sua atenção para que notem que são companheiros de guerra, que, tendo um inimigo comum e uma guerra comum, devem ter suas mentes unidas na mesma santa harmonia. A expressão de que Paulo faz uso, em grego (συναθλοῦντες τῷ πίστει), é ambígua. O antigo intérprete a traduz assim: *Collaborantes fidei* (*Colaborando com a fé*). Erasmo a traduz assim: *Adiuvantes fidem* (*Auxiliando a fé*), como se significasse que *corroboraram* a *fé* ao máximo de sua força. Apesar disso, como o dativo, em grego, é usado no lugar do oblativo de instrumentalidade (não tendo esse idioma nenhum oblativo), não tenho dúvida de que a intenção do apóstolo é esta: "que a fé do evangelho vos una juntamente, mais especialmente porque é um arsenal contra um e o mesmo inimigo." Desta maneira, a partícula suvn, que outros atribuem à *fé*, tomo em referência aos filipenses, e com maior propriedade, se não me equivoco. Em primeiro lugar, cada um saiba quão eficaz é um incentivo à concórdia, quando temos de manter um conflito juntos; e, mais, sabemos que, numa guerra espiritual, somos armados com o *escudo da fé* [Ef 6.16], para repelir o inimigo; mais ainda, a fé é tanto nossa armadura quanto nossa vitória. Daí ele adicionar esta sentença, para mostrar qual é o propósito de uma conexão piedosa. Os perversos também conspiram juntos para o mal, mas seu acordo é execrável; portanto, porfiemos com uma só mente sob a bandeira da fé.

28. E que em nada sejais atemorizados. O segundo elemento que ele recomenda aos filipenses é o fortalecimento mental,[56] para que não fossem precipitados em confusão pela fúria de seus adversários. Naquele tempo, deflagravam-se as mais cruéis perseguições quase em todos os lugares, porquanto Satanás se esforçava com todo seu poder

56 "La force et constance de courage." – "Força e constância de ânimo."

para impedir o recomeço do evangelho, e ficou ainda mais enfurecido na medida em que Cristo manifestava poderosamente a graça de seu Espírito. Portanto, ele exorta aos filipenses a avançarem destemidos, e a não permitirem o pânico.

O que é para eles sinal evidente. Este é o significado próprio do termo grego, e não havia motivo algum para que outros o traduzissem por *causa*. Pois os perversos, quando deflagram guerra contra o Senhor, já por uma resistência, por assim dizer, dão sinal de sua ruína; e, quanto mais ferozmente insultem os santos, mais se preparam para a ruína. A Escritura, seguramente, em parte alguma ensina que as aflições que os santos suportam dos perversos são a *causa* de sua salvação, no entanto Paulo, em outro exemplo, fala também delas como um *emblema* ou *prova patente* [2Ts 1.5], e em vez de ejvndeixin, que temos aqui, ele, naquela passagem, faz uso do termo ἔνδειγμα.[57] Portanto, este é um excelente conforto: que, quando somos assaltados e importunados por nossos inimigos, temos uma evidência de nossa salvação.[58] Pois as perseguições de certa maneira são selos da adoção para os filhos de Deus, se as suportam com determinação e paciência; os perversos fornecem um emblema de sua condenação, porque tropeçam contra uma pedra pela qual se reduzirão a pedaços [Mt 21.44].

E isso da parte de Deus. Isto se restringe à última sentença, para que a degustação da graça de Deus atenue o amargor da cruz. Naturalmente, ninguém perceberá que a cruz é um emblema ou evidência da salvação, pois estas são coisas contrárias na aparência. Daí Paulo chamar a atenção dos filipenses para outra consideração – que Deus, por sua bênção, converte em ocasião de bem-estar as coisas que, de outro modo, pareceriam tornar-nos miseráveis. Ele o prova a partir disto: que a tolerância da cruz é dom de Deus. Ora, é certo que todos os dons de Deus nos são salutares. "A vós", diz ele, "é dado não só crer

57 "Là ou il vse d'vn mot qui descend d'vn mesme verbe que celuy don til vse yci." – "Onde ele faz uso de uma palavra que vem do mesmo verbo que o que ele emprega aqui."

58 "Cela nous est vne demonstrance et tesmoignage de nostre salut." – "Isto é para nós uma clara prova e emblema de nossa salvação."

em Cristo, mas também sofrer por ele." Daí, até mesmo os próprios sofrimentos são evidências da graça de Deus; e, já que é assim, você tem desta fonte um emblema da salvação. Oh, se tal persuasão fosse entretecida eficazmente em nossas mentes – que, se as perseguições[59] fossem reconhecidas entre os benefícios divinos, que progresso haveria na doutrina da piedade![60] E, no entanto, o que é mais certo senão que, a mais elevada honra que nos é conferida pela graça divina, por seu nome sofremos ou opróbrio, ou prisão, ou misérias, ou torturas, ou inclusive a morte, pois nesse caso ele nos adorna com suas marcas de distinção.[61] Mas, parecerá mais plausível que Deus nos convide a nos apresentarmos com dons dessa natureza do que abracemos com entusiasmo a cruz, quando ela se nos apresenta. Tenhamos cuidado, pois, com nossa estupidez![62]

29. Não só de crerdes. Sabiamente, ele junta a fé com a cruz por uma conexão inseparável, para que os filipenses soubessem que foram chamados à fé em Cristo sob esta condição – que por essa conta eles suportem perseguições, como se quisesse dizer que sua adoção já não podia separar-se da cruz, como Cristo não pode dilacerar-se a si próprio. Aqui ele testifica claramente que a fé, tanto quanto a constância em suportar perseguições,[63] é um dom imerecido de Deus. E, certamente, o conhecimento de Deus é uma sabedoria elevada demais para que o possamos obter por nosso próprio discernimento, e nossa fragilidade se revela nos exemplos diários de nossa própria experiência, quando Deus encolhe sua mão por pouco tempo. Para notificar ainda mais distintamente que ambas as coisas são imerecidas, ele diz expressamente – por causa de Cristo, ou, pelo menos, que nos dadas em decorrência da graça de Cristo; pelo quê ele exclui toda e qualquer idéia de mérito.

59 "Les afflictions et persecutions." – "Aflições e perseguições."

60 "Combien aurions – nous prouffité en la doctrine de vraye religions." – "Quanto progresso faríamos na doutrina da verdadeira religião."

61 "Il nous vest de sa liuree." – "Ele nos adorna com seu uniforme."

62 "Maudite donc soit nostre stupidite." – "Maldita, pois, seja nossa estupidez."

63 "Les afflictions et persecutions." – "Aflições e perseguições."

Esta passagem está também em oposição à doutrina dos escolásticos, em manter que os dons da graça recentemente conferidos são galardões de nosso mérito, com base no que fazemos corretamente no uso daquelas coisas que nos foram previamente outorgadas. De fato, não nego que Deus recompense o uso certo de seus dons da graça, concedendo-nos graça mais amplamente, contanto que apenas não ponhamos os méritos, como fazem, em oposição à sua liberalidade imerecida e ao mérito de Cristo.

30. Tendo o mesmo conflito. Ele confirma ainda, por seu próprio exemplo, o que já dissera, e isto adiciona não pouca autoridade à sua doutrina. Pelo mesmo meio ele lhes mostra ainda que não há razão pela qual se sintam atribulados por causa de suas algemas, assim que visualizarem o resultado do conflito.

Capítulo 2

1. Portanto, se há alguma consolação em Cristo, se algum conforto de amor, se alguma comunhão do Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões,

2. completai minha alegria, para que tenhais o mesmo modo de pensar, pensando a mesma coisa;

3. nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo;

4. não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros.

1. Si qua igitur consolatio (vel, exhortatio) in Christo, si quod solatium dilectionis, si qua communicatio Spiritus, si qua víscera et misericordiae.[1]

2. Implete gaudium meum ut idem sentiatis, eandem habentes caritatem, unanimes, unum sentientes,

3. Nihil per contentionem, aut inanem gloriam, sed per humilitatem alii alios existiment se ipsis excellentiores.

4. Non considerans quisque quod suum est, sed quisque quod est aliorum.

1. Portanto, se há alguma consolação. Há uma extraordinária ternura nesta exortação, na qual Paulo roga, por todos os meios, que os filipenses nutram mutuamente harmonia entre si, para que, no caso de se dilacerarem por contendas domésticas, não se exponham aos embustes dos falsos apóstolos. Pois, quando há desacordzos, invariavelmente há também uma porta amplamente aberta para Satanás difundir doutrinas ímpias, enquanto que permanecer em em harmonia é o melhor baluarte para repeli-las.

Como o termo παρακλήσεως é freqüentemente tomado no sentido de *exortação*, o início da passagem pode ser explicado desta maneira:

---

1 "Entrailles et misericordes, ou, cordiales affections et misericordes." – "Entranhas e misericórdias, ou, afeições e mercês."

"Se alguma exortação, que seja enunciada no nome e pela autoridade de Cristo, tem algum peso para vós." O outro significado, contudo, corresponde melhor ao contexto: "Se há entre vós *alguma consolação em Cristo*", por meio da qual podeis aliviar minhas tristezas, e se me propiciardes *alguma consolação* e alívio, que certamente me deveis no exercício do amor; se vós visualizardes aquela *comunhão do Espírito*, a qual deve tornar-nos todos um; se algum sentimento de humanidade e misericórdia reside em vós, o qual pode estimular-vos a aliviar minhas misérias, *completai minha alegria* etc. Disto podemos inferir quão grande bênção é a unidade na Igreja, e o nível de ardor com que pastores devem agir para assegurá-la.[2] Devemos também, ao mesmo tempo, notar bem como o apóstolo se humilha, implorando de maneira súplice a piedade deles, enquanto poderia ter-se valido de sua autoridade paternal, de modo a exigir seu respeito de seus filhos.[3] Ele sabia como exercer autoridade quando se fazia necessário, mas nesse caso ele prefere usar de um pedido, porque bem sabia que este seria mais apropriado para granjear acesso aos seus afetos,[4] e porque estava ciente de que ele tinha a ver com pessoas que eram dóceis e condescendentes. E é assim que o pastor não deve hesitar em assumir diferentes aspectos por amor à Igreja.[5]

2. Completai minha alegria. Aqui, uma vez mais, podemos ver quão pouca ansiedade Paulo nutria em si mesmo, desde que tudo estivesse bem com a Igreja de Cristo. Ele fora encerrado em prisão e preso com cadeias; fora reconhecido digno de punição capital – que considerava torturas –, a execução se aproximava; no entanto, nenhuma

2 "Et que les pastgeurs le doyuent procurer d'vne affection vehemente et zele ardent." – "E que os pastores devem se esforçar em granjeá-la com desejoso e ardente zelo."

3 "Il peust vser d'authorite paternelle, et demander que pour la reuerence qu'ils luy deuoyent comme ses enfans, ils feissent ce qu'il enseigne yci." – "Ele podia ter exercido autoridade paterna e ter exigido que, em consideração ao respeito que lhe deviam como seus filhos, fizessem o que ele aqui inculca."

4 "Pour entrer dedans leurs coeurs, et es mouuoir leurs affections." – "Para adentrar seus corações e mover suas afeições."

5 "Ned oit faire difficulte de se transformer selon qu'il cognoistra que ce sera la proufit de l'Eglise." – "Não teria hesitação em transformar-se sempre que percebesse ser isto para o progresso da Igreja."

dessas coisas lhe impedia de experimentar alegria, contanto que ele visse as igrejas em boa condição. Ora, o que ele reconhece ser a principal indicação da condição próspera da Igreja é quando prevalece nela mútuo acordo e a harmonia fraternal. Assim o Salmo 137 nos ensina igualmente que nossa máxima alegria é a lembrança de Jerusalém [Sl 137.6]. Mas, sendo essa a completude da alegria de Paulo, os filipenses foram extremamente cruéis se chegaram a torturar a mente deste santo homem com uma dupla angústia, fomentando desacordo entre si.

Que penseis a mesma coisa. Eis a suma: que estivessem unidos nos conceitos e nas inclinações. Pois ele faz menção de concordância em doutrina e amor mútuo; e, mais adiante, reiterando a mesma coisa (em minha opinião), ele os exorta a cultivarem uma só mente e a ter os mesmos pontos de vista. A expressão, τὸ αὐτὸ (*a mesma coisa*), implica que devem acomodar-se uns aos outros. Daí o princípio do amor ser a harmonia de conceitos, mas que não é suficiente, a menos que os corações dos homens sejam, ao mesmo tempo, unidos em mútuo afeto. Ao mesmo tempo, não há inconsistência em traduzi-lo assim: *"para que sejais da mesma mente – quanto a ter amor mútuo, sede de uma só mente e de um só ponto de vista"*; pois não é incomum o uso de particípios no lugar de infinitivos. Entretanto, adotei o ponto de vista que me parece menos forçado.

3. Nada façais por contenda ou vanglória. Estas são duas pestes mui danosas, a perturbar a paz da Igreja. Suscita-se *contenda* quando cada um se dispõe a manter com persistência sua opinião pessoal; e quando, uma vez tenha início, precipita tudo de ponta cabeça[6] na mesma direção em que entrou. A *vanglória*[7] assanha a mente dos homens, de modo que cada um se deleita com suas invenções pessoais. Daí, o único meio de guardar-se contra dissensões

6 "Sans pouuoir estre arrestee." – "Sem possibilidade de ser sustada."

7 "Κενοδόξοι, pessoas cujo objetivo é adquirir poder, e que, se virem outros superiores a si, se sentem ofendidas [Gl 5.26]. Esta κενοδοξία, vanglória, produz contendas de todas as espécies; e produz este mal anexo: que as pessoas que continuam erradas, e que poderiam ser restauradas à verdade e virtude pela humildade, admoestação amigável, amiúde são, pela interferência de instrutores ostensivos e vangloriosos, confirmadas no erro e no vício." – Storr.

é que evitemos contendas, deliberando e agindo pacificamente, especialmente se não nos deixarmos afetar pela ambição. Pois a ambição é o meio de fomentar todo tipo de contendas.[8] *Vanglória* significa qualquer exaltação da carne; pois que base de gloriar-se têm os homens dentro de si, senão a vaidade?

Mas por humildade. Para ambas as doenças Paulo receita um remédio – *humildade* –, e com boas razões, pois ela é a mãe da moderação, cujo efeito é a renúncia de nosso próprio direito, quando damos preferência a outras pessoas, e não nos deixamos facilmente alimentar a agitação. Ele fornece uma definição da verdadeira humildade – quando cada um se estima menos que aos demais. Ora, se algo em toda nossa vida é difícil, para outros pode ser pior. Daí não causar admiração se a humildade é uma virtude tão rara. Porque, como disse alguém,[9] "Cada um tem em si a mente de um rei que reivindica tudo para si mesmo." Veja bem, aqui temos o orgulho. Após acalentarmos a tola admiração de nós mesmos, vem à tona o desdém pelos irmãos. Até aqui partimos do que Paulo anexa, a saber: que alguém dificilmente pode suportar que outros estejam no mesmo nível com ele, pois não existe sequer um que não deseje superioridade.

Indaga-se, porém: como é possível que alguém, que na realidade se destacou dos demais, pode considerá-los como superiores se na verdade sabe que são bem inferiores? Respondo que isto depende totalmente de uma estima correta dos dons de Deus e nossas próprias fraquezas. Pois quem quer que se distinga por dotes excelentes deve ponderar consigo mesmo que eles não lhe foram conferidos para que seja autocomplacente e se exalte, ou mesmo que se mantenha em estima. Ao invés disso, que o mesmo se empregue em corrigir e detectar suas falhas, e então terá muita ocasião para cultivar a humildade. Em contrapartida, em outros ele considerará com honra tudo quanto haja de excelências, e por meio do amor manterá suas falhas no esquecimento. O homem que observar esta regra não sentirá di-

8 "Est lê sufflet qui allume toutes contentions." – "É o grito que inflama todas as contendas."
9 "Comme quelqu'vn a dit anciennement." – "Como alguém disse outrora."

ficuldade em preferir a outra pessoa antes que a si próprio. E isto também Paulo tinha em mente quando adicionou que não deviam levar em conta a si próprios, e sim seu semelhante, ou que não deviam devotar-se a si próprios. Daí ser bem provável que uma pessoa piedosa, mesmo quando seja cônscia de ser superior, não obstante pode manter os outros em maior estima.

5. Tende em vós aquele sentimento que houve também Cristo Jesus;
6. o qual, subsistindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia apegar;
7. mas a si mesmo se esvaziou, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens;
8. e, achado na forma de homem, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.
9. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo nome;
10. para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho das coisas nos céus, e coisas na terra, e coisas debaixo da terra,
11. e que toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

5. Hoc enim sentiatur in vobis quod et in Christo Iesu:
6. Qui quum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus esset, Deo aequalem se esse:
7. Sed se ipsum exinanivit, forma servi accepta, in similitudine hominum constitutus, et forma repertus ut homo.
8. Humiliavit, inquam, se ipsum, factus obediens usque ad mortem, mortem vero crucis.
9. Quamobrem et Deus illum superexaltavit, et dedit illi nomen quod esset super omne nomen,
10. Ut in nomine Iesu omne genu flectatur, caelestium, terrestrium, et infernorum.
11. Et omnis lingua onfiteatur, quod Dominus Iesus in gloriam est Dei Patris.

5. Paulo agora recomenda, com base no exemplo de Cristo, o exercício da humildade, à qual ele os exortou em palavras. Entretanto, há duas etapas: na primeira, ele nos convida a imitarmos a Cristo, porque esta é a norma da vida;[10] na segunda, ele nos atrai para essa norma, porque esta é a estrada pela qual tomamos posse da verdadeira glória. Daí ele exortar a cada pessoa a cultivar a mesma disposição que houve em Cristo. Em seguida, ele mostra qual é o padrão da humildade exibido em Cristo à nossa vista. Retive a forma passiva do verbo, ainda que não desaprove a tradução dada por outros, porquanto não há diferen-

10 "Pourceque l'imitation d' iceluy est la regle de bien viure." – "Porque imitá-lo é a norma do viver correto."

ça quanto ao significado. Simplesmente desejo que o leitor conheça a mesma forma de expressão que Paulo empregou.

6. O qual, subsistindo na forma de Deus. Esta não é uma comparação entre coisas semelhantes, mas sim algo como "maior e menor". A humildade de *Cristo* consistiu em ele descer, do pináculo mais elevado de glória à ignomínia mais baixa; *nossa* humildade consiste em refrear-nos de uma exaltação egoísta por uma falsa estima. *Ele* renunciou ao seu direito; tudo o que se requer de *nós* é que não assumamos para nós mesmos mais do que devemos. Daí ele especificar isto: que, "o qual, subsistindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus como coisa a que se devia apegar; mas a si mesmo se esvaziou." Visto, pois, que o Filho de Deus desceu de uma altitude tão imensa, quão irracional seria que nós, que nada somos, tentássemos nos exaltar tão orgulhosamente!

Aqui, a *forma de Deus* representa sua majestade. Pois como um homem é conhecido pela aparência de sua *forma*, assim a majestade, que resplandece em Deus, é sua figura.[11] Ou, se você preferir uma figura mais apropriada, a *forma* de um *rei* é sua equipagem e magnificência, o que o exibe como rei – seu cetro, sua coroa, sua vestimenta,[12] seus assistentes,[13] seu tribunal e outros emblemas de realeza; a *forma* de um *cônsul* era sua longa túnica, bordada de púrpura, seu trono de marfim, seus litores com bordões e machadinhas. Cristo, pois, antes da criação do mundo, subsistia na forma de Deus, porque desde o princípio ele possuía sua glória junto com o Pai, como ele diz em João 17.5. Porque, na sabedoria de Deus, antes de assumir nossa carne, não havia nada que fosse humilde ou desprezível; mas, ao contrário, havia uma magnificência digna de Deus. Subsistindo tal como era, ele pôde, sem fazer injustiça a ninguém, *exibir-se como igual a Deus*; mas ele não

11 "Car tout ainsi qu'vn homme est cognu quand on contemple la forme de son visage et sa personne, aussi la maieste, qui reluit en Dieu, est la forme ou figure d'iceluy." – "Porque assim como um homem é conhecido, quando caracterizamos a forma de sua aparência e de sua pessoa, assim a majestade, que resplandece em Deus, é sua forma ou figura."

12 "Lê manteau royal." – "Sua vestimenta régia."

13 "La garde a l'entour." – "A guarda em serviço."

se manifestou como sendo o que realmente era, nem assumiu publicamente à vista dos homens o que lhe pertencia por direito.

Não considerou como usurpação. Não teria havido erro algum caso tivesse exibido *sua igualdade com Deus*. Pois quando diz: *ele não considerou*, é como se dissesse: "De fato ele sabia que isso lhe era legítimo e um direito", para que saibamos que seu aviltamento foi voluntário, não por necessidade. Até aqui a tradução foi feita no indicativo – *ele considerou* –, mas a conexão requer o subjuntivo. É também algo bem costumeiro Paulo empregar o pretérito do indicativo no lugar do subjuntivo, levando a partícula potencial, ἄν, como é chamada, a ser suprida – como, por exemplo, em Romanos 9.3, ηὐχόμην, "pois eu teria desejado"; e em 1Coríntios 2.8, εἰ γὰρ ἔγνωσαν, "se tivessem conhecido". Não obstante, cada um deve perceber que Paulo até aqui tratou da glória de Cristo, a qual tende a reforçar seu aviltamento. Conseqüentemente, ele menciona não o que o Cristo fez, mas o que lhe era lícito fazer.

Mais do que isso: aquele que não perceber que a eterna divindade [de Cristo] se expressa com clareza nessas palavras está completamente cego! Tão pouco Erasmo age com a modéstia que deveria ao tentar, por meio de suas picuinhas, modificar esta passagem, bem como outras passagens semelhantes.[14] De fato ele reconhece, por toda parte, que Cristo é Deus; mas de que me aproveita tal confissão ortodoxa se minha fé não for sustentada por alguma autoridade bíblica? Por certo que reconheço que Paulo não faz menção, aqui, da essência divina de Cristo; mas disto não se segue que a passagem não seja suficiente para repelir a impiedade dos arianos, que pretendiam que Cristo fosse um Deus criado e inferior ao Pai, e que negavam que ele era consubistancial.[15] Ora, será que pode haver *igualdade com Deus* sem *usurpação*, se não houver necessariamente também a essência de Deus? É Isaías quem afirma que Deus sempre permanece o mesmo:

14 "Comme s'ils ne faisoyent rien a ce propos-la." – "Como se eles não tivessem posição nesse ponto."

15 "C'est à dire d'vne mesme substance auec le Pere." – "Equivale a dizer, da mesma substância que o Pai."

"Minha glória não a darei a outrem" [Is 48.11]. *Forma* significa figura ou aparência, como comumente se fala. Prontamente admito isso também; mas é possível encontrar, senão em Deus, tal *forma*, sem que seja ou falsa ou forjada? Assim, do mesmo jeito que Deus é conhecido por meio de suas excelências e que suas obras evidenciam sua eterna Deidade [Rm 1.20], a essência divina de Cristo é demonstrada claramente na majestade de Cristo, a qual ele possuía igualmente com o Pai, antes mesmo de se humilhar. No que me diz respeito, pelo menos, nem ainda todos os demônios adulterariam esta passagem, já que há em Deus um argumento bem sólido, a partir de sua glória para sua essência, as quais são duas coisas inseparáveis.

7. A si mesmo se esvaziou. Este *esvaziamento* é o mesmo que aviltamento, sobre o qual veremos mais adiante. Não obstante, a expressão é usada ευμφατικωτέρως (*mais enfaticamente*) para significar: sendo reduzido a nada. De fato Cristo não podia despir-se da Deidade; mas ele a manteve escondida por algum tempo, para que não fosse vista, sob a fragilidade da carne. Daí ele abrir mão da sua glória, pelo prisma humano, não a fim de diminuí-la, e sim para a ocultar.

Indaga-se se ele fez isso como homem. Erasmo responde na afirmativa. Todavia, onde estava a *forma de Deus* antes de se tornar homem? Daí, devemos responder que Paulo fala de Cristo em sua totalidade, como Deus manifestado na carne [1Tm 3.16]; mas, não obstante, este esvaziamento é aplicável exclusivamente à sua humanidade, como se eu dissesse do homem: "O homem, sendo mortal, seria excessivamente sem sentido se ele em nada mais pensasse senão no mundo"; de fato me refiro ao homem em sua totalidade; mas, ao mesmo tempo, atribuo mortalidade só a uma parte dele, a saber, ao corpo. Como, pois, Cristo tem uma só pessoa, consistindo de duas naturezas, é com propriedade que Paulo diga que ele, que era o Filho de Deus – na realidade igual a Deus –, não obstante abriu mão da sua glória, quando na carne se manifestou na aparência de um servo.

Indaga-se ainda, em segundo lugar, como é possível dizer que ele *se esvaziou*, enquanto que, não obstante, demonstrava, mediante mila-

gres e excelências, ser o Filho de Deus, e em quem, como João testifica, sempre se contemplou uma glória digna do Filho de Deus [Jo 1.14]? Respondo que o aviltamento da carne era, apesar de tudo, como que um véu a esconder sua majestade divina. Foi por isso mesmo que ele não queria que sua transfiguração viesse a público, mesmo depois da sua ressurreição; e, quando ele percebe que a hora de sua morte se avizinhava, então diz: "Pai, glorifica a teu Filho" [Jo 17.1]. Daí também Paulo ensinar em outro lugar que ele "foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos" [Rm 1.4]. E, em outro lugar, também declara que "ele sofreu pela fraqueza da carne" [2Co 13.4]. Enfim, a imagem de Deus resplandeceu em Cristo de tal maneira que ele foi, ao mesmo tempo, aviltado em sua aparência externa, nada valendo na estima dos homens; pois ele portava a *forma de servo* e assumiu nossa natureza, com vistas expressamente a ser servo do Pai; pior ainda, inclusive dos homens. Paulo o chama ainda de "Ministro da Circuncisão" [Rm 15.8]; e ele mesmo testifica de si que veio *ministrar* [Mt 20.28]; e que a mesma coisa fora há muito tempo predita por Isaías: "Eis que meu servo" [Is 52.13], etc.

Tornando-se semelhante aos homens. Γενόμενος, aqui, é equivalente a *constitutus* (*tendo sido designado*). Pois Paulo quer dizer que Cristo foi reduzido ao nível do ser humano, de modo que não havia em sua aparência nada que diferisse da condição ordinária do gênero humano. Os marcionitas perverteram esta declaração com o propósito de estabelecer o fantasma de seus sonhos. No entanto, podem ser refutados sem grande dificuldade, visto que Paulo, aqui, está tratando simplesmente da maneira em que Cristo se manifestou, e da condição em que ele se tornou quando entrou no mundo. Se alguém é realmente homem, e não obstante foi tido como diferente dos outros, então que se conduza como se fosse isento da condição dos demais. Paulo declara que esse não foi o caso com Cristo, senão que ele viveu de tal maneira que era como se fosse nivelado ao gênero humano, e contudo era mui distinto de um mero homem, embora fosse verdadeiro homem. Portanto, os marcionitas mostraram excessiva infantilidade

ao extrair um argumento da similaridade de condição com o intuito de negar a realidade da natureza.

Achado, aqui, significa *conhecido* ou *visto*. Porquanto ele trata, como já se observou, da avaliação. Em outros termos, como ele afirmou previamente que ele era realmente Deus, em igualdade com o Pai, assim ele, aqui, declara que foi considerado, por assim dizer, desprezível e na condição comum do gênero humano. Devemos ter sempre em vista o que eu disse pouco antes: que tal aviltamento foi voluntário.

8. Ele se tornou obediente. Mesmo isto constituiu profunda humildade – a de ser Senhor e vir a ser um servo; mas o apóstolo diz que ele foi mais que isso, porque, enquanto era não só imortal, mas ainda o Senhor da vida e da morte, não obstante veio a ser obediente a seu Pai, inclusive a ponto de suportar a morte. Isto constituiu o aviltamento extremo, especialmente quando nos conscientizamos do tipo de morte, o que ele imediatamente acresce, com vistas a agravá-lo.[16] Porque, ao morrer desta maneira, ele não só foi coberto de ignomínia aos olhos de Deus, mas também foi amaldiçoado aos olhos de Deus. É certamente um modelo desse tipo de humildade que deve absorver a atenção de toda a humanidade; até que seja possível desdobrá-la em palavras, de forma adequada à sua dignidade.

9. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente. Ao incluir consolação, ele mostra que o aviltamento, ao qual a mente humana é relutante, é desejável no grau máximo. Não se achará ninguém, é verdade, que reconheça ser algo racional o que nos é requerido, quando somos exortados a imitar a Cristo. Esta consideração, contudo, nos estimula a imitá-lo com todo entusiasmo, quando aprendemos que nada nos é mais vantajoso do que nos conformarmos à sua imagem. Ora, é feliz todo aquele que, juntamente com Cristo, voluntariamente se humilha; e ele mesmo o demonstra com seu exemplo; porque, da condição mui desprezível ele foi exaltado a uma elevação suprema. Portanto, todo aquele que se humilha será de modo semelhante exal-

16 "Pour amplifier et exaggerer la chose." – "Com vistas a ampliar e intensificar a coisa."

tado. Ora, quem se sentirá relutante em exercer humildade, por meio da qual se obtém a glória do reino celestial?

Esta passagem tem propiciado ocasião aos sofistas, ou, melhor, eles têm se assenhoreado dela, para alegarem que Cristo veio para granjear mérito, primeiramente para si mesmo, e depois para outros. Ora, em primeiro lugar, mesmo que nada houvesse de falso nesta alegação, não obstante seria oportuno evitar tais especulações profanas que obscurecem a graça de Cristo – imaginar que ele veio por qualquer outra razão e não com vistas à nossa salvação. Quem não percebe ser esta uma sugestão de Satanás – que Cristo sofreu no madeiro com o fim de adquirir para si, pelo mérito de sua obra, o que ainda não possuía? Pois o desígnio do Espírito Santo é que nós, na morte de Cristo, nada vemos, provamos, ponderamos, sentimos e reconhecemos senão a pura bondade de Deus, e o amor de Cristo para conosco, o qual era tão imenso e inestimável, que, desconsiderando a si próprio, devotou a si e a sua vida para nosso bem. Em todo transe em que as Escrituras falam da morte de Cristo, elas nos assinalam sua vantagem e preço: que, por meio dela, somos redimidos; reconciliados com Deus; restaurados à justiça; purificados de nossas poluições; a vida nos é conquistada e os portões da vida, abertos. Quem, pois, negaria ser por instigação de Satanás que as pessoas referidas mantêm, em contrapartida, que a parte principal da vantagem está em Cristo mesmo – que em consideração a si próprio ele manteve a precedência daquilo que tinha para nós; que ele mereceu para si glória antes de merecer-nos salvação?

Ademais, nego a veracidade do que alegam, e mantenho que as palavras de Paulo são impiamente pervertidas para alegar sua falsidade; porquanto a expressão, **por esta causa**, denota, aqui, uma conseqüência, antes que uma razão, e se manifesta disto: que de outro modo se seguiria que um homem poderia merecer honras divinas e adquirir o próprio trono de Deus – o que é não meramente absurdo, mas inclusive medonho até mesmo de mencionar. Pois, de que exaltação de Cristo o apóstolo fala aqui? É que tudo quanto fosse realizado nele, Deus, pelo profeta Isaías, reivindica exclusivamente para si. Daí a gló-

ria de Deus, e a majestade, que lhe é tão peculiar, que não podem ser transferidas a nenhum outro, serão recompensa de esforço humano!

Uma vez mais, se insistem no modo de expressão, sem qualquer consideração ao absurdo que seguirá, a resposta será fácil – que ele nos foi dado pelo Pai de maneira tal que toda sua vida é como um espelho que é posto diante de nós. Como, pois, um espelho, ainda que tenha esplendor, não o tem de si próprio, mas com vistas a ser vantajoso e proveitoso a outros; assim Cristo não buscou nem recebeu nada para si mesmo, mas tudo para nós. Pois que necessidade, pergunto, tinha ele, que era igual ao Pai, de uma nova exaltação? Então, que os leitores piedosos aprendam a detestar os sofistas de Sorbonne com suas especulações pervertidas.

E lhe deu um nome. Aqui, emprega-se *nome* no sentido de dignidade – uma forma de expressão que é muito comum em todos os idiomas – "Jacet sine nomine truncus – Ele é um esqueleto acéfalo e anônimo."[17] O modo de expressão, contudo, é mais especialmente comum na Escritura. Portanto, o significado é que foi dado a Cristo o poder supremo, e que ele foi posto na mais elevada posição de honra, de modo que não se acha dignidade, seja no céu, seja na terra, que seja igual à dele. Daí se segue que o mesmo é um nome divino.[18] Ele explica isto também citando as palavras de Isaías, onde o profeta, ao tratar da propagação do culto divino por todo o orbe, apresenta Deus falando assim: "Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua" [Is 45.23]. Ora, é indubitável que aqui se trata da adoração, a qual pertence peculiarmente a Deus somente. Estou ciente de que alguns filosofam com sutileza em torno do nome *Jesus*, como se ele se derivasse do nome inefável *Jeová*.[19] Apesar disso, não encontro solidez na razão que eles evocam. Quanto a

17 Virgílio, *Eneida*, ii. 557, 558.

18 "Et de cela il s'en ensuit, que c'est vn nom ou dignite propre a Dieu seul." – "E disto se segue ser o mesmo um nome ou dignidade que pertence exclusivamente a Deus."

19 "Comme s'il estoit deduit du nom Jehouah, lequel les Juifs par superstition disent qu'il n'est licite de proferer." – "Como se ele se derivasse do nome *Jeová*, o qual os judeus supersticiosamente afirmam não ser lícito pronunciar."

mim, não sinto prazer em sutilezas fúteis;[20] e é perigoso tagarelar sobre uma questão tão importante. Além disso, quem não percebe ser forçado, além de não ser genuíno, restringir seu significado a duas sílabas, como se alguém fosse examinar atentamente as letras da palavra *Alexandre* a fim de encontrar nelas a grandeza do nome que Alexandre adquiriu para si. Sua sutileza, pois, não é sólida, e o artifício é estranho à intenção de Paulo. Mas, pior que ridícula é a conduta dos sofistas de Sorbonne, que inferem da passagem que se acha diante de nós que devemos dobrar os joelhos sempre que o nome de *Jesus* for pronunciado, como se ele fosse uma palavra mágica que possui toda virtude no seu próprio som.[21] Paulo, em contrapartida, fala da honra que deve ser rendida ao Filho de Deus – não a meras sílabas.

10. Para que se dobre todo joelho. Ainda que se deva mostrar respeito também pelos homens, por meio deste rito, não pode haver dúvida que o que aqui está implícito é aquela adoração que pertence exclusivamente a Deus, da qual o curvar-se é um emblema.[22] Quanto a isto, é oportuno observar que Deus deve ser adorado não meramente com o afeto íntimo do coração, mas também pela profissão externa, se quisermos render-lhe o que lhe é devido. Daí, em contrapartida, ao descrever seus genuínos adoradores, ele diz: "todos os joelhos que não se dobraram a Baal" [1Rs 19.18].

Aqui, porém, surge uma pergunta: isto se relaciona com a divindade de Cristo, ou com sua humanidade, porquanto qualquer das duas contém alguma inconsistência, visto que não se poderia outorgar nada novo à sua divindade; e à sua humanidade, em si mesma, vista separadamente, de modo algum possui alguma exaltação que pudesse ser adorada como Deus? Respondo que isto, como muitas outras coisas, é afirmado em referência à pessoa inteira de Cristo, vista como "Deus manifestado na carne" [1Tm 3.16]. Pois ele não se aviltou, seja quan-

20 "En ces subtilitez vaines et frivoles." – "Nestas sutilezas fúteis e frívolas."

21 "Duquel toute la vertu consitast au son et en la prononciation." – "Toda a virtude de que consistia no som e pronúncia."

22 "Vn signe et ceremonie externe." – "Um sinal e rito externo."

to à humanidade sozinha, ou quanto à divindade sozinha, senão que, uma vez que ele se vestiu de nossa carne, ele se ocultou sob sua fragilidade. De modo que Deus exaltou seu próprio Filho na mesma carne na qual vivera no mundo abjeto e desprezível, à mais elevada posição de honra, para que se assentasse à sua destra.

Contudo, Paulo parece ser inconsistente consigo mesmo; pois, em Romanos 14.11, ele cita esta mesma passagem, quando ele tem em vista provar que Cristo um dia será o Juiz de vivos e de mortos. Ora, não seria aplicável àquele tema se já houvesse concretizado o que ele declara aqui. Respondo que o reino de Cristo possui uma base tal que a todo dia vai crescendo e avançando em perfeição, enquanto que, ao mesmo tempo, ainda não atingiu a perfeição, nem será reconhecido assim até o dia final. Assim, ambas as coisas se mantêm verdadeiras – que todas as coisas ora estão sujeitas a Cristo, e que esta sujeição, não obstante, não se completará até o dia da ressurreição, porque aquilo que agora apenas começou então se completará. Daí não ser sem razão que esta profecia se aplica de diferentes maneiras e em diferentes tempos, como também todas as demais profecias que falam do reinado de Cristo não se restringem a um só tempo particular, mas o descreve em todo seu curso. Não obstante, disto inferimos que Cristo é aquele Deus eterno que falou pelos lábios de Isaías.

Das *coisas* no céu, e *coisas* na terra, e *coisas* debaixo da terra. Visto que Paulo representa todas as coisas do céu e do inferno como sujeitas a Cristo, os papistas tagarelam infantilmente quando extraem o purgatório de suas palavras. Entretanto, seu raciocínio é como segue: que os demônios estão longe de dobrar os joelhos diante de Cristo; que eles, de toda forma, lhe são rebeldes e fomentam a rebelião em outros, como se, ao mesmo tempo, não estivesse escrito que *tremem* só à menção de Deus [Tg 2.19]. Como será, pois, assim que chegarem perante o tribunal de Cristo? Aliás, confesso que eles não estão, e jamais estarão, sujeitos a ele espontaneamente e mediante uma submissão jubilosa; Paulo, porém, aqui não está falando de obediência voluntária; mais ainda, podemos, ao contrário, revidar-lhes com um

argumento, à guisa de *represália* (αντιστρέφον), desta maneira: "O fogo do purgatório, segundo eles, é temporário e será apagado no dia do juízo; daí, esta passagem não pode ser entendida quanto ao purgatório, porque Paulo, em outro lugar, declara que esta profecia não se cumprirá até que Cristo se manifeste para juízo." Quem não percebe que são duplamente infantis com respeito a estas aversivas frivolidades?[23]

11. É Senhor, para a glória de Deus Pai. É também possível ler assim: "*na* glória", porque a partícula εἰς (*para*) às vezes é usada no lugar de ἐν (*em*). Não obstante, prefiro reter sua significação própria, como significando que, como a majestade de Deus se manifestou aos homens através de Cristo, assim ela resplandece em Cristo, e o Pai é glorificado no Filho. Veja João 5.17 e você achará uma exposição desta passagem.

12. De sorte que, meus amigos, do modo como sempre obedecestes, não como em minha presença somente, mas muito mais agora em minha ausência, desenvolvei vossa salvação com temor e tremor;

13. [porque] é Deus que opera em vós tanto o querer quanto o fazer, segundo seu beneplácito.

14. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas;

15. para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados, no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo,

16. retendo a palavra da vida; para que no dia de Cristo eu me regozije de não ter corrido em vão nem de trabalhado em vão.

12. Itaque amici mei, quemadmodum semper obedistis, ne quasi in praesentia meã solum, sed nunc multo magis in absentia meã, cum timore et tremore vestram salutem operamini:

13. Deus enim est, qui efficit in vobis et velle et efficere, pro bona voluntate.

14. Omnia facite absque murmurationibus et disceptationibus,

15. Ut sitis tales, de quibus nemo conqueratur, et sinceri filii Dei irreprehensibiles, in medio generationis pravae et tortuosae, inter quos lucete, tanquam luminaria in mundo:

16. Sermonem vitae sustinentes, in gloriam meam, in diem Christi, quod non frustra cucurrerim, nec frustra laboraverim.

12. De sorte que, etc. Ele conclui toda a exortação precedente

23 "Quin e voit qu'ils sont plus qu' enfans em telles subtilitez friuoles et niaiseries qu'ils affectent?" – "Quem não percebe que são piores que crianças em tais frívolas sutilezas e tolices que simulam?"

com uma afirmação geral – que deveriam humilhar-se sob a mão do Senhor, pois que prontamente assim se assegurarão de que, ao deixar de lado a arrogância, serão mansos e indulgentes uns com os outros. Este é o único modo condizente em que a mente do homem pode aprender a mansidão: quando ele, enquanto se via à parte de si mesmo, se deleitando em seus lugares secretos, passa a examinar-se pelo prisma de Deus.

Como sempre obedecestes. Ele recomenda sua obediência prévia, com o fim de encorajá-los a perseverarem mais. No entanto, como é a posição dos hipócritas aprovar-se diante dos demais, mas, tão logo se afastem dos olhos públicos, se deleitam mais livremente, como se fosse removida toda e qualquer ocasião de reverência e temor, ele os admoesta a não se mostrarem "obedientes meramente em sua presença, mas também, e inclusive, "muito mais em sua ausência". Pois, se estivesse presente, poderia estimulá-los e instá-los com admoestações contínuas. Portanto, agora, quando seu monitor se acha distante deles,[24] há necessidade de que se estimulem reciprocamente.

Com temor e tremor. Desta forma ele queria que os filipenses testificassem e aprovassem sua obediência – sendo submissos e humildes. Ora, a fonte da humildade é esta: reconhecer o quanto somos miseráveis e desprovidos de todo bem. É para isto que ele os convoca nesta declaração. Pois de onde procede o orgulho, senão da segurança que a confiança cega produz, quando nos agradamos e quando nos revestimos muito mais de confiança em nossa virtude pessoal do que de preparo para descansar na graça de Deus? Em contraste com este vício está aquele *temor* que ocasiona suas exortações. Ora, ainda que a exortação preceda a doutrina, na conexão da passagem, na realidade ela é posterior, em questão de arranjo, visto que aquela se deriva desta. Conseqüentemente, ele começará com a doutrina.

13. É Deus quem opera. Este é o verdadeiro mecanismo que lan-

24 "maintenant donc qu'il est loin d'eux, et qu'il ne les peut plus admonester en presence." – "Portanto, agora, quando ele se acha distante deles, e não mais pode admoestá-los quando presente."

ça por terra toda arrogância – é a espada que põe fim a todo orgulho, quando aprendemos que somos meramente nada, e nada podemos fazer, a não ser pela graça de Deus somente. Quero dizer a graça supernatural que procede do espírito de regeneração. Pois, considerados como meros homens, "só existimos, vivemos e nos movemos em Deus" [At 17.28]. Aqui, porém, Paulo raciocina quanto a um tipo de *movimento* diferente daquele universal. Observemos agora quanto ele atribui a Deus e quanto ele deixa para nós.

Há, em qualquer ação, dois departamentos principais – a inclinação e o poder de execução. Ele atribui totalmente a Deus ambos esses elementos; o que mais nos resta como base de vanglória? Nem mesmo há alguma razão para se duvidar de que esta divisão tem a mesma força como se Paulo expressasse tudo numa única palavra; pois a inclinação é a obra; a realização dela é o topo do edifício levado à completação. Ele, pois, disse muito mais do que se tivesse dito que Deus é o Autor do "começo" e do "fim". Pois, nesse caso, os sofistas teriam alegado, astuciosamente, que o "meio" foi deixado aos homens. Mas como é possível que descubram aquilo que, em algum grau, cabe somente a nós [realizar]? Trabalham arduamente em suas escolas a fim de conciliar o livre-arbítrio com a graça de Deus – [livre-arbítrio], quero dizer, como o concebem – a ponto de poder surgir por força própria e que tem um poder peculiar e distinto pelo qual ele pode cooperar com a graça de Deus. Não rejeito o nome, e sim a coisa em si. Para que o livre-arbítrio se harmonize com a graça, eles os separam de tal maneira que Deus restaura em nós uma livre escolha, para que tenhamos em nosso próprio poder o *querer* corretamente. E assim eles reconhecem haver recebido de Deus o poder de querer corretamente, porém designam ao homem uma inclinação boa. Entretanto, Paulo declara que esta é uma obra de Deus, sem qualquer reserva. Pois ele não diz que nossos corações são simplesmente convertidos ou despertados, ou que a falta de firmeza de [alguém com] boa vontade é auxiliada, mas que uma inclinação positiva é uma obra inteiramente de Deus.

Ora, na calúnia que eles apresentam contra nós – de que enxerga-

mos os homens como pedras quando ensinamos que nada possuem de bom, exceto o que procede da mais pura graça, agem de maneira despudorada. Pois reconhecemos que temos da natureza uma inclinação, porém, visto ser ela depravada em decorrência do pecado, ela só começa a ser boa quando é renovada por Deus. Tampouco dizemos que uma pessoa faz algo bom sem o querer, porém ele só faz isso quando sua inclinação é regulada pelo Espírito de Deus. Daí, no que diz respeito a este ponto, vemos que todo o louvor é atribuído a Deus, e que o que os sofistas nos ensinam é frívolo – que a graça nos é oferecida e posta, por assim dizer, em nosso meio para que a abracemos se a quisermos. Porque, se Deus não operasse em nós eficazmente, não se poderia dizer que ele produz em nós uma inclinação positiva ou boa. Quanto ao segundo departamento, devemos adotar o mesmo ponto de vista. "Deus", diz ele, "é ὁ ἐνεργῶν το ἐνεργεῖν – aquele que opera em nós o fazer." Portanto, ele leva à perfeição aquelas disposições piedosas que já implantou em nós, para que não sejamos improdutivos, segundo promete por meio de Ezequiel: "Para que andem em meus estatutos, e guardem minhas ordenanças e as cumpram; e eles serão meu povo e eu serei seu Deus" [Ez 11.20]. Disto inferimos que a perseverança também provém de seu dom gratuito.

Segundo seu beneplácito. Há quem explique isto no sentido de "a boa intenção da mente".[25] Em contrapartida, eu interpreto antes como uma referência a Deus, e o entendo como sendo sua benevolente disposição, a qual comumente chamam *beneplacitum* (*bel-prazer*). Pois o termo grego, εὐδοκία, é mui freqüentemente empregado neste sentido; e o contexto o requer. Porquanto Paulo tem em vista atribuir tudo a Deus, bem como tirar tudo de nós. Conseqüentemente, não satisfeito em atribuir a Deus a produção, seja do *querer*, seja do *fazer* corretamente, ele atribui ambos à sua misericórdia imerecida. Por este meio, ele obstrui o artifício dos sofistas quanto à *graça subseqüente*, a qual

25 "Aucuns exposent le mot Grec, bom propos et bom coeur, le rapportans aux hommes." – "Há quem explique o termo grego como significando um bom propósito e um bom coração, fazendo-o referir-se aos homens."

imaginam ser a recompensa do mérito. Daí ele ensinar que todo o curso de nossa vida, se vivemos corretamente, é regulado por Deus, e isso também provém de sua bondade imerecida.

Com temor e tremor. Disto Paulo deduz uma exortação – que devem "desenvolver sua salvação com temor e tremor". Ele agrega, como de costume, *temor* e *tremor*, em virtude de maior intensidade, para denotar temor sério e ansioso. Conseqüentemente, ele reprime tanto o torpor quanto a segurança. Pelo termo *desenvolver* ele reprova nossa indolência, a qual é sempre engenhosa e busca vantagens.[26] Ora, é como se a mesma tivesse na graça de Deus uma doce ocasião de repouso; pois se ele *opera em nós*, por que não nos entregarmos ao ócio? Entretanto, o Espírito Santo nos chama a ponderarmos que ele deseja operar nos órgãos vivos, porém imediatamente reprime a arrogância, recomendando *temor* e *tremor*.

Mas é preciso também observar criteriosamente a inferência: "Tendes", diz ele, "todas as coisas da parte de Deus; portanto, sede solícitos e humildes." Pois nada há que deve educar-nos mais à modéstia e temor do que nos deixarmos ensinar que é pela graça de Deus somente que ficamos de pé e instantaneamente caímos, se ele, mesmo no mínimo grau, retrair sua mão. A confiança em nós mesmos produz displicência e arrogância. Bem sabemos, pela experiência, que todos quantos confiam em sua própria força se tornam insolentes através da presunção, e, ao mesmo tempo, desprovidos de cuidado, se entregam ao sono. O remédio para ambos os males é este: desconfiando de nós mesmos, que possamos depender inteira e exclusivamente de Deus. É indubitável que o homem que tem feito decisivo progresso no conhecimento, tanto da graça de Deus quanto de sua própria fragilidade, desperto da displicência, diligentemente busca[27] o auxílio divino; enquanto que os que se enchem de uma confiança soberba, depositada em sua própria força, necessariamente e ao mesmo tempo vivem em

26 "Ingenieuse a cercher ses auantages, et quelques vaines excuses." – "Engenhosa em busca de suas vantagens e alguns vãos pretextos."

27 "Cerche songneusement et implore." – "Diligentemente busca e implora."

um estado de inebriada segurança. Daí ser uma calúnia sem-vergonha a que os papistas lançam contra nós – que, ao enaltecermos a graça de Deus, e derrubarmos o livre-arbítrio, tornamos os homens indolentes, lançamos fora o temor de Deus e destruímos todo e qualquer senso de preocupação. É óbvio, contudo, a todo leitor, que Paulo encontra aqui motivo de exortação – não na doutrina dos papistas, mas na que é mantida por nós. "Deus", diz ele, "opera em nós todas as coisas; portanto, submetamo-nos a ele com *temor*." Certamente não nego que haja muitos que, ao ouvirem que em nós nada há que seja bom, se entregam ainda mais livremente a seus vícios; nego, porém, que isto seja por falha da doutrina, a qual, ao contrário, quando recebida como se deve, produz em nossos corações o senso de preocupação.

Não obstante, os papistas pervertem esta passagem a ponto de abalar a segurança da fé, pois o homem que treme se nutre de incerteza. Conseqüentemente, entendem as palavras de Paulo como se ele dissesse que devemos, durante toda nossa vida, vacilar em nossa segurança da salvação. Entretanto, se não quisermos que Paulo se contradiga, de modo algum ele nos exorta à hesitação, visto que por toda parte ele recomenda a confiança e (πληροφορίαν) *plena certeza*. A solução, contudo, é fácil, se alguém deseja obter o verdadeiro significado sem qualquer espírito de contenda. Há dois tipos de temor; um produz ansiedade juntamente com a humildade; o outro produz hesitação. O primeiro é oposto à confiança carnal e displicência, e igualmente à arrogância; o segundo é oposto à segurança proveniente da fé. Ademais, devemos observar bem que, como os crentes repousam, com segurança, na graça de Deus, assim, quando dirigem sua vista para sua própria fragilidade, de modo algum se resignam displicentemente ao sono, mas são, pelo *temor* dos perigos, estimulados à oração. Apesar disso, longe de este *temor* perturbar a tranqüilidade da consciência, e abalar a confiança, antes a confirma. Pois a desconfiança de nós mesmos nos leva a aprender mais confiantemente sobre a mercê de Deus. E isto é o que as palavras de Paulo contêm, pois ele nada requer dos filipenses senão que se submetam a Deus com verdadeira renúncia.

Desenvolvei vossa própria salvação. Como os pelagianos de ou-

trora, assim os papistas de hoje fazem desta passagem uma soberba ostentação, com vistas a enaltecer a excelência do homem. Mais ainda, quando se lhes menciona a declaração precedente como objeção – "é Deus quem opera em nós" etc. –, imediatamente se protegem com este escudo por assim dizer: "Efetuai vossa salvação." Visto, pois, que a obra é atribuída a Deus e ao homem, em comum, a cada um designam uma parte. Em suma, da palavra *efetuar* derivam o livre-arbítrio; do termo *salvação* derivam o mérito da vida eterna. Respondo que a *salvação* é tomada para significar todo o curso de nossa vocação, e que este termo inclui todas as coisas, pelas quais Deus efetua aquela perfeição para a qual ele nos predestinou por sua graciosa escolha. Isto ninguém negará, se não é obstinado e imprudente. Somos informados que a aperfeiçoamos quando, sob a regulamentação do Espírito, aspiramos a uma vida de bênçãos. É Deus que nos chama e nos oferece a salvação; nossa parte é abraçar, pela fé, o que ele nos dá e, pela obediência, agimos positivamente ao seu chamado; mas nada temos de nós mesmos. Daí só agirmos quando ele nos prepara para agir.

A palavra que ele emprega significa propriamente *continuar até o fim*; mas devemos ter em mente o que eu já disse: que Paulo, aqui, não arrazoa sobre até onde nossa capacidade se estende; mas simplesmente ensina que Deus age em nós, de tal maneira, que ele, ao mesmo tempo, não permite que sejamos inativos,[28] mas nos exercita diligentemente, após haver nos estimulado por meio de uma influência secreta.[29]

14. Sem murmurações. Estes são os frutos daquela humildade à qual ele os exortara. Pois todo aquele que aprendeu a se submeter cuidadosamente a Deus, sem reivindicar nada para si, também se conduzirá por entre os homens com alegria. Quando cada um cuida de agradar a si próprio, prevalecem duas falhas: primeiro, caluniam uns aos outros; e, segundo, fomentam contendas entre si. Em primeiro

28 "Deuenir paresseux et oisifs." – "Tornar ocioso e indolente."

29 "Mais apres nous auoir poussez et incitez par vne inspirations secrete et eachee, nous employe et exerce songneusement." – "Mas, depois de nos haver estimulado e incitado por uma inspiração secreta e oculta, ele diligentemente nos usa e nos exercita."

lugar, conseqüentemente ele proíbe inimizades malignas e secretas; e, em segundo lugar, as contendas públicas. Ele adiciona, em terceiro lugar, que dão ocasião a que outros se queixem deles – é algo comum suscitar-se mau humor excessivo. É verdade que não se pode temer o ódio em todos os casos; mas é preciso cuidado para que não nos façamos odiosos por causa de nossas próprias falhas, de modo que se cumpra em nós o dito: "Odiaram-me sem motivo" [Sl 35.19]. Entretanto, se alguém deseja estender-se mais, não faço objeção a isso. Pois as murmurações e disputas nascem sempre que alguém, almejando além da medida sua vantagem pessoal,[30] dá a outros ocasião de queixa.[31] Mais ainda, mesmo esta expressão pode ser entendida em um sentido ativo: não importuneis nem lamenteis. E este significado não concordará mal com o contexto, pois um temperamento queixoso (μεμψιμοιρία)[32] é a semente de quase todas as rixas e difamações. Ele adiciona *sinceros*, porque essas contaminações nunca emanam das mentes que já foram purificadas.

15. Filhos de Deus, irrepreensíveis. É preciso traduzir assim: irrepreensíveis, *porque* sois filhos de Deus. Pois a adoção que Deus nos aplica deve ser o motivo de uma vida irrepreensível, para que, em algum grau, sejamos semelhantes a nosso Pai. Ora, embora nunca tenha existido tal perfeição no mundo quanto a ter nada digno de reprovação, não obstante lemos que os irrepreensíveis desejam isto com toda verdade de sua mente, como já se observou em outro lugar.[33]

No meio de uma geração perversa. É verdade que os crentes vivem na terra, misturados com os ímpios;[34] respiram o mesmo ar, desfrutam do mesmo solo, e naquele tempo[35] eram ainda mais misturados,

30 "Cerchant outre mesure son proufit et vtilite particulaiere." – "Buscando além da medida seu próprio proveito e vantagem particulares."

31 "Le vice qui est en plusieurs qu'ils sont pleins de complaints contre les autres." – "A falta que está em muitos, daí a razão por que estão saturados de queixa contra outrem."

32 O termo é usado por Aristóteles. Veja-se *Arist.* Virt. et Vit. 7. 6.

33 Nosso autor, mui provavelmente, se refere ao que declarara ao comentar 1Coríntios 1.8.

34 "Mesles auec les infideles et meschana." – "Misturados com os incrédulos e os perversos."

35 "Et lors mesme que S. Paul escriuoit ceci." – "E mesmo naquele tempo S. Paulo escreveu isto."

visto que raramente se podia encontrar uma única família piedosa que não estivesse cercada de todos os lados por incrédulos. Mesmo assim Paulo estimula os filipenses a se guardarem cuidadosamente contra todas as corrupções. Portanto, o significado é este: "É verdade que viveis presos no meio dos perversos; mas, nesse ínterim, tenhais em mente que sois, pela adoção divina, separados deles; portanto, haja em vossa maneira de viver marcas visíveis pelas quais sejais distinguidos. Mais ainda, esta consideração deve estimular-vos a almejarem mais uma vida piedosa e santa, para que também não façais parte da *geração corrupta*,[36] emaranhados por seus vícios e contágio."

Quanto à designação, *geração perversa e corrupta*, isto corresponde com a conexão da passagem. Pois ele nos ensina que devemos tanto mais cuidadosamente atentar bem para este fato – que muitas ocasiões de escândalo são propiciadas pelos incrédulos, os quais perturbam sua precisa trajetória; e toda a vida dos incrédulos é, por assim dizer, um labirinto de várias curvas que nos afastam da via certa. Não obstante, há epítetos de aplicação perpétua que são descritivos dos incrédulos de todas as nações e em todas as eras. Pois se o coração de um homem é perverso e insondável [Jr 17.9], quais serão os frutos procedentes de tal raiz? Daí sermos ensinados, nestas palavras, que na vida de um homem não há nada puro, nada direito, até que ele seja renovado pelo Espírito de Deus.

Entre os quais resplandeceis. A terminação da palavra grega é dúbia, porquanto pode ser tomada como o *indicativo* – *resplandeceis*; mas o *imperativo* – *resplandecei* – se ajusta melhor à exortação. Ele queria que os crentes fossem como lâmpadas que brilham no meio das trevas do mundo, como se quisesse dizer: "Crentes, é verdade que sois filhos da noite, e no mundo nada há senão trevas; mas Deus vos iluminou para este fim: que a pureza de vossa vida resplandeça em meio às trevas, para que sua graça se manifeste ainda mais gloriosa." Assim também lemos no profeta: "Pois eis que trevas cobrirão a terra, e a escuridão os povos;

36 "De la generation peruerse et maudite." – "Da geração perversa e maldita."

mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e sua glória se verá sobre ti" [Is 60.2]. Imediatamente a seguir, ele adiciona: "E as nações caminharão para tua luz, e reis, para o resplendor de tua aurora" [v. 3]. Ainda que Isaías fale ali mais de ensino, enquanto Paulo fala aqui de uma vida exemplar, contudo, mesmo em relação à doutrina, Cristo em outra passagem designa especialmente os apóstolos como sendo "a luz do mundo" [Mt 5.14].

16. Retendo a palavra da vida. A razão pela qual deviam ser luminares é que levam a *palavra da vida*, pela qual são iluminados, para que levem luz também a outros. Agora ele menciona lâmpadas, nas quais são introduzidos pavios para que queimem, e ele nos faz semelhantes a lâmpadas; enquanto ele compara a palavra de Deus ao pavio, do qual vem a luz. Caso você prefira outra figura, somos veladores; a doutrina do evangelho é a candeia que, sendo posta em nós, difunde luz por todos os lados. Agora ele notifica que fazemos injustiça à palavra de Deus, se não brilharmos, em todos os aspectos, em pureza de vida. Esta é a essência do dito de Cristo: "nem os que acendem uma candeia a colocam debaixo do alqueire, mas no velador, e assim ilumina a todos que estão na casa" [Mt 5.15]. No entanto, somos informados que "portar a palavra da vida", de certo de modo, significa que ela nos conduz,[37] visto que estamos fundados sobre ela. Não obstante, a maneira de carregá-la, do que Paulo fala aqui, é que Deus nos confiou sua doutrina sob esta condição: que não mantenhamos a luz dela escondida, por assim dizer, e inativa, mas que a manifestemos a outros. Resumindo: que todos os que são iluminados com a doutrina celestial carregam consigo uma luz, a qual detecta e descobre seus crimes,[38] se não andarem em santidade e castidade; mas que esta luz foi acesa, não meramente para que eles mesmos sejam guiados no caminho iluminado, mas para que também a levem a outros.

Eu tenha motivo de gloriar-me. Para encorajá-los mais, ele declara que redundará em sua glória, caso não tenha trabalhado entre eles em vão. Não significa que os que trabalharam fielmente, porém sem sucesso,

37 "Soustenus ou portez d'elle." – "Sustentados ou conduzidos por ela."
38 "Leur turpitude et vilenie." – "Sua desgraça e vilania."

seus esforços foram vãos e não serão recompensados por seu trabalho. Não obstante, como o sucesso em nosso ministério é uma bênção singular de Deus, não nos sintamos surpresos se Deus, entre seus demais dons, fizer disto a coroação de alguém. Daí, como o apostolado de Paulo se torna agora eminente por tantas igrejas, conquistadas para Cristo por sua instrumentalidade, assim não pode haver dúvida de que tais troféus[39] terão lugar no reino de Cristo, como o encontraremos falando um pouco depois: "Vós sois minha coroa" [Fp 4.1]. Nem se pode ter dúvida de que quanto maiores forem as proezas, mais esplêndido será o triunfo.[40]

Alguém poderia se perguntar como é que Paulo agora se gloria em seus labores, enquanto em outro lugar ele nos proíbe de nos *gloriarmos* em algo mais que não seja no Senhor [1Co 1.31; 2Co 10.17], a resposta é fácil, a saber, quando tivermos nos prostrados, bem como tudo quanto possuímos, diante de Deus, e [quando] tivermos posto em Cristo todo nosso motivo de nos gloriarmos, então, ao mesmo tempo, nos será permitido gloriar-nos, através de Cristo, nos benefícios de Deus, como já vimos na Primeira Epístola aos Coríntios. A expressão, **no dia do Senhor**, se destina a estimular os filipenses à perseverança, enquanto o tribunal de Cristo se exibe diante de seus olhos, do qual se deve esperar o galardão da fé.

17. Contudo, ainda que eu seja oferecido como libação sobre o sacrifício e serviço de vossa fé, me alegro e me regozijo com todos vós;

18. e pela mesma razão alegrai-vos também e regozijai-vos comigo.

19. Espero no Senhor enviar-vos em breve Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo vossas notícias.

17. Quin etiam si immoler super hostia et sacrificio fidei vestrae, gaudeo et congaudeo vobis omnibus.

18. De hoc ipso gaudete, et congaudete mihi.

19. Spero autem in Domino, Timotheum brevi me ad vos missurum, ut ego tranquillo sim animo, postquam statum vestrum cognoverim.

39 "Telles conquestes et marques de triomphe." – "Tais conquistas e emblemas de triunfo." O termo *tropaea*, usado por nosso autor (correspondendo ao termo grego τρόπαια), significa propriamente monumentos da *derrota* (τροπή) dos inimigos.

40 "Tant plus qu'il y aura de faits cheualeureux, que le triomphe aussi n'en soi d'autant plus magnifique et honourable." – "Quanto mais eminentes forem os feitos, o triunfo também será muito mais magnificente e honroso."

20. Nenhum outro tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide de vosso bem-estar.

21. Pois todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus.

22. Mas sabeis que provas deu ele de si; que, como filho ao pai, serviu comigo a favor do evangelho.

23. A este, pois, espero enviar logo que eu tenha visto como há de ser meu caso;

24. confio, porém, no Senhor, que também eu mesmo em breve irei.

20. Neminem enim habeo pari animo pareditum, qui germane res vestras curaturus sit.

21. Omnes enim quae sua sunt quaerunt: non quae sunt Christi Iesu.

22. Porro experimentum eius tenetis, quod tanquam cum patre filius, ita mecum servivit in Euangelium.

23. Hunc igitur spero me missurum, simulac mea negotia videro.

24. Confido autem in Domino quod ipse quoque brevi sim venturus.

17. Ainda que eu seja oferecido.[41] A palavra grega é σπένδομαι, e, conseqüentemente, parece haver uma alusão àqueles animais por cuja morte se confirmavam acordos e pactos entre os antigos. Pois especialmente os gregos empregavam o termo σπονδὰς para denotar as vítimas pelas quais se confirmavam os pactos. Assim, Paulo coloca sua morte como a confirmação da fé deles, o que certamente seria. Não obstante, para que toda a passagem seja mais claramente entendida, ele diz que oferecera sacrifício a Deus quando os consagrou por meio do evangelho. Em Romanos 15.16, há uma expressão semelhante; pois naquela passagem ele se representa como um sacerdote que oferece a Deus os gentios por meio do evangelho. Ora, visto ser o evangelho uma espada espiritual para matar vítimas,[42] assim a fé é, por assim dizer, a oblação; pois não existe fé sem mortificação, por meio da qual somos consagrados a Deus.

Ele faz uso dos termos καὶ λειτουργίαν – *sacrifício e culto* [*serviço*]: o primeiro se refere aos filipenses, que tinham sido oferecidos a Deus; e o segundo a Paulo, por ser o próprio ato de sacrificar. É verdade que

41 Aqui, a afirmação de Paulo é interpretada pelo Dr. John Brown como equivalente ao seguinte: "Se minha vida for derramada como uma libação sobre vossa conversão a Cristo, 'Eu me alegro e me regozijo com todos vós.' Ela não poderia ser melhor sacrificada do que por causa de sua glória e de vossa salvação." – Brown's Discourses and Sayings of our Lord Illustrated, vol. iii. p. 379.

42 "Pour tuer les bestes qu'on doit scrifier." – "Para matar os animais que se destinam ao sacrifício."

o termo é equivalente a *administração*, e assim inclui funções e ofícios de toda espécie – correspondente à frase usada pelos latinos, *operaris sacris* (ser *empregado em ritos sacros*). Agora Paulo diz que se regozijará, se for oferecido sobre um sacrifício desta natureza – para que seja mais ratificado e confirmado. Isso sim é que é ensinar o evangelho de todo o coração – quando estamos preparados para confirmar com nosso próprio sangue o que ensinamos!

Não obstante, disto se deve deduzir uma lição útil quanto à natureza da fé – que ela não é uma coisa vã, mas possui tal natureza que consagra o homem a Deus. Os ministros do evangelho, igualmente, encontram aqui conforto especial por serem chamados sacerdotes de Deus para lhe apresentar vítimas;[43] pois com que ardor deve tal homem aplicar-se a pregar, sabendo que isso é um sacrifício aceitável a Deus! Os desditosos papistas, sem qualquer conhecimento deste tipo de sacrifício, engendram outro, o qual não passa de total sacrilégio.

Regozijo-me convosco, diz ele – de modo que, se acontecer que ele morra, saibam que tal coisa aconteceria para o proveito deles, e que seriam beneficiados com sua morte.

18. Regozijai-vos. Pelo entusiasmo que então revela, Paulo encoraja os filipenses e inflama neles o profundo desejo de enfrentar a morte com firmeza,[44] já que os crentes não são prejudicados por ela. Pois previamente lhes ensinara que a morte lhes seria *lucro* [Fp 1.21]; em contrapartida, aqui ele está principalmente preocupado com que sua morte não deixe os filipenses desorientados.[45] Conseqüentemente, ele declara que não há motivo para tristeza; aliás, com isso eles têm ocasião de alegria, visto que descobrirão que sua morte lhes produzirá vantagem. Porque, embora em si ela redundasse em séria perda que os privaria de tal mestre, em compensação, o evangelho seria confir-

43 "Pour luy offrir en sacrifice les ames des fideles." – "Oferecer-lhe em sacrifício as almas dos crentes."

44 "Les enflambe a mourir constamment, et receuoir la mort d'vn coeur magnanime." – "Inflama-os a morrer com firmeza, e a enfrentar a morte com magnanimidade."

45 "Que sa mort ne trouble et estome les Philippians." – "Para que sua morte não deixe os filipenses angustiados e alarmados."

mado por seu sangue. No ínterim, permite-lhes que saibam que para ele, pessoalmente, a morte seria motivo de alegria. A tradução de Erasmo, que está no tempo presente [e não no imperativo], *Vós regozijais*, é inadequada.

19. Mas espero. Ele lhes promete a ida de Timóteo, para que, à espera, resistam mais corajosamente, e não dêem espaço aos impostores. Pois, como na guerra a expectativa de socorro anima os soldados, a ponto de impedi-los de desistir, assim também esta consideração era oportuna para encorajar profundamente os filipenses: "Alguém está para chegar aí muito breve, o qual enfrentará as artimanhas de nossos inimigos." E, se a mera expectativa já exerceria tanta influência, sua presença teria um efeito muito mais poderoso. Devemos observar bem a condição[46] – com respeito à qual ele se submete à providência divina, não formulando nenhum propósito, mas com *isso* orientando o caminho, como certamente não é permissível determinar algo quanto ao futuro, exceto, por assim dizer, sob a mão do Senhor. Ao acrescentar, **para que eu fique tranqüilo**, ele declara sua afeição para com eles, visto estar tão preocupado com os riscos que corriam, que não se sentia tranqüilo até que recebesse notícias de sua prosperidade.

20. Porque nenhum outro tenho igual. Enquanto há outros que extraem outro significado da passagem, eu a interpreto assim: "Não tenho ninguém igualmente disposto a atender vossos interesses." Porquanto Paulo, em minha opinião, compara Timóteo com outros, mais do que consigo mesmo, e lhe atribui este elogio com o expresso propósito: para que ele seja muitíssimo estimado por eles por causa de sua rara excelência.

21. Pois todos buscam suas coisas pessoais. Ele não fala dos que publicamente haviam desistido de perseguir a piedade, e sim daquelas mesmas pessoas a quem considerava irmãs; aliás, inclusive aqueles a quem admitira no relacionamento familiar consigo. Não obstante, ele diz que essas pessoas estavam tão excitadas na busca de seus interesses

46 "En ces mots, *au Seigneur Jesus*, il faut noter la condition." – "Nestas palavras, *no Senhor Jesus*, devemos notar a condição."

pessoais, que eram inconvenientemente frias para a obra do Senhor. À primeira vista pode parecer como se não fosse grande falha alguém buscar seu próprio proveito; mas quão insustentável é tal coisa nos servos de Cristo, pois torna os que se entregam a ela totalmente inúteis. Pois é impossível que o homem que se devota a si próprio se aplique aos interesses da Igreja. Então, será que Paulo cultivava amizade com homens indignos e falsos? Respondo que não devemos interpretar isto como se eles se dedicassem exclusivamente aos seus interesses pessoais e não dispensassem nenhum cuidado pela Igreja, mas sim que [eles], dominados por seus interesses individuais, em certa medida eram negligentes à promoção do bem comum da Igreja. Pois necessariamente sucede que uma ou outra de duas disposições prevalece sobre nós: ignorando a nós próprios, nos devotamos a Cristo e àquelas coisas que são dele, ou então, indevidamente inclinados à nossa própria vantagem, servimos a Cristo de uma maneira superficial.

Disto transparece quão grande entrave é que os ministros de Cristo busquem seus interesses pessoais. Tampouco existe qualquer força nestas desculpas: "Não estou prejudicando a ninguém"; "Também tenho que cuidar de mim mesmo"; "Não sou tão destituído de sentimento que não me sinta impelido a levar em conta minha vantagem pessoal." Pois você deve renunciar seu próprio direito, caso queira desincumbir-se de seu dever; focalizar em seu interesse próprio destrói a preferência pela glória de Cristo, ou talvez coloque ambos no mesmo nível. Aonde quer que Cristo o chamar, você deve ir prontamente, pondo de lado todas as coisas. Você deve considerar sua vocação por um prisma tal que descarte todos seus poderes de percepção de tudo quanto porventura o impeça. Pode estar em seu poder viver em outro lugar com maior opulência; Deus, porém, o ligou à Igreja, a qual lhe propicia apenas um bem moderado sustento; é possível que em outro lugar você tenha mais honra; Deus, porém, lhe destinou uma situação na qual você viverá num estilo humilde;[47] talvez em outro lugar

47 "Sans estre en plus grande reputation." – "Sem desfrutar de grande reputação."

você desfrute de um céu azul, ou de uma região mais agradável; mas é aqui seu lugar designado. É possível que você desejasse conviver com pessoas mais humanas; é possível que se sinta ofendido com sua ingratidão, ou com seu barbarismo, ou orgulho; em suma, pode ser que não simpatize com a disposição ou as maneiras da nação onde se encontra, porém deve relutar consigo mesmo e de certa maneira reprimir as inclinações opostas, para que você[48] mantenha a tarefa que recebeu; porquanto você não é livre, nem se acha à sua própria disposição. Enfim, esqueça a si próprio, caso queira servir a Deus.

Entretanto, se Paulo reprova tão severamente aqueles que se deixavam influenciar por maior preocupação por si mesmos do que pela Igreja, que juízo se pode esperar daqueles que, enquanto se devotam totalmente a seus afazeres pessoais não levam em conta a edificação da Igreja! Por mais que agora se gabem, Deus não os poupará. Deve-se dar aos ministros da Igreja licença para buscar [certas] necessidades, mas de modo que não sejam impedidos de buscar o reino de Cristo; mas, nesse caso, não serão representados como a buscar seus próprios interesses, quando a vida de um homem é estimada segundo seu alvo principal. Ao dizer *todos*, não devemos entender o termo como que denotando universalidade, como se implicasse que não houvesse exceção, pois havia outros [diferentes], tais como Epafrodito,[49] porém havia poucos deles, e ele atribui a todos o que era mui geralmente prevalecente.

Entretanto, quando ouvimos Paulo se queixar, e isso naquela época áurea em que floresciam todas as excelências, que havia bem poucos que se deixavam afetar corretamente,[50] isso nos põe em profundo desânimo, porquanto é essa a nossa condição atualmente; só

48 "En sorte que tu te contentes du lieu qui t'est ordonné, et que t'employes a ta charge." – "A ponto de contentar-se com o lugar que lhe foi designado e empregar-se em seu próprio departamento."

49 "Car il y en auoit d'autres qui auoyent plus grand soin de l'Eglise de Dieu, que d'eux-mesmes, comme Epaphrodite." – "Pois havia outros dentre eles que tinham grande preocupação pela Igreja de Deus, mais que por si mesmos, tais como Epafrodito."

50 "Qu'il y auoit si peu de gens sagers et qui eussent vn coeur entier a nostre Signeur." – "Que houvesse tão poucas pessoas que eram sábias e de coração se devotassem a nosso Senhor."

que cada um atente bem para si próprio a fim de que não esteja incluso naquele catálogo. No entanto, eu gostaria que os papistas me respondessem à pergunta: onde estava Pedro naquele tempo, pois teria estado em Roma, se o que dizem é procedente. Oh, que dolorosa e vil descrição que Paulo faz dele! Portanto, contam meras fábulas quando pretendem que ele, naquele tempo, presidia a Igreja de Roma. Observe-se que a edificação da Igreja é intitulada *coisas de Cristo*, porque estamos realmente engajados em sua obra quando labutamos no cultivo de sua vinha.

22. Mas a prova. Literalmente, *sabeis que prova ele deu*, a menos que você prefira entendê-lo no modo imperativo, *sabei* (pois raramente havia oportunidade, em breve tempo, de tirar prova), mas isso não é de muita importância. O que principalmente se deve notar é que ele fornece a Timóteo um atestado de fidelidade e modéstia. Como evidência de sua fidelidade, ele declara que havia *servido com ele no evangelho*, pois tal conexão era um emblema de genuína sinceridade. Como evidência de sua modéstia, ele declara que havia *se submetido a ele como a um pai*. Não surpreende, pois, que esta virtude seja expressamente recomendada por Paulo, porquanto ela tem sido rara em todos os tempos. Na atualidade, onde você achará um entre os jovens que dará lugar a seus decanos, mesmo nas mínimas coisas? Em tal extensão triunfa e prevalece a impertinência em nossa época! Nesta passagem, como em muitas outras, vemos quão diligentemente Paulo toma como seu alvo honrar os ministros piedosos, e isso nem tanto por sua causa, mas sim para que se revertesse em benefício de toda a Igreja que tais pessoas fossem amadas e honradas, bem como possuíssem a mais elevada autoridade.

24. Confio que também eu mesmo. Ele acrescenta ainda isto para que não imaginassem que tudo quanto havia ocorrido viesse mudar sua intenção quanto à viagem da qual fizera menção prévia. Ao mesmo tempo, ele sempre fala em termos condicionais – *se for do agrado do Senhor*. Pois, embora esperasse livramento da parte do Senhor, contudo, não havendo, como já observamos, nenhuma promessa explícita, tal expectativa de modo algum era sólida, mas era, por assim dizer,

pela determinado propósito secreto de Deus.

25. Julguei necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão, e cooperador, e companheiro nas lutas, e vosso enviado para me socorrer em minhas necessidades;

26. porquanto ele tinha saudade de vós todos, e estava angustiado por terdes ouvido que estivera doente.

27. Pois de fato esteve doente e quase à morte; mas Deus se compadeceu dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza.

28. Por isso vo-lo envio com mais urgência, para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis, e eu tenha menos tristeza.

29. Recebei-o, pois, no Senhor com toda a alegria, e tende em honra a homens tais como ele;

30. porque pela obra de Cristo chegou até as portas da morte, arriscando sua vida para suprir-me o que faltava de vosso serviço.

25. Porro necessarium existimavi Epaphroditum, fratrem et cooperarium, et commilitonem meum, Apostolum autem vestrum, et ministrum necessitatis meae mittere ad vos.

26. Quandoquidem desiderabat vos omnes, et erat ansius animi, propterea quod audieratis ipsum infirmatum fuisse.

27. Et certe infirmatus fuit, ut esset morti vicinus, sed Deus misertus est illius: neque illius solum, sed etiam mei; ut ne tristitiam super tristitiam haberem.

28. Studiosius itaque misi illum, ut eo viso rursus gaudeatis, et ego magis vacem dolore.

29. Excipite ergo illum in Domino cum omni gáudio: et qui tales sunt, in pretio habete:

30. quia propter opus Christi usque ad mortem accessit, exponens periculo animam, ut sufficeret quod deerat vestro erga me ministerio, (vel, officio.)

25. Julguei necessário enviar-vos Epafrodito. Depois de os haver encorajado com a promessa de sua ida [futura], bem como a de Timóteo, ele os fortalece ainda, no momento presente, enviando antes Epafrodito para que, no ínterim, enquanto esperava o resultado de seu julgamento (pois esta foi a causa de sua delonga), não ficassem em falta de pastor que cuidasse que os problemas fossem administrados com propriedade. Agora ele recomenda Epafrodito com muitas distinções – que ele é seu *irmão*, e *cooperador* nas atividades do evangelho; que é seu *companheiro nas lutas*, por cujo termo ele notifica qual é a condição dos ministros do evangelho; que estão engajados numa guerra incessante, pois Satanás não lhes permitirá que promovam o evangelho sem fomentar conflito. Portanto, que os que se preparam para edificar a Igreja saibam que se prepara e se deflagra guerra contra eles. É verdade que isto é comum a to-

dos os cristãos – ser soldados no acampamento de Cristo,[51] pois Satanás é o inimigo de todos. Não obstante, é aplicável mais particularmente aos ministros da palavra, os quais vão adiante do exército e portam o estandarte. Paulo, contudo, pode gloriar-se mais especialmente de seu serviço militar,[52] porquanto ele efetuava todo tipo de milagre e enfrentava todo tipo de contenda. Conseqüentemente, ele recomenda Epafrodito, porque ele havia sido um companheiro nos conflitos.

O termo *apóstolo*, aqui, como em muitas outras passagens, é tomado geralmente para significar qualquer evangelista,[53] a menos que alguém prefira entendê-lo no sentido de embaixador enviado pelos filipenses, de modo que pode ser entendido como enfeixando estas duas coisas – um embaixador prestando serviço a Paulo.[54] O primeiro significado, contudo, é, em minha opinião, mais condizente. Ele menciona ainda, entre outras coisas, seu louvor que lhe fora *ministrado em prisão* – uma matéria que será discutida mais plenamente, antes que extensamente.

26. Ele tinha saudade de todos vós. Um dos sinais de um genuíno pastor é que, enquanto se encontrar a grande distância, e se detiver voluntariamente por atividades piedosas, não obstante será atingido por preocupação pelo seu rebanho, e terá saudade dele; e, ao descobrir que suas ovelhas se angustiam por sua causa,[55] ele se preocupará com a tristeza delas. Em contrapartida, a ansiedade dos filipenses por seu pastor é aqui notada.

27. Mas Deus teve misericórdia dele. Ele expressara a gravidade da doença – que Epafrodito ficara doente, de tal modo que a vida se lhe esvaía, a fim de que a bondade de Deus se manifestasse mais claramente na restauração de sua saúde. Entretanto, surpreende

51 "De batailler sous l'enseigne de Christ." – "Para lutar sob a bandeira de Cristo."

52 "S. Paul pouuoit se vanter plus que pas on des autres, que sa condition estoit semblabre a celle d'vn gendarme." – "S. Paulo podia gloriar-se mais do que qualquer outro de que sua condição se assemelhava à de um soldado."

53 "Pour tous prescheurs de l'euangile." – "Para todos os pregadores do evangelho."

54 "Ambassade pour administrer a Sainct Paul en as necessite." – "Um embaixador para ministrar a S. Paulo em suas necessidades."

55 "Pour l'amour de luy." – "De amor por ele."

que ele atribuísse à misericórdia de Deus o fato de Epafrodito ter seu período de vida prolongado, enquanto previamente declarara que preferia a morte em vez da vida [Fp 1.23]. E o que nos seria melhor do que nos mudarmos daqui para o reino de Deus, libertados das misérias deste mundo, e, mais especificamente, resgatados daquela escravidão do pecado na qual em outro lugar ele reclama ser *miserável* [Rm 7.24], alcançando a plenitude daquela liberdade do Espírito pela qual nos associamos com o Filho de Deus?[56] Seria tedioso enumerar todas as coisas que para os crentes tendem a tornar a morte melhor que a vida, e mui desejável. Onde, pois, existe algum sinal da misericórdia de Deus, quando nada existe senão um prolongamento de nosso sofrimento? Respondo que todas essas coisas não impedem esta vida de ser considerada, em si mesma, um excelente dom de Deus. Mais especialmente, aqueles que vivem para Cristo são ditosamente provados aqui na esperança da glória celestial; e, conseqüentemente, como já tivemos ocasião de ver um pouco antes, a vida é para eles lucro.[57] Além disso, há ainda outra coisa que deve ser levada em conta – que não é pequena honra a que nos é conferida quando Deus se glorifica em nós; pois ela nos faz olhar não tanto para vida em si, mas sobretudo para o fim pelo qual vivemos.

Mas também de mim, para que não tivesse tristeza sobre tristeza. Paulo reconhece que a morte de Epafrodito lhe teria sido amargamente penosa, e reconhece no fato [da restauração de sua saúde] um exemplo de como a misericórdia de Deus poupou também a ele. Portanto, ele contrasta seu orgulho com a apatia (ἀπάθειαν) dos estóicos, não como se fosse um homem de ferro e isento de quaisquer sentimentos humanos. "E então", dirão alguns, "onde está aquela magnanimidade invencível? – onde está aquela perseverança persistente?" Respondo que a paciência cristã difere

56 "Par laquelle nous soyons parfaitement conioints auec lê Fils de Dieu." – "Pela qual somos perfeitamente unidos com o Filho de Deus."

57 Tudo indica que Calvino se refere aqui ao que dissera quando comenta Filipenses 1.21.

amplamente da obstinação filosófica, e mais ainda da obstinação e da ferrenha austeridade dos estóicos. Pois que excelência haveria em suportar pacientemente a cruz, se não houvesse nisso o senso de dor e amargura? Mas, quando a consolação divina vence tal sentimento, não tanto por resistirmos, mas, ao contrário, por darmos as costas à resignação da vara [Is 1.5], apresentamos a Deus um sacrifício de obediência que lhe é aceitável. Assim, Paulo reconhece que sentia alguma inquietude e pesar em suas prisões, mas que, não obstante, suportava alegremente essas mesmas prisões por amor a Cristo. Ele reconhece que teria sentido a morte de Epafrotito como um duro golpe a suportar, mas por fim teria moderado a mente de conformidade com a vontade de Deus, ainda que nem toda a relutância já tivesse sido removida inteiramente; pois só damos prova de nossa obediência quando dominamos nossos depravados sentimentos, e não damos espaço à fragilidade da carne.[58]

Portanto, é preciso observar *duas* coisas: em *primeiro* lugar, que as disposições que Deus originalmente implantou em nossa natureza não são más em si mesmas, visto não emergirem por conta da natureza corrompida, mas sim de Deus como seu Autor; [o que é] desta natureza é a tristeza que se sente por ocasião da morte de amigos. Em *segundo* lugar, que Paulo tinha muitas outras razões para lamentar além da morte de Epafrodito, e que estas eram não meramente escusáveis, mas totalmente necessárias. Isto, em primeiro lugar, é invariável no caso de todos os crentes: que, por ocasião da morte de um deles, lembram-se da ira de Deus contra o pecado; Paulo, porém, seria o mais afetado com a perda sofrida pela Igreja, pois ele via que esta seria privada de um pastor excepcionalmente bom, em uma época em que havia poucos dentre os bons. Os que querem ter disposições desse tipo totalmente subjugadas e erradicadas, imaginam para si homens não meramente de pederneira, mas homens que são violentos e selvagens. Não obstante, na

58 "Ne nous laissons point vaincre par l'infirmite de nostre chair." – "Não nos deixamos vencer pela fragilidade de nossa carne."

depravação de nossa natureza, tudo em nós é tão pervertido, que em toda e qualquer direção que nossa mente se volva, sempre irão além dos limites. Daí ocorrer que nada há que seja tão puro ou certo, em si mesmo, que não traga consigo algum contágio. Mais ainda, Paulo, sendo um homem, não nego que teria experimentado em sua tristeza algo do erro humano,[59] porquanto estava sujeito à fragilidade, e era preciso que fosse provado com tentações a fim de poder ter ocasião de vitória pelo esforço e pela resistência.

28. Vo-lo envio com mais urgência. A presença de Epafrodito não lhe representava uma consolação pequena; contudo, a tal ponto ele preferia o bem-estar dos filipenses às suas vantagens pessoais, que afirma que se regozija por ocasião de sua partida, porquanto o entristecia o fato de que, de sua parte, ele se retirava do rebanho que lhe fora confiado, e se sentia relutante em valer-se de seus serviços, ainda que de outro modo estes lhe seriam agradáveis, quando isso equivalia a uma perda para eles. Daí ele dizer que se sentirá mais feliz na alegria dos filipenses.

29. Recebei-o com toda alegria. Ele emprega a palavra *toda* no sentido de sincera e abundante. Também o recomenda outra vez aos filipenses; tão atento está sobre isto, que todos os que são aprovados como bons e fiéis pastores podem ser mantidos na mais elevada estima; pois ele não fala meramente de um, mas exorta a todos que sejam mantidos em estima; pois são pérolas preciosas dos tesouros de Deus, e, quanto mais raros são, tanto mais dignos são de estima. Nem se pode duvidar que Deus às vezes pune nossa ingratidão e orgulhoso desdém, privando-nos de bons pastores, quando ele vê que os mais eminentes que lhe são dados comumente são desprezados. Que cada um, pois, que deseja que a Igreja seja fortalecida contra os estratagemas e contra os assaltos dos lobos,

59 "Mesme ie ne nie pas que sainct Paul (comme il estoit homme) ne se touué surprins de quelque exces vicieux en as douleur." – "Mais ainda, não nego que S. Paulo (já que era um homem) pudesse achar-se equivocado com algum excesso negativo em sua tristeza."

trate, como Paulo, de estabelecer a autoridade dos bons pastores.[60] E, por outro lado, não há nada sobre o quê estejam mais atentos os instrumentos do diabo do que em miná-la por todo meio que lhes esteja disponível.

30. Porque pela obra de Cristo. Considero isto como uma referência àquela enfermidade com que [Paulo] era acometido constantemente. Daí ele considerar a inquietação de Epafrodito entre suas virtudes, como certamente era um indicador de seu ardente zelo. De fato, as enfermidades em si não constituem uma excelência, porém é uma virtude não se poupar a fim de servir a Cristo. Epafrodito sentia que sua saúde estaria em risco caso se esforçasse além da medida; mas prefere ser, antes, negligente quanto à saúde a ser deficiente no cumprimento do dever. E, para recomendar ainda mais esta conduta aos filipenses, ele diz que era uma compensação da deficiência deles,[61] porque, achando-se distantes, não podiam oferecer auxílio a Paulo em Roma. Daí Epafrodito, enviado para este propósito, ter agido no lugar deles.[62] Ele fala dos serviços que lhe foram prestados como sendo *obra do Senhor*, como certamente nada há em que podemos melhor servir a Deus do que quando auxiliamos seus servos que labutam pela verdade do evangelho.

60 "Soit establie et demeure entiere." – "Seja estabelecida e mantida íntegra."

61 "Vn accomplissement, ou moyen de suppleer ce qui defailloit de leur seruice." – "Um preenchimento, ou um meio de suprir o que era deficitário no serviço deles."

62 "Faisoit en cest endroit ce qu'ils deuoyent faire." – "Nesta questão fizeram o que deviam ter feito."

Capítulo 3

1. Quanto ao mais, irmãos meus, regozijai-vos no Senhor. Não me é penoso a mim escrever-vos as mesmas coisas, e a vós vos dá segurança.

2. Acautelai-vos dos cães; acautelai-vos dos maus obreiros; acautelai-vos da falsa circuncisão.

3. A circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne.

4. Se bem que eu poderia até confiar na carne. Se algum outro julga poder confiar na carne, ainda mais eu:

5. circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreu; quanto à lei fui fariseu;

6. quanto ao zelo, persegui a igreja; quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível.

1. Quod reliquum est, fratres mei, gaudete in Domino; eadem scribere vobis, me quidem haud piget, vobis autem tutum est.

2. Videte canes, videte malos operarios, videte concisionem.

3. Nos enim sumus circuncisio, quis spiritu Deum colimus, et gloriamur in Christo Iesu, non autem in carne confidimus.

4. Tametsi ego etiam in carne fiduciam habeo. Si quis alius videtur confidere in carne, ego magis:

5. Circumcisus die octavo, ex genere Israel, tribu Beniamin, Hebraeus ex Hebraeus, secundum legem Pharisaeus:

6. Secundum zelum persequens Ecclesiam, secundum iustitiam, quae est in lege, irreprehensibilis.

1. Regozijai-vos no Senhor. Isto conclui a passagem anterior, pois como Satanás nunca cessou de afligi-los com rumores diários, ele os convida a largar a ansiedade e a nutrir bom ânimo. E assim ele os exorta à constância, para que não recuem da doutrina que uma vez receberam. A expressão *doravante* denota um curso contínuo, para que, em meio aos muitos obstáculos, não parem de exercitar santa alegria. Quando Satanás se esforça por exasperar-nos[1] por meio da amargu-

1 "De nous troubler et effaroucher." – "Atribular-nos e atemorizar-nos."

ra da cruz a ponto de tornar o nome de Deus desagradável,[2] é uma rara excelência, ter [nossa] satisfação no simples degustar da graça de Deus, [de tal forma] que todos os aborrecimentos, todas as tristezas, todas as ansiedades e todos os pesares sejam adoçados.

Escrever-vos as mesmas coisas. Aqui ele começa falando dos falsos apóstolos, com os quais, contudo, ele não luta corpo a corpo, como na Epístola aos Gálatas, mas em poucas palavras ele os denuncia severamente,[3] na medida do necessário. Pois como tinham feito um simples ataque contra os filipenses, e não uma grande incursão contra eles,[4] não era tão necessário deflagrar nenhuma disputa regular com vistas à refutação dos erros, aos quais nunca haviam dado ouvidos. Daí simplesmente admoestá-los a que fossem diligentes e atentos para que detectassem os impostores e se guardassem contra eles.

Não obstante, em *primeiro* lugar ele os chama de *cães*; tendo a metáfora a seguinte base: que, buscando encher seus ventres, assaltavam a verdadeira doutrina com seus ladridos imundos. Conseqüentemente, é como se ele quisesse dizer: pessoas imundas e profanas; pois não concordo com aqueles que pensam que são assim chamados porque invejavam os outros ou os mordiam.[5]

Em *segundo* lugar, ele os chama de *maus obreiros*, significando que, sob o pretexto de edificar a Igreja, nada faziam senão arruinar e destruir tudo; pois muitos que fariam melhor se permanecessem ociosos estão, [pelo contrário,] ativamente ocupados.[6] Como o pregoeiro

2 "Fascheux et ennuyeux. " – "Desagradável e maçante."

3 "Il les rembarre rudemente t auec authorite." – "Ele os desafia severamente e com autoridade."

4 "Pource qu'ils auoyent seulement fait leurs efforts, et essayé de diuertir les Philippiens, et ne les auoyent gaignez et abbatus." – "Como tinham empregado meramente seus esforços, e tentaram desviar os filipenses, e não haviam prevalecido contra eles e os subjugado."

5 "Pour autant qu'ils portoyent enuie auec autres, ou les mordoyent et detractoyent d'eux." – "Com base em sua ferina inveja dos outros, e ferindo-os e os caluniando." "Car il y em a plusieurs qui se tourmentent tant et plus, et se meslent de beaucoup de choses." – "Pois há muitos que se torturam, nesta ou naquela ocasião, e se intrometem em muitas coisas."

6 "Car il yen a plusieurs qui se tourmentent tant et plus, et se meslent de beaucoup de choses;" — "Porque há muitos que se torturam nesta ocasião, e nisto, se intrometem em muitas coisas."

público,[7] ao ser interrogado por Graco em zombaria, motivado por seu assentar displicente, o que estava fazendo, sua resposta foi pronta: "Nada; mas, *você*, o que está fazendo?" – pois ele era o líder de uma sedição ruinosa. Daí Paulo ter feito uma distinção entre *obreiros*, para que os crentes se pusessem de guarda contra aqueles que são *maus*.

No *terceiro* termo empregado, há um elegante (προσωνομασία) *jogo de palavras*. Eles se vangloriavam de que eram a *circuncisão*; ele descarta esta vanglória chamando-os a *concisão*,[8] visto que dilaceravam a unidade da Igreja. Temos nisto um interessante exemplo a mostrar: que o Espírito Santo, em seus órgãos,[9] não anulou, em todos casos, a sagacidade e o humor, contudo, até certo ponto, ao mesmo tempo manteve distância dessa jocosidade o quanto era indigno de sua majestade. Há nos profetas inúmeros exemplos, e especialmente em Isaías, de modo que não há nenhum autor profano que seja mais rico em jogos de palavras divertidos e formas figurativas de expressão. Devemos, contudo, observar ainda mais precavidamente a veemência com que Paulo investe contra os falsos apóstolos, os quais, seguramente, aparecem onde quer que haja o ardor de zelo piedoso. Mas, no ínterim, devemos estar de guarda para que nenhum entusiasmo indevido, nem amargura excessiva, se insinue sob o pretexto de zelo.

Ao dizer que **escrever as mesmas coisas não lhe era penoso**, parece que indica que já havia escrito aos filipenses em alguma outra ocasião. Entretanto, não seria inconsistência entendê-lo como se quisesse dizer que, agora, com seus escritos, lhes recorda as mesmas coisas que de seus lábios ouviam com freqüência quando estava com eles. Pois não pode haver dúvida de que ele sempre os intimara com palavras, quando estava com eles, o quanto deviam estar de guarda contra tais pragas; contudo

7 "Comme anciennement a Rome ce crier public." – "Como antigamente em Roma aquele pregoeiro público."

8 "*A concisão* – isto é, aqueles que rasgam e dividem a Igreja. Compare-se Romanos 16.17, 18. Gloriavam-se em ser a περιτομὴ (a circuncisão), cujo título e caráter Paulo não lhes admitirá aqui, porém a reivindica para os cristãos nas palavras seguintes, e os chama a κατατομὴ, ou concisão, expressando seu desdém por suas pretensões, e censura suas práticas." – Pierce.

9 "En ses organes et instrumens c'est a dire ses seruiteurs par lesquels il a parle." – "Em seus órgãos e instrumentos, isto é, seus servos, por meio de quem ele tem falado."

não reluta em repetir essas coisas, porquanto os filipenses teriam incorrido em risco no caso de manter silêncio. E, inquestionavelmente, é parte de um bom pastor suprir não meramente o rebanho com pastagens, e governar as ovelhas com sua orientação, mas também expulsar os lobos assim que ameacem deflagrar ataque contra o redil, e isso não só em alguma ocasião, mas a ponto de se pôr em constante vigilância e ser infatigável. Porque, como os "ladrões e salteadores" [Jo 10.8] estão constantemente de vigília para a destruição da Igreja, que justificativa terá o pastor se, depois de repeli-los corajosamente, em várias instâncias, recuar por ocasião do nono ou do décimo ataque?

Ele diz ainda que uma repetição desta natureza é proveitosa aos filipenses, para que não fossem, como costuma ocorrer ocasionalmente, de uma disposição excessivamente fastidiosa, e a desprezassem como algo supérfluo. Pois muitos são tão difíceis de agradar que não podem suportar que a mesma coisa lhes fosse dita uma segunda vez, e, no ínterim, não consideravam que o que é inculcado neles dia a dia dificilmente seria retido em sua memória dez anos mais tarde. Mas, se era proveitoso aos filipenses ouvir esta exortação de Paulo – manter-se em guarda contra os lobos –, o que dizer dos papistas que não admitirão que se forme algum juízo no tocante à doutrina que ensinam? Pois a quem, pergunto, Paulo se dirige quando disse *acautelai-vos*? Porventura não era aos que não permitiam a posse de algum direito de julgar? E da mesma forma Cristo fala das mesmas pessoas: "Mas de modo algum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. "Minhas ovelhas ouvem minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem" [Jo 10.5, 27].

3. Porque somos a circuncisão – ou, seja, somos a verdadeira semente de Abraão e herdeiros do testamento que foi confirmado pelo sinal da circuncisão. Pois a verdadeira circuncisão é *do espírito, não da letra*; é interior e situada no coração, não visível segundo a carne [Rm 2.29].

Por **culto espiritual** ele tem em mente aquilo que nos é recomendado no evangelho e consiste na confiança em Deus e na invocação dele, na renúncia pessoal e na consciência pura. Devemos apresentar

uma antítese, porquanto ele censura, por outro lado, o culto legal, o qual lhes era expressamente imposto pelos falsos apóstolos.

"Ordenam que Deus seja cultuado com observâncias externas; e porque observam as cerimônias da lei, se vangloriam sobre bases falsas de que são o povo de Deus; nós, porém, somos os verdadeiramente circuncidados, que cultuamos a Deus em espírito e em verdade" [Jo 4.23].

Aqui, porém, alguns indagarão se "verdade" exclui os sacramentos, pois o mesmo se pode dizer do Batismo e da Ceia do Senhor. Respondo que é preciso ter sempre este princípio em vista: que as figuras foram abolidas pelo advento de Cristo, e que a circuncisão deu lugar ao batismo. Deste princípio se segue ainda que o culto divino, puro e genuíno, é livre das cerimônias legais, e que os crentes possuem a verdadeira circuncisão sem qualquer figura.

E nos gloriamos em Cristo. Precisamos ter sempre em vista a antítese: "Temos a ver com a *realidade*, enquanto eles repousam nos símbolos; temos a ver com a *substância*, enquanto eles contemplam as sombras." E isso se ajusta suficientemente bem à sentença correspondente, a qual ele adiciona à guisa de contraste – *Não temos confiança na carne*. Pois sob o termo *carne* ele inclui tudo quanto é de gênero externo no qual um indivíduo se prepara para a glória, como transparecerá do contexto; ou, para o expressar em poucas palavras, ele dá o nome de *carne* a tudo quanto é separado de Cristo. E assim ele reprova, e não de um modo leve, os perversos zelotes da lei, porque, não satisfeitos com Cristo, recorreram a justificativas para glorificação à parte dele. Ele empregou os termos *gloriar-se* e *ter confiança* para denotar a mesma coisa. Pois a confiança ergue uma pessoa, de modo que ela se aventura até mesmo à glória, e assim as duas coisas se conectam.

4. Se bem que eu também poderia. Ele não fala de sua disposição, porém notifica que ele tem também motivo de gloriar-se, caso fosse inclinado a imitar a estultícia deles. Portanto, eis o significado: "Minha ostentação, deveras, é depositada em Cristo, mas, caso fosse lícito gloriar-se na carne, eu também não seria carente de materiais." E disto aprendemos como reprovar a arrogância dos que se gloriam em

algo à parte de Cristo. Se temos a posse daquelas mesmas coisas nas quais se gloriavam, então não lhes permitamos triunfar em Cristo com uma ostentação inconveniente, sem apresentar-lhes também nossas bases para ostentação, para que entendam que não é pela inveja que reputamos como sendo de nenhum valor, aliás, renunciamos voluntariamente aquelas coisas nas quais depositamos o mais elevado valor. Entretanto, que a conclusão seja sempre desta natureza – que toda confiança na carne é fútil e despropositada.

Se alguém confia na carne, eu ainda mais. Não satisfeito em pôr-se no mesmo nível de qualquer um deles, ele ainda prefere a si mesmo a eles. Daí, por essa conta, ele não pode ser suspeito como se nutrisse inveja da excelência deles, e exaltou a Cristo com vistas a fazer com que suas deficiências pessoais parecessem menos inconsideráveis. Portanto, ele diz que, caso se tornasse uma questão de disputa, ele seria superior aos demais. Pois eles nada tinham (como veremos dentro em pouco) que ele de sua parte também não tivesse o mesmo que eles, enquanto que, em algumas coisas, ele os suplantava grandemente. Ele diz, sem usar o termo em seu sentido estrito, que ele nutre *confiança na carne*, com base no seguinte: mesmo não depositando confiança nela, ele contava com bases para [sua própria] ostentação carnal, em razão das quais eles tanto se ensoberbeciam.

5. Circuncidado ao oitavo dia. Literalmente, "A circuncisão do oitavo dia." Não obstante, não há diferença no sentido, pois o significado é que ele fora circuncidado da maneira própria, e segundo a designação da lei.[10] Ora, esta circuncisão costumeira era tida como sendo de valor superior; e, além disso, era um emblema da raça à qual pertencia; isso ele menciona imediatamente a seguir. Pois o mesmo não ocorria no tocante aos estrangeiros, porque, depois que se tornavam prosélitos, eram circuncidados na juventude, ou quando chegavam à idade adulta, e às vezes mesmo na velhice. Conseqüentemente, ele diz ser da

10 "Circoncis deuëment et selon l'ordonnance et les obseruations de la loy." – "Circuncidado devidamente e segundo a designação e as observâncias da lei."

raça de Israel. E designa a tribo[11] – em minha opinião, não querendo dizer que a *tribo de Benjamim* tivesse superioridade de excelência acima das demais, mas sim para mostrar mais plenamente que ele pertencia à raça de Israel, segundo o costume em que cada um era catalogado em conformidade com sua tribo particular. Com o mesmo propósito, ele adiciona ainda mais que ele é *hebreu de hebreus*. Pois este título era o mais antigo, como sendo aquele pelo qual o próprio Abraão é designado por Moisés [Gn 14.13]. A suma, pois, é esta: que Paulo descendia da semente de Jacó desde a mais remota data, de modo que ele podia ser do número dos avós e bisavós, e podia ainda recuar muito mais.

Segundo a lei, fariseu. Tendo falado da nobreza de sua ascendência, ele agora passa a falar dos dotes especiais das pessoas, como são chamadas. Em geral se sabe que a seita dos fariseus era célebre acima das demais pelo renome em que era tida pela santidade e pela doutrina. Ele declara que pertencia àquela seita. A opinião comum é que os fariseus eram assim chamados com base em um termo que significa *separação*;[12] eu, porém, prefiro o que aprendi certa vez com Capito, homem de santa memória: [o termo se deve ao fato de que eles] se gabavam de que eram dotados do dom de interpretação da Escritura, pois פרש (*parash*), entre os hebreus, comunica a idéia de *interpretação*. Enquanto outros se declaravam *liberais*,[13] preferindo ser considerados *fariseus*, como estando de posse das interpretações dos antigos. E, seguramente, é evidente que, sob o pretexto de antigüidade, corrompiam toda a Escritura com suas invenções; mas como, ao mesmo tempo, retinham algumas sãs interpretações, elaboradas pelos antigos, eram tidos na mais elevada estima.

Mas o que quer dizer a frase *segundo a lei*? Porque, inquestionavelmente, nada é mais oposto à lei de Deus do que as seitas, pois nela

11 "Il note la tribu et le chef de la lignee de laquelle estoit descendu." – "Ele designa a tribo e a cabeça da linhagem da qual descendera."

12 "Que les Pharisiens ont este ainsi nommez, pouce qu'ils estoyent separez d'auec les autres, comme estans saincts." – "Que os fariseus eram assim chamados porque eram separados dos demais, por serem santos."

13 O significado é que, na interpretação da Escritura, não iam além da mera letra.

se comunica a verdade de Deus, a qual é o vínculo da unidade. Além disso, Josefo nos informa, no Livro XIII de suas *Antiguidades*, que todas as seitas tiveram sua origem durante o sumo sacerdócio de Jônatas. Paulo emprega o termo *lei* não em seu sentido estrito, para denotar a doutrina da religião, por mais corrompida que tenha sido naquele tempo, como o Cristianismo o é nestes dias no Papado. Entretanto, como havia muitos que pertenciam à categoria de mestres, os quais eram menos habilidosos e exercitados,[14] ele faz menção também de seu *zelo*. Com efeito, foi um pecado mui hediondo da parte de Paulo *perseguir a Igreja*; mas como ele tinha que disputar com pessoas sem princípios, as quais, confundindo Cristo com Moisés, pretendiam zelo pela lei, ele menciona, em contrapartida, que havia sido um zelote tão entusiástico da lei, que devido a isso ele *perseguiu a Igreja*.

6. Quanto à justiça que há na lei. Não pode haver dúvida de que ele, com esta expressão, quer dizer toda a justiça da lei, pois seria um sentido muito pobre entender isso como uma referência exclusivamente às cerimônias. O sentido, pois, é mais geral – que ele cultivava uma tal integridade de vida, como é possível adquirir-se por parte de um homem que se devotava à lei. Uma vez mais, a isto se objeta dizendo que a *justiça da lei* é perfeita aos olhos de Deus. Pois a suma dela é que os homens se devotem plenamente a Deus, e o que, além disso, se pode desejar para a obtenção da perfeição? Respondo que Paulo aqui fala daquela *justiça* que satisfaria a opinião comum do gênero humano. Pois ele separa a lei de Cristo. Ora, o que a lei é sem Cristo senão uma letra morta? Para tornar a questão mais clara, observo que há duas justiças da lei. Uma é *espiritual* – amor perfeito para com Deus e nosso semelhante; está contida na doutrina, e jamais teve uma existência na vida de qualquer ser humano. A outra é *literal* – tal como manifesta aos olhos dos homens; enquanto que, no ínterim, a hipocrisia reina no coração, e nada há à vista de Deus senão iniqüidade. Assim, a lei possui dois aspectos: um mantém um olho em Deus, e o outro, nos homens.

14 "Exercez en l'Ecriture." – "Exercitados na Escritura."

Paulo, pois, era santo no juízo dos homens, e isento de toda censura – certamente, uma rara recomendação e quase sem par; contudo, observemos bem em que estima ele a tinha.

7. Mas, o que para mim era lucro, passei a considerá-lo como perda por amor a Cristo;

8. sim, na verdade, tenho também como perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual tenho sofrido a perda de todas estas coisas, e as considero como refugo, para que possa ganhar a Cristo,

9. e seja achado nele, não tendo como minha justiça a que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé;

10. para conhecê-lo, e o poder de sua ressurreição e a participação de seus sofrimentos,

11. para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos.

7. Verum quae mihi lucra erant, ea existimavi propter Christum iacturam.

8. quin etiam omnia existimo iacturam esse, propter eminentiam cognigionis Christi Iesu Domini meipropter quem omnium iacturam feci et existimo rejectamenta esse, ut Christum lucrifaciam.

9. Et inveniam15 in ipso, non habens meam iustitiam quae ex Lege est, sed quae est per fidem Christi: quae inquam, ex Deo est iustitia in fide.

10. Ut cognoscam ipsum, et potentiam resurrectionis eius, et communicationem passionum eius, dum configuror morti eius,

11. Si quo modo perveniam ad resurrectionem mortuorum.

7. O que para mim era lucro. Ele diz que aquelas coisas que lhe constituíam em lucro, porque ignorar a Cristo é a única razão por que nos ensoberbecemos com fútil confiança [em coisas semelhantes]. Daí, onde quer que vejamos uma falsa estima da excelência pessoal de alguém, arrogância e orgulho, asseguremo-nos de que, aí, Cristo não é conhecido. Em contrapartida, tão logo Cristo se manifesta, todas aquelas coisas que outrora maravilhavam nossos olhos com um falso esplendor instantaneamente se desvanecem, ou, pelo menos, diminuem de valor. Conseqüentemente, aquelas coisas que tinham sido *lucro* para Paulo, quando ainda era cego, ou, melhor, que se pareceram com *lucro*, ele reconhece como *perda*, após ser iluminado. Por que *perda*? Porque eram obstáculos no caminho de sua aproximação a Cristo.

15 "Et que ie les retroune en iceluy, ou, soye trouué en iceluy." – "E para que eu pudesse achá-las nele, ou, ser achado nele."

O que é mais nocivo do que aquilo que nos impede de nos achegarmos a Cristo? Ora, ele fala principalmente de sua *justiça* pessoal, porquanto não somos recebidos por Cristo, a não ser que sejamos despidos e esvaziados de nossa justiça pessoal. Conseqüentemente, Paulo reconhece que nada lhe era tão danoso quanto sua justiça pessoal, visto que foi por meio dela que ele ficou excluído de Cristo.

8. Sim, na verdade tenho também como perda. Sua intenção é dizer que ele continua sendo da mesma mente, porque amiúde sucede que, transportados pelo prazer de coisas novas, esquecemo-nos de tudo mais, e mais tarde nos lamentamos. Daí, Paulo, tendo dito que renunciava todos os obstáculos no intuito de ganhar a Cristo, agora adiciona que continua sendo da mesma mente.

Por causa da excelência do conhecimento. Ele enaltece o evangelho em oposição a todas as noções que tendem a nos distrair. Pois há muitas coisas que possuem aparência de excelência, mas o conhecimento de Cristo ultrapassa tudo mais, a um grau tal, por sua sublimidade,[16] que, quando se faz uma comparação, nada existe que não seja desprezível. Portanto, aprendamos disto que [grande] valor devemos depositar no conhecimento de Cristo somente. Quanto ao fato de o chamar *meu Senhor*, ele faz isso para expressar a intensidade de seu sentimento.

Pelo qual tenho sofrido a perda de todas as coisas. Paulo expressa mais do fizera previamente; pelo menos, ele se expressa com mais precisão. É uma analogia tomada dos marinheiros que, quando se vêem em perigo iminente de naufrágio, lançam tudo para fora, para que, sendo o navio aliviado, cheguem no porto em segurança. Paulo, pois, estava preparado a perder tudo que possuía, antes que ser privado de Cristo.

Pergunta-se, porém, se nos é necessário renunciar às riquezas, às honras, à nobreza de origem, e até mesmo à justiça externa, para que nos tornemos *participantes de Cristo* [Hb 3.14], pois todas essas coisas são dons de Deus, as quais, por si sós, não devem ser desprezadas. Respondo que o apóstolo aqui não fala tanto das coisas em si mesmas, quanto da qualidade

16 "Par son excellence et hautesse." – "Por sua excelência e imponência."

delas. Claro, é verdade que o reino do céu se assemelha a uma *pérola preciosa*, por cuja aquisição ninguém hesitaria em vender tudo o que possui [Mt 13.46]. Não obstante, há certa diferença entre a substância das coisas e a qualidade. Paulo não achou necessário renegar a conexão com sua própria tribo e com a raça de Abraão, e tornar-se um alienado, a fim de se fazer cristão; mas sim renunciar à dependência dessa sua ascendência. Não era conveniente que, de casto ele viesse a ser incontinente; de sóbrio ele viesse a ser intemperante; e de respeitável e honrado viesse a ser dissoluto; senão que se despisse de uma falsa estima de sua justiça pessoal e a tratasse com desprezo. Nós também, quando tratamos da justiça da fé, não contendemos contra a substância das obras, e sim contra aquela qualidade com que os sofistas as investem, visto que contendem que os homens são justificados por elas. Paulo, pois, se despiu, não das obras, mas daquela equivocada confiança depositada nas obras, com que se ensoberbecia.

Quanto a riquezas e honras, assim que nos despimos de nosso apego a elas, então nos preparamos também para renunciar às próprias coisas, sempre que o Senhor demandar isto de nós, e assim suceder. Não é expressamente necessário que sejamos pobres a fim de podermos ser cristãos; mas, se ao Senhor aprouver que o sejamos, então devemos estar preparados a suportar a pobreza. Enfim, não é lícito aos cristãos possuir algo à parte de Cristo. Considero como *à parte de Cristo* tudo quanto se constitui em obstáculo à glória exclusiva e ao senhorio completo de Cristo sobre nós.

E as considero como refugo. Aqui ele amplia consideravelmente, não por meras palavras, mas por realidades, o que havia afirmado. Pois aqueles que lançam ao mar suas mercadorias e outras coisas, para que possam escapar em segurança, nem por isso desprezam as riquezas, porém agem como pessoas que preferem viver em miséria e destituição[17] a

17 Pierce aduz os dois exemplos seguintes da mesma forma de expressão de que se fazia uso entre os romanos – Plautus diz (*Trucul.* act ii. sc vii. ver. 5), onde fala de alguém que era culpado de prodigalidade – "qui bona sua pro *stercore* habet, foras jubet Ferri" ("Quem considera suas mercadorias como *esterco*, e ordena que sejam levados para fora de casa"). Assim também Apuleius (Florid, c. 14) fala de Crates, quando se tornou cínico: "Rem familiarem abjicit velut onus *stercoris*, magis labori quam usui" ("Ele lança fora suas mercadorias como um monte de *esterco*, que eram

submergir com essas riquezas. É verdade que se separam delas, porém, com pesar e em suspiros; e, uma vez livrados, lamentam a perda delas. Paulo, contudo, declara, em contrapartida, que não só abandonara tudo o que outrora considerava precioso, mas que o considerava como se lhe fosse *esterco*; ofensivo ou descartáveis, como algo desprezível. Crisóstomo traduz a palavra por *palha*. Não obstante, os gramáticos são de opinião que σκύβαλον é empregado como se fosse κυσίβαλον – *o que é lançado aos cães*.[18] E certamente há boa razão por que tudo o que se opõe a Cristo nos seja ofensivo, visto ser "uma abominação aos olhos de Deus" [Lc 16.15]. Há boa razão por que deva ser ofensivo a nós também, no fato de que isso provém de uma imaginação infundada.

Para que possa ganhar a Cristo. Por meio desta expressão, ele notifica que não podemos *ganhar a Cristo* de outra maneira senão pela perda de tudo o que temos. Pois ele quer que sejamos ricos tão-somente de sua graça; ele quer que o tenhamos como nossa plena bem-aventurança. Ora, já disse de que maneira devemos suportar a perda de todas as coisas – de tal maneira que nada nos dissuadirá da confiança depositada unicamente em Cristo. Se Paulo, porém, com tal integridade e inocência de vida, não hesitou em considerar sua justiça pessoal como sendo *perda* e *esterco*, o que dizer daqueles fariseus de nossos dias que, enquanto se cobrem com todo gênero de perversidade, não obstante não sentem vergonha de exaltar seus méritos pessoais em oposição a Cristo?

9. E seja achado nele. O verbo está na voz passiva, e daí todos os outros o têm traduzido *Eu seja achado*. Entretanto, eles passam pelo contexto de uma maneira indiferente, como se não tivesse nenhuma força peculiar. Se você lê na voz passiva, deve subentender uma *antítese* – que Paulo havia se perdido antes de ser encontrado em Cristo, como um rico mercador que se vê *perdido*, enquanto tem seu navio carregado com riquezas; mas quando percebe que tudo foi lançado ao mar, então é *acha-*

mais nauseabundos do que úteis").

18 Essa é a etimologia dada por Suidas: "O que é lançado aos cães."

do.[19] Pois aqui vem a lume aquele admirável ditado: "Eu estaria perdido, se não tivesse perdido." Mas, como o verbo εὑρίσκομαι, embora tenha uma terminação passiva, tem uma significação ativa, e significa recuperar o que você voluntariamente renunciou (como Budaeus demonstra por vários exemplos), não hesito em diferir da opinião dos demais. Pois, desta maneira, o significado será mais completo, e a doutrina, mais ampla – que Paulo renunciou tudo o que possuía para que pudesse recuperá-lo em Cristo; e isto corresponde melhor à palavra *lucro*, pois significa que este não era um *lucro* trivial ou ordinário, visto que Cristo contém em si todas as coisas. E, inquestionavelmente, nada perdemos quando nos achegamos a Cristo nus e despidos de tudo, pois aquelas coisas que anteriormente imaginamos, sobre bases falsas, possuir, então começamos de fato a adquirir. Conseqüentemente, ele mostra mais plenamente quão grandes são as riquezas de Cristo, porquanto é nele que obtemos e *achamos* todas as coisas.

Não tendo como minha justiça. Temos aqui uma passagem notável, se porventura alguém deseja ter uma descrição particular da *justiça procedente da fé* e entender sua verdadeira natureza. Pois aqui Paulo faz uma comparação entre dois tipos de *justiça*. Ele diz que *uma* é aquela que pertence ao homem, a qual ele chama de *justiça da lei*; e diz que a *outra* é a de Deus, e se obtém mediante a fé, e repousa na fé em Cristo. Ele representa ambas como sendo tão diretamente opostas entre si, que não podem se sustentar juntas. Daí ser preciso observar duas coisas aqui. Em primeiro lugar, que você precisa desistir e renunciar à *justiça da lei* para que seja justo mediante a fé; e, em segundo lugar, que a *justiça proveniente da fé* tem sua origem em Deus e não pertence ao indivíduo. Quanto a ambas, mantemos hoje uma grande controvérsia contra os papistas; pois, de um lado, não admitem que a *justiça proveniente da fé* seja exclusiva de Deus, e em parte a atribuem ao homem; e,

19 "Mais apres que les richesses sont iettees en la mer, il est rouué, pource qu'il commence a avoir esperance d'eschapper, d'autant que le vaisseau est allegé." – "Mas depois que suas riquezas tiverem sido lançadas ao mar, ele é achado, visto que começa a nutrir boa esperança de escape, porque o navio já foi aliviado."

por outro lado, misturam ambas, como se uma não destruísse a outra. Daí ser preciso que examinemos detidamente as várias palavras usadas por Paulo, pois nenhuma delas deixa de ser muito enfática.

Ele diz que os crentes não possuem justiça propriamente sua. Ora, não se pode negar que, se houvesse alguma justiça proveniente das obras, então poder-se-ia afirmar com propriedade que ela seria nossa. Daí não deixarmos qualquer espaço à justiça proveniente das obras. Em Romanos 10.5, ele mostra por que a chama a justiça da lei; porque esta é a sentença da lei: *Aquele que pratica essas coisas viverá por elas.* A lei, pois, exige que o homem seja justo através das obras. Tampouco há razão para a astúcia dos papistas de que tudo isso se restringe às cerimônias. Porque, em *primeiro* lugar, constitui uma desprezível frivolidade afirmar que Paulo só era justo através das cerimônias; e, em *segundo* lugar, dessa maneira ele extrai um contraste entre aqueles dois tipos de justiça – uma sendo do homem; a outra, de Deus. Conseqüentemente, ele notifica que uma constitui a recompensa das obras; enquanto que a outra constitui uma dádiva gratuita de Deus. E assim, de uma maneira geral, ele põe o mérito do homem em oposição à graça de Cristo; pois enquanto a lei produz obras, a fé apresenta o homem perante Deus desnudo, para que seja vestido com a justiça de Cristo. Quando, pois, ele declara que a justiça proveniente da fé procede de Deus, não é simplesmente porque a fé é dom de Deus, mas porque Deus nos justifica por sua benignidade, ou porque pela fé recebemos a justiça que ele nos conferiu.

10. Para conhecê-lo. Paulo realça a eficácia e natureza da fé – que ela é o conhecimento de Cristo, e que também não é vazia ou indistinta, mas de tal maneira que se pode sentir o poder de sua ressurreição. Ele emprega a *ressurreição* no sentido de plenitude da redenção, de modo que abrange, ao mesmo tempo, a idéia de morte. Mas, como não basta conhecer a Cristo como crucificado e ressurreto dentre os mortos, a menos que você experimente também o fruto disto, ele fala expressamente de eficácia.[20] Cristo, pois, é corretamente conhecido

20 "De l'efficace ou puissance." – "da eficácia ou poder."

quando sentimos quão poderosas são sua morte e ressurreição, e quão eficazes elas são em nós. Agora todas as coisas nos são aí fornecidas – expiação e destruição do pecado, isenção da condenação, satisfação, vitória sobre a morte, a obtenção da justiça e a esperança de uma bendita imortalidade.

E a comunhão de seus sofrimentos. Tendo falado daquela justiça gratuitamente conferida, a qual nos foi granjeada pela ressurreição de Cristo, e é obtida por nós mediante a fé, ele segue em frente discutindo a prática dos santos, e isso para que não parecesse que ele introduzia uma fé inativa, a qual não produziria efeito algum na vida. Ele notifica ainda, indiretamente, que estes são os exercícios nos quais o Senhor quer que seu povo se envolva; enquanto os falsos apóstolos lhes impunham os elementos externos e inúteis das cerimônias. Que cada um, pois, que através da fé veio a ser participante de todos os benefícios de Cristo, reconheça que se lhe apresenta uma condição – que toda esta vida seja conformada à sua morte.

Não obstante, há uma dupla participação e comunhão na morte de Cristo. Uma é interior – o que a Escritura costuma chamar "a mortificação da carne", ou "a crucificação do velho homem", do que Paulo trata no sexto capítulo de Romanos; a outra é exterior – que é chamada "a mortificação do homem exterior". É a paciência da cruz, da qual ele trata no oitavo capítulo da mesma epístola, e também aqui, salvo engano. Pois após introduzir juntamente com isto *o poder de sua ressurreição*, Cristo crucificado é posto diante de nós para que o sigamos através de tribulações e angústias; e daí fazer-se expressa menção da ressurreição dos mortos, para que saibamos que temos de morrer antes de viver. Este é um tema de contínua meditação para os crentes enquanto peregrinam por este mundo.

Não obstante, esta é consolação oportuna: que em todas as nossas misérias somos participantes da cruz de Cristo, se somos seus membros; de modo que, através das aflições, uma via nos é aberta para a eterna bem-aventurança, como lemos em outro lugar: "Se, pois,

já morremos com ele, também com ele viveremos" [2Tm 2.11]. Portanto, todos nós devemos estar preparados para isto – que toda nossa vida nada mais represente senão a imagem da morte, até que ela produza a própria morte, como a vida de Cristo nada mais é do que o prelúdio da morte. Entretanto, nesse ínterim desfrutamos desta consolação – que no fim desfrutaremos de eterna bem-aventurança. Pois a morte de Cristo está conectada à sua ressurreição. Daí Paulo dizer que ele está conformado à morte de Cristo, para que obtivesse a glória da ressurreição. A frase *se de algum modo* não indica dúvida, mas expressa dificuldade, com vistas a estimular nossa ardente diligência;[21] pois esta luta não é fácil, visto que temos de lutar contra tantos e tão sérios obstáculos.

12. Não como se já tivesse alcançado, ou já fosse perfeito; mas sigo em frente, para ver se poderei alcançar aquilo para o que também estou alcançado por Cristo Jesus.

13. Irmãos, quanto a mim, não julgo que já o tenha alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás, e avançando para as que estão adiante,

14. prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus.

15. Portanto, todos quantos somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se em alguma coisa pensais de outro modo, Deus também vo-lo revelará.

16. Mas, naquilo que já alcançamos, assim andemos pela mesma regra, pensando a mesma coisa.

17. Irmãos, sede meus imitadores, e atentai para aqueles que andam conforme o exemplo que tendes em nós.

12. Non quod iam apprehenderim, atu iam perfectus sim: sequor autem, si ego quoque apprehendam, quemadmodum et apprehensus sum a Christo Iesu.

13. Fratres, ego me ipsum nondum arbitror apprenhendisse, unum autem, ea quae retro sunt oblitus, ad ea quae ante sunt me extendens,

14. secundum scopum sequor ad palmam supernae vocationis Dei in Christo Iesu.

15. Quicunque perfecti sumus, hoc sentiamus: et si quod aliter sentitis, etiam hoc vobis Deus revelabit.

16. Caeterum quo perverniamus, ut idem sentiamus, eadem procedamus regula.

17. Simul imitatores mei estote, fratres, et considerate eos qui sic ambulant: quemadmodum nos habetis pro exemplari.

21 "Afin de nous resueiller et aiguiser a nous y addonner de tant plus grande affection." – "Para que nos desperte e nos estimule a nos devotarmos a ela com muito mais zelo."

12. Não como se já tivessem alcançado. Paulo insiste sobre isto com o fim de convencer os filipenses de que em nada mais pensa senão em Cristo – em não saber nada mais, em não desejar nada mais, em não ocupar-se com nenhum outro tema de meditação. Em conexão com isto, há muito peso no que ele acrescenta agora – que ele mesmo, embora encarando todos os obstáculos, não obstante ainda não alcançara aquele alvo, e que, por isso mesmo, ele sempre almejou e ardentemente aspirou a algo mais. [Tal atitude] era ainda mais exigida dos filipenses, visto estarem ainda muito atrás dele [nessa inclinação].

Não obstante, pergunta-se que coisa é essa que Paulo não havia ainda alcançado. Pois, inquestionavelmente, tão logo somos, pela fé, enxertados no corpo de Cristo, já passamos a fazer parte do reino de Deus, e, como afirmara aos efésios [Ef 2.6], já em esperança nos "assentamos nos lugares celestiais". Respondo que nossa salvação, no ínterim, consiste em esperança, de modo que a herança de fato já está segura; mas, não obstante, ainda não tomamos posse dela. Ao mesmo tempo, ele aqui visualiza algo mais – o progresso da fé e daquela mortificação da qual já fez menção. Ele dissera que almejava e aspirava ardentemente a ressurreição dentre os mortos pela comunhão da cruz de Cristo. Ele adiciona que ainda não havia chegado lá. Chegado onde? Na posse da inteira comunhão com os sofrimentos de Cristo, na plena degustação do poder de sua ressurreição e de conhecê-lo perfeitamente. Portanto, ele ensina, por seu próprio exemplo, que devemos fazer progresso, e que o conhecimento de Cristo é uma obtenção tão difícil, que mesmo aqueles que se aplicam exclusivamente a ela deixam de alcançar a perfeição nela enquanto vivem aqui. Entretanto, isto não detrai, em nenhum grau, da autoridade da doutrina de Paulo, visto que ele já adquirira o quanto era suficiente para desincumbir-se do ofício a ele confiado. Entrementes, era-lhe necessário fazer progresso, para que esse instrutor divinamente munido de tudo fosse ainda exercitado na humildade.

Como eu também fui alcançado. Ele inseriu esta sentença como uma correção, com o fim de atribuir toda sua diligência à graça de Deus. Não é de grande importância se você lê *como* ou *enquanto*; pois

o significado, em ambos os casos, permanece o mesmo – que Paulo foi alcançado por Cristo para que pudesse alcançar Cristo; isto é, que ele nada fez exceto sob a influência e diretriz de Cristo. Contudo, decidi pela tradução mais distinta, como parecia ser opcional.

13. Quanto a mim, não julgo que já o tenha alcançado. Aqui ele não põe em xeque a certeza de sua salvação, como se estivesse ainda em suspense, porém reitera o que já dissera – que ainda almejava fazer mais progresso, porque ainda não atingira o fim de sua vocação. Ele mostra isso imediatamente a seguir, dizendo que ele atentava para esta única coisa, descartando tudo mais. Ora, ele compara nossa vida a uma pista de corrida, cujos traçados Deus nos demarcou para corrermos nela. Pois como de nada adiantaria a um corredor largar o ponto de partida, a menos que avançasse rumo ao alvo, assim devemos também seguir o curso de nossa vocação até a morte, e sem cessar até que tenhamos obtido o que buscamos. Ademais, como a pista é demarcada para o corredor, para que não se fatigue, sem nenhum propósito, ora correndo nesta direção, ora naquela, assim existe também um alvo que jaz diante de nós, rumo ao qual devemos dirigir nosso curso sem qualquer desvio; e Deus não permite que vagueemos desatentos. Em terceiro lugar, como se requer do corredor que seja livre de embaraços, e não se detenha em seu curso por conta de algum impedimento, mas deve seguir sempre em frente, vencendo cada obstáculo; assim devemos atentar bem para não aplicarmos nossa mente ou coração a algo que desvie nossa atenção, mas, ao contrário, devemos empregar todo nosso esforço para que, livres de toda e qualquer distração, sejamos conduzidos por uma mente total e exclusivamente direcionada à vocação divina. Ele compreende essas três coisas numa só figura. Ao dizer que *faz esta única coisa*, e esquece todas as coisas que ficam para trás, ele notifica sua assiduidade, e exclui tudo quanto se apresta à distração. Ao dizer que *se apressa rumo ao alvo*, ele notifica que não se aparta do caminho.

Esquecendo aquelas coisas que para trás ficam. Ele refere-se aos corredores, os quais não voltam seus olhos em qualquer direção, para que não venham a diminuir a velocidade de seu curso, e, mais

especialmente, não olham para trás a fim de ver quanto terreno já percorreram, mas se apressam sem interrupção rumo ao alvo. Assim, Paulo nos ensina que não pensa no que aconteceu, ou no que foi feito, mas simplesmente se apressa para aquele alvo que lhe fora designado; e que também, com tal ardor, corre em direção a ele, por assim dizer, com os braços estendidos. Pois uma metáfora desta natureza está implícita no particípio que ele emprega.[22]

Alguém observaria, como um contra-argumento, que a memória de sua velha vida é usada com o fim de nos estimular, seja porque os favores que já nos foram conferidos nos injetam encorajamento para nutrirmos esperança, ou porque somos admoestados, por nossos pecados, a corrigir nosso curso de vida. Respondo que pensamentos desta natureza não dispersam nossa visão do que jaz diante de nós para o que jaz na retaguarda, mas, antes, corrobora nossa visão, de modo a discernirmos mais distintamente o alvo. Não obstante, Paulo aqui condena o olhar para trás, o que ou destrói ou prejudica o entusiasmo. Assim, por exemplo, se alguém se convencer de que já fez progresso suficientemente grande, considerando que já fez bastante, vindo a tornar-se indolente e inclinado a *entregar a lâmpada*[23] para outrem; ou, se alguém olha para trás com o senso de desânimo pela situação de seu percurso, esse não pode aplicar toda a disposição de sua mente àquilo a que se acha engajado. Essa era a natureza dos pensamentos de que a mente de Paulo requeria para desviar-se, caso ele de bom ânimo quisesse seguir a vocação de Cristo. Entretanto, como já se fez menção aqui de diligência, alvo, curso, perseverança, para que ninguém imaginasse que a salvação consiste nessas coisas, ou até mesmo atribuída à indústria humana o que procede de outro canto, com vistas a realçar a causa de todas essas coisas ele acres-

22 O particípio referido é ἐπεκτεινόμενος, o qual, como o Dr. Bloomfield observa, "é muitíssimo apropriado para o *corredor*, seja a pé, seja a cavalo, seja em carro; visto que o corredor estende sua cabeça e mãos para frente, ansioso para alcançar o alvo."

23 Uma expressão proverbial, encontrada nas circunstâncias que em certos jogos de Atenas os corredores tinham de levar uma lâmpada, ou uma tocha acesa, de modo que não se apagasse e nenhum dos competidores abandonasse a competição, ele entrega a lâmpada, ou a tocha, a seu sucessor. Veja-se Auct. Ad Herenn. l. 4, c. 46; Lucret. l. 2, v. 77.

centa: *em Cristo Jesus*.

15. Todos quantos somos perfeitos. Para que ninguém entendesse isto como uma expressão da generalidade do gênero humano, como se ele estivesse explicando os simples elementos aos que não passam de meras crianças em Cristo, ele declara que esta é uma regra a ser seguida por tantos quantos são perfeitos. Ora, a regra é esta: que devemos renunciar a confiança em todas as coisas, para que nos gloriemos somente na justiça de Cristo, e [para que], preferindo-a a tudo mais, aspiremos uma participação em seus sofrimentos, os quais podem ser o meio de conduzir-nos à bendita ressurreição. Onde, pois, estará aquele estado de perfeição com que os monges sonham; onde a confusa miscelânea de tais invenções; onde, em suma, todo o sistema papal que nada mais é do que uma imaginária perfeição, que nada tem em comum com esta regra de Paulo? Indubitavelmente, todo aquele que entende essa palavra ["perfeição"] perceberá claramente que tudo o que se ensina no papado no tocante à obtenção da justiça e salvação não passa de repugnante esterco.

Se pensais de outro modo. Pelo mesmo meio ele [simultaneamente] os humilha e os inspira com boa esperança, pois os admoesta a não exultar em sua ignorância e, ao mesmo tempo, os convida a nutrir bom ânimo, ao dizer que devemos esperar pela revelação de Deus. Pois sabemos quão grande obstáculo à verdade é a obstinação. Portanto, esta é a melhor preparação para a docilidade – quando não nos deleitamos no erro. Conseqüentemente, Paulo indiretamente nos ensina que devemos esperar pela revelação divina se ainda não alcançamos o que esperamos. Ademais, ao ensinar que devemos prosseguir passo a passo, ele nos encoraja a não recuar em meio ao curso. Ao mesmo tempo, mantém além de toda e qualquer controvérsia o que ensinara previamente, quando diz que aqueles que diferem dele [em opinião] terão uma revelação do que ainda não conhecem. Pois é como se ele dissesse: "O Senhor um dia mostrará a vocês aquela mesma coisa que declarei ser uma regra

perfeita do verdadeiro conhecimento e de uma vida correta." Ninguém poderia falar desta maneira se ele não estivesse plenamente seguro do bom senso e da exatidão de sua doutrina. Que nesse meio tempo aprendamos também desta passagem que devemos suportar por algum tempo a ignorância de nossos irmãos e perdoá-los, se não lhes foi dado imediatamente uma mente totalmente coesa com a nossa. Paulo se sentia seguro quanto à sua doutrina, e contudo concede aos que ainda não podiam recebê-la tempo para fazer progresso, e não cessa de devotar-lhes respeito como irmãos; só que os acautela contra o perigo de se gabarem de sua ignorância. Não hesito em rejeitar a tradução das cópias[24] latinas, no pretérito, *revelavit* (*ele se revelou*) como inadequada e imprópria.

16. Mas, naquilo que já alcançamos. Inclusive os próprios manuscritos gregos diferem quando à divisão das cláusulas, pois em alguns deles há duas sentenças completas. Não obstante, se alguém preferir dividir o versículo, o significado ficará como Erasmo o traduziu.[25] Quando a mim, prefiro antes uma leitura diferente, implicando que Paulo exorta os filipenses a que o imitem, para que, pelo menos, alcancem o mesmo alvo, no tocante a *pensar a mesma coisa* e *andar pela mesma regra*. Pois onde existe afeto sincero, tal como reinava em Paulo, é fácil a via para uma concórdia santa e piedosa. Portanto, como não tinham ainda aprendido qual era a verdadeira perfeição, a fim de que pudessem atingi-la, ele deseja que eles sejam seus imitadores; isto é, a que buscassem a Deus com "uma consciência pura" [2Tm 1.3], a nada arrogar para si e tranqüilamente sujeitar a Cristo seus entendimentos. Pois no ato de imitar a Paulo estão inclusas todas estas excelências – zelo puro, temor do Senhor, modéstia, auto-renúncia, docilidade, amor e aspiração pela concórdia. Ele os convida, contudo, a um e ao mesmo tempo, a que fossem seus imitadores; isto é, tendo

24 A tradução da Vulgata (*revelavit*) é seguida pela versão Rheims (1582): *tem revelado*.

25 Eis a tradução de Erasmo: "Eadem incedamus regula, ut simus concordes." – "Andemos na mesma regra, para que sejamos da mesma mente." As palavras inseridas no texto comum, κανόνι τὸ αὐτὸ φρονεῖν (*regra – penseis a mesma coisa*), são omitidas, como observa Granville Penn, nos manuscritos Vaticano e Alexandrino, e nas versões Cóptica e Etiópica, e em Hilário e Agostinho.

todos o mesmo consenso e a mesma mente.

Observe-se que o alvo da perfeição, ao qual ele convida os filipenses, mediante seu exemplo, é que *pensassem a mesma coisa* e *andassem pela mesma regra*. Entretanto, ele designou o primeiro lugar à doutrina na qual devem se harmonizar, e a cuja regra devem conformar-se.

17. Atentai para aqueles. Por esta expressão ele tem em mente todos quantos as pessoas destacam para si para imitação, contanto que se conformem àquela pureza da qual ele era padrão. Por este meio se descarta toda suspeita de ambição, pois o homem que se devota a seus interesses pessoais não deseja ter um rival. Ao mesmo tempo, ele adverte que nem todas as pessoas devem ser imitadas [indiscriminadamente], como mais adiante ele explica de forma mais plena.

18. (porque muitos andam, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo;

19. cujo fim é a perdição; cujo deus é seu ventre; e cuja glória está em seu opróbrio; os quais só cuidam das coisas terrenas.)

20. Mas nossa convivência está nos céus, donde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo;

21. que transformará o corpo de nossa humilhação, para ser conforme ao corpo de sua glória, segundo seu poder eficaz de até sujeitar a si todas as coisas.

18. Multi enim ambulant (quos saepe dicebam vobis, ac nunc etiam flens dico, inimicos esse crucis Christi:

19. Quorum finis perditio, quorum deus venter est, et gloria in confusione ipsorum terrena cogitantes.)

20. Nostra autem conversatio in coelis est, e quibus etiam salvatorem respectamus, Dominum Iesum Christum.

21. Qui transformabit corpus nostrum humile, ut sit conforme corpori suo glorioso, secundum efficatiam, qua potest etiam sibi subiicere omnia.

18. Porque muitos andam. A simples afirmação, em minha opinião, é esta: "Muitos só pensam nas coisas terrenas", com isto significando que há muitos que se rastejam no solo[26] sem sentir o poder do reino de Deus. Não obstante, ele menciona, em conexão com isso, as marcas pelas quais tais pessoas se distinguem. Examinaremos cada uma destas marcas em sua ordem. Há quem entenda

26 "Qui ont leurs affections enracines em l aterre." – "Que têm seus afetos radicados na terra."

por coisas terrenas as cerimônias, bem como os elementos externos do mundo, os quais fazem a verdadeira piedade ser esquecida. No entanto, prefiro ver o termo como uma referência à afeição carnal, significando que aqueles que não são regenerados pelo Espírito de Deus em nada pensam senão no mundo. Isto transparecerá mais distintamente à luz do que segue; pois ele os expõe ao opróbrio com o seguinte argumento – que, aspirando exclusivamente a honra pessoal, bem-estar e ganho, não incluem em sua vida a edificação da Igreja.

Dos quais vos disse repetidas vezes. Ele mostra que não é sem boa razão que tem advertido os filipenses com freqüência, visto que agora se esforça por lembrar-lhes, por carta, das mesmas coisas que outrora lhes mencionara quando presente com eles. Suas lágrimas também constituem uma evidência de que ele não se deixa influenciar pela inveja ou pelo ódio dos homens, nem por qualquer disposição para revide, nem pela insolência do mau gênio, e sim pelo zelo piedoso, visto que ele vê a Igreja ser miseravelmente destruída[27] por tais pestes. Seguramente, nos convém deixar-nos afetar de tal maneira que, ao vermos os lugares dos pastores ocupados por pessoas perversas e indignas, gemamos e produzamos evidência, pelo menos por nossas lágrimas, de que sentimos profunda tristeza pela calamidade da Igreja.

É também importante notar a quem Paulo se refere – não a inimigos declarados, cujo desejo confesso era que a doutrina fosse destruída –, mas de impostores e degenerados, que pisoteavam sob a planta de seus pés o poder do evangelho, movidos por ambição ou por seus próprios ventres. E, inquestionavelmente, pessoas desse tipo, que enfraquecem a influência do ministério por buscarem seus interesses pessoais,[28] às vezes fazem mais estrago do que se fizessem

27 "Perdue et ruinee." – "Destruída e arruinada."

28 "Ne regardans qu'a eux-mesmes et a leur proufit, font perdre toute la faueur et la force du ministere." – "Apenas mirando a si próprios e sua vantagem pessoal, minam toda influência e poder do ministério."

franca oposição a Cristo. Não devemos de modo algum poupá-los, mas que sejam apontados com o dedo, sempre que houver ocasião. Que se queixem depois, o quanto queiram, de nossa severidade, contanto que não possam alegar nada contra nós de que não está em nosso poder justificar o exemplo de Paulo.

Que são inimigos da cruz de Cristo. Há quem explique *cruz* no sentido de todo o mistério da redenção, e explicam que isto é dito deles, porque, ao pregarem a lei, esvaziavam o benefício da morte de Cristo. Outros, contudo, a entendem no sentido de que se esquivavam da cruz e não estavam preparados para se expor a perigos por amor a Cristo. No entanto, eu a entendo de uma maneira mais geral, como a significar que, enquanto pretendiam ser amigos, não obstante eram os piores inimigos do evangelho. Pois não é algo incomum para Paulo empregar o termo *cruz* no sentido de toda a pregação do evangelho. Pois, como ele diz em outro lugar, "Se alguém está em Cristo, é nova criatura" [2Co 5.17].

19. Cujo fim é a destruição. Ele adiciona isto para que os filipenses, estarrecidos pelo perigo, fossem um tanto mais cuidadosos em sua vigilância, para que não se envolvessem na armadilha daquelas pessoas. Entretanto, como os libertinos desta descrição, por meio de exibição e vários artifícios, costumam ofuscar os olhos dos simples por algum tempo, de tal maneira que são preferidos até mesmo aos mais eminentes servos de Cristo, o apóstolo declara, com grande confiança,[29] que a glória com que agora se inflam será mudada em ignomínia.

Cujo deus é o ventre. Como impunham a observância da circuncisão e outras cerimônias, ele diz que não agem assim movidos por zelo da lei, mas com vistas a granjear o favor humano, e para viverem pacificamente e isentos de aborrecimento. Porquanto viam que os judeus ardiam com uma raiva feroz contra Paulo, e contra aqueles como ele, e que Cristo não podia ser proclamado por eles

29 "Hardiment et d'vne grande asseurance." – "Ousadamente e em grande confiança."

de modo puro com qualquer outro resultado senão o de suscitar contra si a mesma fúria. Conseqüentemente, visando à sua própria tranqüilidade e vantagem, introduziam essas corrupções com vistas a mitigar a fúria dos outros.[30]

20. Mas nossa convivência está no céu. Esta afirmação transtorna todas as vãs exibições em que os pretensos ministros do evangelho costumam se vangloriar, e indiretamente denuncia todos os objetivos que tinham em vista,[31] porque, ao se agitarem de um lado para o outro, não aspiravam ao céu. Pois ele ensina que não se deve reconhecer nada como possuindo algum valor exceto o reino espiritual de Deus, porque os crentes devem viver uma vida celestial neste mundo. "*Eles pensam nas coisas terrenas*; por isso é conveniente que nós, cuja *convivência está no céu*, vivamos separados deles."[32] É verdade que aqui nós estamos misturados aos incrédulos e hipócritas; mais ainda, a palha, no celeiro do Senhor, tem melhor aparência do que o trigo. Ademais, estamos expostos às costumeiras inconveniências desta vida terrena; precisamos ainda de comida e bebida e outras necessidades, mas devemos manter a convivência com o céu na mente e nos afetos. Pois, de um lado, devemos passar serenamente por esta vida; e, do outro, devemos estar mortos para o mundo para que Cristo viva em nós, e para que, por nossa vez, vivamos para ele. Esta passagem é uma fonte mui abundante de muitas exortações que podem ser detectadas com facilidade.

Donde também. Do relacionamento que temos com Cristo ele prova que nossa cidadania[33] está vinculada ao céu, pois não é conveniente que os membros vivam separados de sua Cabeça. Conseqüentemente, como Cristo está no céu, para que estejamos

30 "Pour esteindre et appaiser lê feu des autres." – "Visando a mitigar e aplacar o fogo de outros."

31 "Toutes leurs inuentions et façons de faire." – "Todas suas invenções e modos de agir."

32 "Que nous soyons diuisez et separez d'auec eux." – "Que vivamos divididos e separados deles."

33 *Politiam* – um termo correspondente àquele empregado no original – πολίτευμα.

unidos a ele se faz necessário que, em espírito, habitemos fora deste mundo. Além disso, "onde está nosso tesouro, aí também está nosso coração" [Mt 6.21].

Cristo, que é nossa bem-aventurança e glória, está no céu; que nossas almas, pois, habitem com ele nas alturas. É por isso mesmo que [Paulo] expressamente o chama de *Salvador*. Donde nos vem a salvação? Cristo nos virá do céu em sua função de *Salvador*. Daí, seria inconveniente que fôssemos apreendidos por esta terra.[34] Este epíteto, *Salvador*, se ajusta bem à conexão da passagem; pois relata-se que estamos no céu com respeito à nossa mente, ou, seja, que é tão-somente dessa fonte que a esperança da salvação nos emana. Como a vinda de Cristo será terrível para os perversos, assim ela desvia mais suas mentes do céu do que as atrai para lá. Porquanto bem sabem que ele lhes virá em sua função de Juiz, por isso se esquivam dele o máximo que podem. Destas palavras de Paulo as mentes piedosas derivam a mais doce consolação, como a instruí-los de que a vinda de Cristo deve ser desejada por eles, visto que ela lhes trará salvação. Em contrapartida, é um emblema seguro de incredulidade quando as pessoas tremem ante a mera menção dela. Examine-se o oitavo capítulo de Romanos. Entretanto, enquanto outros se deixam transportar por várias aspirações, Paulo deseja que os crentes vivam contentes unicamente com Cristo.

Ademais, desta passagem aprendemos que não se deve pensar em nada vil ou terreno como [se viesse] de Cristo, visto que Paulo nos convida a erguer os olhos para o céu a fim de O buscar. Ora, aqueles que arrazoam com sutileza dizendo que Cristo não está encerrado nem oculto em algum canto do céu, com vistas a provar que seu corpo está em toda parte, e enche céu e terra, deveras dizem algo mui verdadeiro, porém incompleto; pois como que, por temeridade e estultícia, remontam para além dos céus e designam a Cristo uma posição, ou trono, ou lugar de passeio, nesta ou naquela região, assim é uma tola e des-

34 "Que nous soyons occupez et enueloppez en terre." – "Que estejamos ocupados e enredados com a terra."

trutiva demência arrastá-lo do céu por alguma consideração carnal, a ponto de buscá-lo na terra. Subamos, pois, com nossos corações,[35] para que estejamos com o Senhor.

21. Que transformará. Por este argumento ele instiga os filipenses ainda mais a elevar suas mentes ao céu para que estejam totalmente voltadas para Cristo – porque este corpo que carregamos conosco não é uma habitação perene, e sim um frágil tabernáculo, o qual num instante se vê reduzido a nada. Além disso, ele é suscetível de tantas misérias e de tantas desonrosas enfermidades, que se pode com razão afirmar que ele é *vil* e saturado de ignomínia. Donde, pois, se espera vir sua restauração? Do céu, na vinda de Cristo. Daí não haver parte de nós que não deva aspirar ao céu com exclusiva afeição. De um lado, vemos na vida, mas, de outro, principalmente, na morte, a atual insignificância de nossos corpos; a glória de que desfrutarão, ao se conformar ao corpo de Cristo, por ora nos é incompreensível; pois se os discípulos não puderam suportar uma leve degustação que ele lhes propiciou[36] em sua transfiguração [Mt 17.6], qual de nós poderia lograr de sua plenitude? Que no presente estejamos contentes com a evidência de nossa adoção, estando destinados a conhecer as riquezas de nossa herança, quando alcançarmos o usufruir delas.

Segundo a eficácia. Como nada é mais difícil para se crer, ou mais contrário à percepção carnal, do que a ressurreição, por isso mesmo Paulo põe diante de nossos olhos o infinito poder de Deus, a fim de que o mesmo remova inteiramente toda dúvida; pois a desconfiança se origina nisto: que medimos a coisa em si pela estreiteza de nosso próprio entendimento. Tampouco ele faz mera menção de *poder*, mas também de *eficácia*, a qual é o efeito ou o poder se exibindo em ação, por assim dizer. Ora, quando temos em mente que Deus, que criou to-

35 *Sursum corda*. Nosso autor, mui provavelmente, alude à circunstância em que esta expressão costuma ser usada entre os cristãos dos tempos antigos, quando a ordenança da Ceia estava para ser ministrada.

36 "De sa gloire." – "De sua glória."

das as coisas a partir do nada, pode ordenar à terra e ao mar, e a todos os elementos, que devolvam o que lhes foi entregue,[37] nossas mentes se vêem de súbito despertadas para uma sólida esperança – não só isso, mas até mesmo a contemplação espiritual da ressurreição.

Mas é de grande importância observar também que o direito e o poder de ressuscitar os mortos e, mais ainda, de fazer tudo segundo seu próprio beneplácito, é designado à pessoa de Cristo – um louvor pelo qual a divina majestade se exibe de forma magnífica. Além do mais, disto deduzimos que o mundo foi criado por ele, porquanto "o poder de sujeitar todas as coisas a si" pertence exclusivamente ao Criador.

37 "Qu'il leur auoit donné en garde." – "O que lhes havia dado para guardarem."

Capítulo 4

1. Portanto, meus irmãos amados e saudosos, minha alegria e coroa, permanecei assim firmes no Senhor, amados.

2. Rogo a Evódia, e rogo a Sintique, que sintam o mesmo no Senhor.

3. E rogo também a ti, verdadeiro companheiro de jugo, que ajudes essas mulheres, porque trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros meus cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida.

1. Itaque, fratres mei dilecti et desiderati, gaudium et corona mea, sic state in Domino, dilecti.

2. Euodian hortor, et Syntchen hortor, ut unum sentiant in Domino.

3. Sane rogo etiam to, germane compar, adiuva eas, quae in evangelio idem mecum certamen sustinuerunt, cum Clemente etiam, et reliquis adiutoribus meis, quorum nomina sunt in libro vitae.

1. Portanto, meus irmãos. Ele conclui seu ensino, como costuma fazer, com exortações mui urgentes, para que se fixassem mais solidamente nas mentes dos homens. Ele ainda ganha as afeições deles por meio de nomes carinhosos,[1] o que, ao mesmo tempo, não são ditados por bajulação, e sim por uma sincera afeição. Ele os chama de *minha alegria* e *coroa*; porque, deleitando-se em ver que aqueles que foram ganhos através de sua instrumentalidade perseveravam na fé,[2] ele esperava atingir aquele triunfo já mencionado,[3] quando o Senhor galardoar com uma *coroa* àquelas coisas que foram realizadas sob sua diretriz.

---

1 "Et les appelant par noms amiables et gracieux, il tasche de gaigner leurs coeurs." – "E, chamando-os por nomes carinhosos e bondosos, ele se esforça em ganhar seus corações."

2 "Estant ioyeux de les veoir perseuerer en la foy, a laquelle ils auoyent este amenez par son moyen." – "Deleitando-se em vê-los perseverar na fé, à qual foram conduzidos por sua instrumentalidade."

3 Calvino parece evocar aqui o que dissera ao comentar Filipenses 2.16.

Ao convidá-los a permanecer *assim firmes no Senhor*, ele insinua que a condição deles é aprovada por ele. Ao mesmo tempo, a partícula *assim* pode ser tomada como uma referência ao que veio antes; mas o primeiro ponto de vista é mais apropriado, de modo que, ao elogiar sua presente condição, ele os exorta à perseverança. É verdade que eles já tinham dado evidência de sua constância. Paulo, entretanto, conhecendo bem a fragilidade humana, sabe que eles necessitam de confirmação quanto ao futuro.

2. Rogo a Evódia, e rogo a Síntique. É uma opinião quase universalmente aceita de que Paulo desejava muito apaziguar uma rixa, não sei de que tipo, entre aquelas duas mulheres. Embora não me sinta inclinado a contender sobre isto, as palavras de Paulo não propiciam base sólida para tal conjectura a ponto de satisfazer-nos de que esse era realmente o caso. À luz do testemunho que ele dá em seu favor, tudo indica que eram mulheres muito virtuosas; pois ele lhes designa tanta honra, a ponto de chamá-las colegas de luta no evangelho.[4] Daí, como sua mútua cooperação era uma questão de muita importância,[5] e, em contrapartida, haveria grande risco [para a igreja] se sua discórdia se agravasse, ele as exorta a buscarem a concórdia de forma específica.

No entanto, é preciso que notemos bem que, sempre que fala de concordar, ele adiciona também o vínculo desse acordo – *no Senhor*. Pois toda combinação será inevitavelmente maldita, se for à parte do Senhor; e, em contrapartida, nada é tão desunido que não possa ser reconciliado em Cristo.

3. Rogo a ti também, verdadeiro companheiro de jugo. Não me sinto inclinado a disputar sobre o gênero do substantivo ["companheiro"], e, conseqüentemente, deixarei em suspenso[6] [a questão] se ele se dirige a um homem ou a uma mulher. Ao mesmo tempo, o argumento de Erasmo,

4 "Il les appelle ses compagnes de guerre, d'autant qu'elles ont bataillé auec luy en l'euangile." – "Ele as chama suas companheiras em guerra, visto que elas lutaram arduamente com ele no evangelho."

5 "C'estoit vne chose grandement requise et necessaire qu'elles fussent d'vn consentement." – "Era algo grandemente urgente e necessário que estivessem numa condição de harmonia."

6 "Je lê laisse a disputer aux autres." – "Deixarei a outros a disputa sobre isto."

com base no contexto, de que a referência é a uma mulher é bem fraco, por causa das outras mulheres mencionadas – como se não anexasse imediatamente o nome de Clemente nesta mesma conexão. Não obstante, eu me afasto desta disputa; apenas afirmo que não se trata da esposa de Paulo a pessoa referida por esta designação. Os que mantêm isto citam Clemente e Inácio como suas autoridades. Se citassem corretamente, certamente eu não desprezaria homens de tal eminência. Mas, como apresentam escritos falsos de Eusébio,[7] forjados por monges ignorantes,[8] não devem merecer muito crédito entre os leitores de bom senso.[9]

Portanto, debrucemo-nos sobre a coisa em si, sem extrair qualquer impressão das opiniões dos homens. Quando Paulo escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios, ele era, como menciona, solteiro: "Aos solteiros", ele fala, "e às viúvas, digo que é bom se continuarem como eu estou" [1Co 7.8]. Ele escreveu aquela Epístola em Éfeso, quando se preparava para sair de lá. Não muito depois, ele seguiu rumo a Jerusalém, onde foi preso e enviado a Roma. Todos devem perceber quão pequeno esse período teria sido para se casar, tendo sido gasto em parte viajando e em parte na prisão. Além disso, naquele tempo ele se preparava para enfrentar a prisão e perseguições, como ele mesmo testifica, de acordo com Lucas [At 21.13]. Não obstante, estou bem ciente da objeção que geralmente se apresenta a isto – dizem que Paulo, a despeito de ser casado, se privava das relações conjugais. Entretanto, as palavras comunicam outro sentido, pois ele está desejoso de que os solteiros tivessem condição de permanecer na mesma condição que ele. Ora, que condição é esse senão o celibato? Quanto ao que apresentam desta passagem – "Não temos nós direito de levar conosco esposa crente, como também os demais apóstolos ..." [1Co 9.5] –, com o propósito de provar que ele tinha esposa, é tanta tolice que nem preciso propor refutação. Mas, admitindo que Paulo era

7 "Comme ainsi soit qu'on mette en auant ie ne scay quels faux escrits sous le nom d'Eusebe." – "Como sei que não apresentam quais escritos espúrios sob o nome de Eusébio."

8 "Et adioustez a son histoire." – "E adicionados à sua história."

9 "Ils ne meritent point enuers les lecteurs de bon iugement, qu'on y adiouste grande foy." – "Não merecem, quanto a leitores de bom juízo, que se lhes acrescente muito crédito."

casado, como é possível que sua esposa estivesse em Filipos – uma cidade na qual não lemos ter ele entrado mais de duas ocasiões e na qual é bem provável que nunca houvesse permanecido por mais de dois meses? Enfim, nada é menos provável do que ele estar falando aqui de sua esposa; e para mim nem parece provável que ele esteja se referindo ao sexo feminino em todo caso. Entretanto, deixo isso ao critério de meus leitores. A palavra que ele usa aqui (συλλάμβανεσθαι) significa tomar posse de uma coisa e abraçá-la juntamente com outra pessoa, com vistas a ajudar.[10]

Cujos nomes estão no livro da vida. O *livro da vida* é o registro dos justos, os quais são predestinados para a vida, como nos escritos de Moisés [Ex 32.32]. Deus mantém consigo este registro guardado em segurança. Daí o livro nada mais ser do que seu eterno conselho, fixo em seu próprio seio. No lugar deste termo, Ezequiel emprega a expressão: "os registros da casa de Israel" [Ez 13.9]. Com o mesmo propósito, lemos no Salmo: "Sejam riscados do livro da vida, e não sejam inscritos com os justos" [Sl 69.28]; isto é, que não constem no número dos eleitos de Deus, a quem ele recebe dentro dos limites de sua Igreja e de seu reino.

Se alguém alegar que Paulo, assim, age temerariamente usurpando para si o direito de se pronunciar sobre os segredos de Deus, respondo que nós, em alguma medida, podemos julgar os sinais pelos quais Deus manifesta sua eleição, mas somente até onde admite nossa capacidade. Portanto, em todos aqueles em quem vemos se manifestarem as marcas da adoção, reconheçamos, por enquanto, que são filhos de Deus até que se abram os livros [Ap 2.12], os quais trarão a público plenamente todas as coisas. É verdade que a Deus somente pertence conhecer agora os que são seus [2Tm 2.19], e separar, pelo menos, as ovelhas dos cabritos [Mt 25.32]; no entanto, nossa parte é reconhecer, através da caridade, que são ovelhas todos quantos, em espírito de obediência, se submetem a Cristo como seu Pastor, que

10 Ela é definida por Wahl, em seu *Clavis N. T. Philologica*, como segue: "Uma manum admoveo, i.e., opitulor, opem fero, iuvo" ("Eu estendo uma mão ajudadora; isto é, eu assisto, eu trago assistência").

recorrem ao seu aprisco e aí permanecem continuamente. Nossa parte é dar extremo valor aos dons do Espírito Santo, os quais ele confere peculiarmente a seus eleitos, e que para nós serão os selos, por assim dizer, de uma eleição que nos é oculta.

4. Regozijai-vos no Senhor sempre, outra vez vos digo, regozijai-vos.

5. Seja vossa moderação conhecida de todos os homens. O senhor está perto.

6. Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes, em tudo sejam vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças;

7. e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará vossos corações e vossos pensamentos em Cristo Jesus.

8. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.

9. O que também aprendestes e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus de paz será convosco.

4. Gaudete in Domino semper, iterum dico, gaudete.

5. Moderatio vestra nota sit omnibus hominibus. Dominus prope est.

6. De nulla re sitis solliciti: sed in omnibus, oratione et precatione, cum gratiarum actione, petitiones vestrae innotescant apud Deum.

7. Et pax Dei, quae exsuperat omnem intelligentiam, custodiet corda vestra et cogitationes vestras in Christo Iesu.

8. Quod religuum est, fratres, quaecunque sunt vera, quaecunque gravia, quaecunque iusta, quaecunque pura, quaecunque amabilia, quaeunque honesta: si qua virtus, et qua laus, haec cogitate.

9. Quae et didicistis, et suscepistis, et audistis, et vidistis in me: haec facite, et Deus pacis erit vobiscum.

4. Regozijai-vos no Senhor. Esta é uma exortação apropriada para aquele momento; porque, como a condição dos santos era excessivamente atribulada, e os perigos os ameaçavam de todos os lados, era possível que estivessem recuando, vencidos pela tristeza ou impaciência.[11] Daí ele os intimar a que, em meio às circunstâncias de hostilidade e perturbação, não obstante *se regozijassem no Senhor*,[12] como seguramente estas consolações espirituais, por meio das quais o Senhor

11 "Il se pouuoit faire que les Philippiens, estans vaincus de tristesse ou impatience, venissent a perdre courage." – "É possível que os filipenses, sendo vencidos pela tristeza ou impaciência, tivessem o coração desfalecido."

12 "Non obstant les troubles et les fascheries qu'ils voyoyent deuant leurs yeux." – "Não obstante as tribulações e aborrecimentos que viam diante de seus olhos."

nos refrigera e nos alegra, devem então, em sua maioria, mostrar sua eficácia quando o mundo inteiro nos tenta até ao desespero. Entretanto, em conexão com as circunstâncias dos tempos, consideremos que eficácia teria havido nesta palavra pronunciada pelos lábios de Paulo, o qual poderia estar enfrentando uma ocasião especial de dor.[13] Pois se são vítimas de perseguições, ou prisões, ou exílio, ou morte, eis aqui o apóstolo se apresentando como aquele que, em meio às prisões, no próprio calor da perseguição e, enfim, em meio às apreensões da morte, não só se regozija, mas ainda estimula os outros à alegria. Portanto, em resumo – venha o que vier aos crentes, tendo o Senhor a seu lado,[14] eles têm amplamente suficiente motivo para alegria.

A repetição da exortação serve para imprimir-lhe maior força: "que isto seja vossa força e estabilidade – *regozijar-se no Senhor*; e isso também não por apenas um momento, mas de modo que vossa alegria nele seja perpetuada".[15] Porque, inquestionavelmente, ela difere da alegria do mundo neste aspecto: que sabemos de experiência que a alegria do mundo é decepcionante, frágil e inconstante, e Cristo mesmo declara que ela é maldita [Lc 6.25]. Logo, somente aquela alegria que não nos é tirada jamais pode ser vista como alicerçada em Deus.

5. Vossa moderação. Isto pode ser explicado de duas formas. Podemos entender [Paulo] como a convidá-los antes a renunciar seu direito, de tal modo que ninguém teria ocasião de se queixar de aspereza ou severidade. "Que todos quantos tiverem de tratar convosco tenham a experiência de vossa eqüidade e espírito humano." Desta forma, *conhecer* significará *experimentar*. Ou podemos entendê-lo como a exortá-los a que suportassem todas as coisas com equanimidade.[16] Prefiro antes este último significado; pois τὸ ἐπιεικὲς é um termo usado pelos próprios gregos para denotar moderação de es-

13 "Qui plus que tous les autres pouuoit auoir matiere de se contrister." – "Que talvez mais que todos os demais tivesse ocasião para entregar-se à dor."

14 "Ont le Seigneur pour eux." – "Têm o Senhor por eles."

15 "Que vostre ioye se continue en iceluy iusques a la fin." – "Para que vossa alegria seja mantida nele até o fim."

16 "En douceur et patience." – "Com doçura e paciência."

pírito – quando não nos deixamos abalar facilmente pelas injúrias, quando não nos aborrecemos facilmente pela adversidade, mas retemos a equanimidade de disposição. Em concordância com isto, Cícero faz uso da seguinte expressão: "Minha mente é tranqüila, a qual recebe tudo com bom humor."[17] Ele aqui requer tal equanimidade – que é, por assim dizer, a mãe da paciência – por parte dos filipenses e, de fato, tal [humor] como se manifestará a todos, segundo a ocasião exigir, produzindo seus próprios efeitos. O termo *modéstia* não parece apropriado aqui, porque Paulo, nesta passagem, não está acautelando-os contra insolência arrogante, mas leva-os a se conduzirem pacificamente em tudo, e a exercer controle próprio, mesmo ao passar por injúrias ou inconveniências.

O Senhor está perto. Aqui temos uma *antecipação*, pela qual ele lida com uma objeção que poder-lhe-ia ser apresentada. Pois o impulso carnal emerge em oposição à afirmação precedente ["seja conhecida a vossa moderação, etc."]. Pois como a fúria dos perversos é ainda mais inflamada na medida de nossa brandura,[18] e quanto mais nos vêem preparados à paciência, mais se mostram animados a infligir injúrias, com mais dificuldade somos induzidos a "possuir nossas almas em paciência" [Lc 21.19]. Daí os ditados: "Devemos uivar quando entre lobos." "Aqueles que agem como ovelhas, bem depressa serão devorados por lobos." Disso concluímos que a fúria dos perversos deve ser reprimida por violência correspondente, para que não nos insultem com impunidade.[19] Aqui Paulo opõe essas considerações [populares] com a confiança na divina providência. Ele replica, digo, que "o Senhor está perto", cujo poder pode vencer a audácia dos perversos, e cuja bondade pode desbaratar sua malícia. Ele promete que nos ajudará,

17 "Tranquillus animus meus, qui aequi boni facit omnia." Aqui, Calvino dá o sentido de Cícero, porém não as palavras precisas, as quais são como segue: "Tranquillissimus autem animus meus, qui totum istuc aequi boni facit." – "Minha mente, contudo, é mui tranqüila, a qual recebe tudo sem se ofender." Veja-se Cícero, Att. 7, 7.

18 "D'autant plus que nous-nous monstrons gracieux et debonnaires." – "Tanto mais nos mostramos agradáveis e gentis."

19 "Afin qu'ils eu s'esleuent point a l'encontre de nous a leur plaisir et sans resistance." – "Para que não se ergam contra nós segundo prazer e sem resistência."

contanto que obedeçamos seu mandamento. Ora, quem não preferiria ser protegido somente pela mão de Deus a ter todos os recursos deste mundo à disposição?

Aqui temos um sentimento muito belo do qual aprendemos, em primeiro lugar, que a ignorância da providência de Deus é a causa de toda impaciência, e que esta é a razão por que somos tão apressados, e por considerações triviais, precipitados em confusão.[20] E, às vezes, também, temos o coração enfraquecido por não reconhecermos o fato de que o Senhor cuida de nós. Em contrapartida, aprendemos que este é o único remédio para tranqüilizar nossas mentes – quando repousamos sem reserva em seu cuidado providente, sabendo que não estamos expostos ao arrebatamento da fortuna ou ao capricho dos perversos, mas sim sob o regulamento do cuidado paterno de Deus. Enfim, o homem que se acha de posse desta verdade, de que Deus está presente com ele, tem aquilo que pode fazê-lo descansar em segurança.

Não obstante, há dois modos em que se pode dizer que *o Senhor está perto* – ou porque seu juízo está perto, ou porque ele se acha preparado para socorrer seu povo, em cujo sentido se faz uso aqui; e também no Salmo 145.18: "O Senhor está perto de todos os que o invocam." Portanto, o significado é este: "Miserável seria a condição dos santos, se o Senhor se mantivesse distante deles." Mas, como ele os tem recebido sob sua proteção e guarda e os defende com sua mão, presente em toda parte, então descansemos sobre esta consideração, para que não nos intimidemos pelo furor dos perversos.[21] Sabe-se bem, e é uma questão de ocorrência bem comum, que o termo *solicitudo* (*solicitude*) é empregado para denotar aquela *ansiedade* decorrente de não confiarmos no socorro ou no poder divino.

6. Mas em todas as coisas. Paulo usa aqui o singular, mas no gênero neutro; portanto, a expressão ἐν παντὶ é equivalente a *in omni negotio* (*em toda questão*), pois προσευχῇ (*oração*) e δεήσει (*súplica*)

20 "Que nous sommes tout incontinente t pour vn rien troublez et esmeus." – "Que todos nós somos de uma vez e por nada atribulados e agitados."

21 "Ni au plaisir desbordé des meschans." – "Nem à inclinação desenfreada dos perversos."

são substantivos femininos. Nestas palavras, ele exorta os filipenses, como faz Davi a todos os santos [Sl 60.22], e igualmente Pedro [1Pe 5.7], a "lançar sobre o Senhor toda ansiedade". Porquanto nossa estrutura não é de ferro[22] para que não possa ser abalada por tentações. Mas esta é nossa consolação, este é nosso refrigério – depositar ou (para dizer com mais propriedade) descarregar no seio de Deus tudo o que nos afadiga. É verdade que a confiança produz tranqüilidade em nossas mentes, mas só quando pomos em prática o exercício de orações. Portanto, sempre que formos atingidos por qualquer tentação, recorramos sem delonga à oração, como nosso santo asilo.[23]

Ele aqui emprega o termo "pedido" para denotar desejos ou aspirações. Ele quer que se façamos estes conhecidos de Deus por meio da oração e súplica, como se os crentes derramassem seus corações diante de Deus, ao confiarem-lhe a si próprios e também tudo o que possuem. Com efeito, todos os que olham para cá e para lá em busca dos insignificantes confortos do mundo podem, até certo ponto, parecer aliviados; mas só existe um refúgio seguro – descansar no Senhor.

Com ações de graças. Quão repetidamente oramos a Deus erroneamente, saturados de queixas ou de murmurações, como se tivéssemos apenas motivo para acusá-lo, enquanto que em outras orações não toleramos demora, caso ele não satisfaça imediatamente nossos desejos. Paulo, por essa conta, anexa ações de graças às orações. É como se ele quisesse dizer que devemos desejar aquelas coisas que nos são necessárias da parte do Senhor de tal maneira que, não obstante, sujeitemos nossas aflições ao seu beneplácito e demos graças enquanto apresentamos nossas petições. E, inquestionavelmente, a gratidão[24] terá sobre nós este efeito – que a vontade de Deus será a grande soma de nossos desejos.

7. E a paz de Deus. Alguns, ao converterem o tempo futuro no modo optativo, convertem esta afirmação numa oração, porém sem

22 "Car nous ne sommes de fer ni d'acier (comme on dit) ne si insensibles." – "Pois não somos de ferro nem de aço, como dizem, nem tão insensíveis."

23 "Comme a vne franchise." – "como um privilégio."

24 "La recognoissance des benefices de Dieu." – "Gratidão pelos benefícios divinos."

fundamento próprio. Pois ela constitui uma promessa em que ele realça a vantagem de uma sólida confiança em Deus e invocação a ele. "Se fizerdes isso", diz ele, "a paz de Deus guardará vossas mentes e corações." A Escritura costuma dividir a alma do homem, quanto às suas fragilidades, em duas partes: a *mente* e o *coração*. A *mente* significa o *entendimento*; enquanto que o *coração* denota todas as *disposições* ou *inclinações*. Estes dois termos, pois, incluem a totalidade da alma, neste sentido: "A paz de Deus vos guardará a ponto de impedir que volteis as costas para Deus com pensamentos ou desejos perversos."

É com boa razão que ele chame isto de a *paz de Deus*, visto que ela não depende do presente aspecto das coisas[25] nem pende conforme as várias oscilações do mundo,[26] porém se fundamenta na sólida e imutável palavra de Deus. É sobre essas bases também que ele fala dela como algo que *excede todo entendimento* ou *percepção*, pois nada é mais estranho à mente humana do que, nas profundezas do desespero, não obstante exercitarmos o senso de esperança; nas profundezas da pobreza, vermos opulência; e nas profundezas da fraqueza, não nos permitirmos recuar; e, por fim, prometermos a nós mesmos que nada nos faltará, quando destituídos de todas as coisas, e tudo isto tão-somente na graça de Deus, a qual não se manifesta, senão através da palavra e da convicção interna do Espírito.

8. Finalmente. O que segue consiste em exortações gerais que se relacionam com todos os aspectos da vida. Em primeiro lugar, ele enaltece a *verdade*, que nada mais é do que a integridade de uma boa consciência, com seus frutos; em segundo lugar, a *honestidade* ou *santidade*, pois τὸ σεμνόν[27] denota ambas – uma excelência que consiste nisto: que "andemos de maneira digna de nossa vocação" [Ef 4.1], mantendo-se distante de toda imundícia profana; em terceiro lugar,

25 "De ces choses basses." – "Destas coisas vis."

26 "N'est point en branle pour chanceler selon les changemens diuers du monde." – "Não fica em suspense a ponto de dobrar-se segundo as várias mutações do mundo."

27 "A palavra σεμνὸν significa aquilo que possui *dignidade* conectada a si. Daí, σεμνὸς e μεγαλοπρεπη são colocadas juntas por Aristóteles, como citado por Wetstein e em 2 Macabeus 8.15." – Storr.

justiça, que tem a ver com o relacionamento mútuo do gênero humano – que não injuriemos a ninguém, que não defraudemos a ninguém; em quarto lugar, *pureza*, que denota castidade em todas as esferas da vida. Paulo, contudo, não considera todas essas coisas como sendo suficientes, se ao mesmo tempo não nos diligenciarmos em tornarmo-nos agradáveis a todos, na medida em que pudermos licitamente fazer isso no Senhor, e levarmos em conta também nosso bom nome. Pois é desta maneira que entendo as palavras προσφιλῆ καὶ εὔφημα.

Se algum louvor,[28] isto é, *algo digno de louvor*, pois em meio à corrupção dos costumes há tão grande perversidade nos critérios humanos que o louvor é amiúde outorgado ao que é censurável, e não se admite aos cristãos nem mesmo que aspirem ao louvor lícito entre os homens, visto que em outro lugar são proibidos de "gloriar-se, a não ser em Deus" [1Co 1.31]. Paulo, pois, não os convida a tentar granjear aplauso ou recomendação pelas ações virtuosas, nem mesmo a regular sua vida de acordo com os critérios das pessoas, mas simplesmente tem em mente que se devotem à realização de boas obras, as quais merecem recomendação, para que os perversos, e aqueles que são inimigos do evangelho, enquanto ridicularizam os cristãos e lhes lançam opróbrio, não obstante se vêem constrangidos a enaltecer tal comportamento.

Entretanto, a palavra λογίζεσθαι, entre os gregos, é empregada, como *cogitare* entre os latinos, no sentido de *meditar*.[29] Ora, *meditação* vem antes, e depois vem a *ação*.

9. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes. Por este acúmulo de termos, ele notifica que era constante em inculcar essas coisas. "*Esta* era minha doutrina – minha instrução – meu discurso entre vós." Os hipócritas, em contrapartida, insistiam em nada mais senão em

28 "Aqui, a cópia Clermont reza εἴ τις ἔπαινος, *Se há algum louvor de conhecimento*. Em vez de ἐπιστήμης, as redações Valesianas trazem παιδείες, com o quê a Vulgata Latina concorda, lendo assim: *Se há algum louvor de disciplina (dissiplinae)*, como também a Etiópica, e dois comentaristas antigos mencionados pelo Dr. Mills." – Pierce.

29 "Como os termos latinos *cogitare* e *meditari*, o grego μελετᾷν significa *contemplar* uma coisa, com vistas a *achar um meio de efetuá-la*. Segundo este ponto de vista, ταῦτα λογίζεσθε, na passagem diante de nós, será equivalente a ταῦτα ποιεῖν λογίζεσθε, 'pensar em fazer essas coisas' – 'diligenciar em fazê-las'." – Storr. Veja *Biblical Cabinet*, vol. 40, p. 180 *Nota*.

cerimônias. Ora, era algo desonroso abandonar a santa doutrina,[30] na qual foram totalmente embebidos e com a qual estavam totalmente imbuídos.

E vistes em mim. Ora, o que é principal num orador público[31] é que ele fale não meramente com sua boca, mas através de sua vida, e granjeie autoridade para sua doutrina por meio da retidão de sua vida. Paulo, por conseguinte, granjeia autoridade para sua exortação sobre esta base: que ele, por sua vida, não menos por sua boca, fora um líder e mestre de virtudes.

E o Deus de paz. Ele falara da *paz de Deus*; agora, mais particularmente, confirma o que dissera ao prometer que Deus mesmo, o Autor da paz, estará com eles. Pois a presença de Deus nos traz todo gênero de bênção; como se ele dissesse que deviam sentir que Deus estava presente com eles para fazer todas as coisas terminarem bem e prosperamente, contanto que se aplicassem à conduta piedosa e santa.

10. Mas muito me regozijei no Senhor por terdes finalmente renovado vosso cuidado para comigo; do qual na verdade andáveis lembrados, mas vos faltava oportunidade.

11. Não digo isto por causa de necessidade, porque já aprendi a contentar-me com as circunstâncias em que me encontre.

12. Sei passar falta, e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter fartura, como em passar fome; tanto em ter abundância, como em padecer necessidade.

13. Posso todas as coisas em Cristo, que me fortalece.

14. Não obstante, fizestes bem tomando parte em minha aflição.

10. Gavisus sum autem in Domino valde, quod aliquando reviguistis in studio mei, de quo etiam cogitabatis, sed deerat opportunitas.

11. Non quod secundum penuriam loquar; ego enim didicis, in quibus sum, iis contentus esse.

12. Novi et humilis esse, novi et excellere: ubique et in omnibus institutus sum, et saturari, et esurire, et abundare, et penuriam pati.

13. Omnia possum in Christo, qui me corroborat.

14. Caeterum benefecistis simul communicando afflictioni meae.

30 "C'eust este vne chose dishonneste aux Philippens de delaisser la sainte doctrine et instruction." – "Teria sido algo desonroso para os filipenses abandonar a santa doutrina e instrução."

31 "En vn prescheur." – "Num pregador."

10. Muito me regozijei. Aqui ele declara a gratidão de sua mente para com os filipenses, para que não sentissem pesar de terem-no ajudado,[32] como geralmente é o caso quando cremos que nossos serviços são desprezados, ou relegados a nada. Eles lhe enviaram, por meio de Epafrodito, provisões para aliviar suas necessidades; ele declara que seu presente lhe fora aceitável, e então diz que se regozijava porque renovaram seu ânimo para exercerem seu cuidado para com ele. A metáfora é emprestada das árvores, cuja força está em seu interior e jaz oculta durante o inverno, e começa a florescer[33] na primavera. Mas, imediatamente depois de anexar uma correção, ele qualifica o que dissera, para que não parecesse estar reprovando a negligência deles no passado. Ele, pois, diz que outrora também se preocuparam com ele, mas que as circunstâncias dos tempos não permitiram que logo fosse aliviado pela benignidade deles. E assim ele atribuiu culpa à falta de oportunidade. Tomo a frase ἐφ' ᾧ como uma referência à pessoa de Paulo, e que essa é sua significação própria, como também está em concordância com a conexão das palavras de Paulo.

11. Não digo isto por causa de necessidade. Aqui temos uma *segunda* correção, pela qual ele se guarda de ser suspeito de possuir espírito fraco e de sucumbir ante as adversidades. Pois era muito importante que sua constância e moderação fossem conhecidas dos filipenses, para os quais ele era um padrão de vida. Por conseguinte, ele declara que fora gratificado pela liberalidade deles, de tal maneira que ao mesmo tempo podia suportar as carências com paciência. *Necessidade*, aqui, se refere à disposição que leva um homem a nunca, em sua mente, sentir-se pobre, o qual vive satisfeito com a condição que lhe fora designada por Deus.

As circunstâncias em que me encontre, ou melhor, "seja qual for minha condição, vivo satisfeito com ela." Por quê? Porque os santos sabem que assim agradam a Deus. Daí, eles não medem a suficiência

32 "Afin qu'ils ne se repentent point de luy auoir assiste." – "Para que não sentissem pesarosos de haver-me assistido."

33 "A reprendre vigueur et fleurir." – "Recuperar o vigor e florir."

pela abundância, e sim pela vontade de Deus, a qual eles julgam pelo que acontece, pois se persuadem de que seus afazeres são regulados pela providência e beneplácito divinos.

12. Sei passar falta. Aqui segue uma distinção com vistas a notificar que ele possui uma mente adaptada para suportar qualquer tipo de condição.[34] A prosperidade costuma ensoberbecer a mente além de toda medida; e a adversidade, em contrapartida, costuma deprimi-la. De ambas as falhas ele declara estar isento. *Sei*, diz ele, *passar falta* – isto é, suportar o aviltamento com paciência. Περισσεύειν é usada duas vezes, mas no primeiro caso é empregada no sentido de *exceder*, e, no segundo, no sentido de *abundar*, de modo a corresponder às coisas a que estão expostos. Se um homem sabe fazer uso da presente abundância de uma maneira sóbria e equilibrada, com ações de graças, preparado a perder tudo sempre que seja da vontade do Senhor, fazendo também seu irmão participante, segundo a medida de sua capacidade, e também não se deixa ensoberbecer, esse homem aprendeu a *exceder* e a *abundar*. Esta é uma excelente peculiaridade e rara virtude, e muito superior à tolerância da pobreza. Que todos quantos desejam ser discípulos de Cristo se exercitem em adquirir este conhecimento que fora possuído por Paulo, mas, nesse meio tempo, que se acostumem à tolerância da pobreza, de tal maneira que não se entristeçam nem se aborreçam com ela quando vier o tempo em que sejam privados de suas riquezas.

13. Posso todas as coisas em Cristo. Como ele se gloriava das coisas que eram muito grandes,[35] a fim de que isso não fosse atribuído ao orgulho ou fornecesse a outrem ocasião de tola vanglória, ele adiciona que é por meio de Cristo que é dotado com esta fortaleza. "Posso todas as coisas", diz ele, "mas é em Cristo, não por meu próprio poder, pois é ele que me supre com força." Daí inferirmos que Cristo

34 "Il fait yci vne diuision, disant qu'il est tellement disposé en son coeur qu'il scait se comporter et en prosperite et en adversite." – "Ele aqui faz uma distinção, visto que, em sua mente, está preparado, de tal maneira, que bem sabe como conduzir-se tanto na prosperidade quanto na adversidade."

35 "De choses grandes et excellentes." – "De coisas grandes e excelentes."

não será menos forte e também invencível em nós se, cientes de nossa fraqueza, pusermos nossa confiança tão-somente em seu poder. Ao dizer *todas as coisas*, ele tenciona dizer meramente aquelas coisas que pertencem à sua vocação.

14. Não obstante, fizestes bem. Quão prudente e cautelosamente ele age, olhando cuidadosamente em ambas as direções, para que não se incline demais para um lado ou para o outro. Ao proclamar, em termos magnificentes, sua firmeza, ele tem em mente munir-se para o caso de os filipenses presumirem que ele recuava ante a pressão da carência.[36] Ele agora se acautela para que, ao falar em termos elevados, não parecesse como se desprezasse a bondade deles – uma coisa que revelaria não meramente crueldade e obstinação, mas também arrogância. Ao mesmo tempo, ele faz provisão para isto: se algum dos outros servos de Cristo estivesse em necessidade da assistência deles, então que não fossem morosos em estender a mão a essa pessoa.

15. Sabeis também, ó filipenses, que no princípio do evangelho, quanto parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo no sentido de dar e de receber, senão somente vós;

16. porque, estando eu ainda em Tessalônica, não uma só vez, mas duas, mandastes suprir-me as necessidades.

17. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que cresça para vossa conta.

18. Mas tenho tudo; tenho-o até em abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que de vossa parte me foi enviado, como cheiro suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus.

19. Porém, meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo suas riquezas na glória em Cristo Jesus.

20. Ora, a nosso Deus e Pai seja dada gló-

15. Nostis autem et vos Philippens, quod initio Evangelii, quando exivi ex Macedonia, nulla mecum Ecclesia in ratione dati et accepti, nisi vos soli.

16. Nam et Thessalonicam semel atque iterum mihi, quod opus erat, misistis:

17. Non quia requiram donum, sed requiro fructum, qui exsuperet in rationem vestram.

18. Accepi autem omnia et abundo, impletus sum, postquam ab Epaphrodito accepi, quae missa sunt a vobis in odorem bonae fragrantiae, sacrificium acceptum gratum Deo.

19. Deus autem meus implebit, quicquid vobis opus est, secundum divitias suas in gloria per Christium Iesum.

36 "Qu'il fust abbattu, et eust perdu courage estant en indigence." – "Que ele fora vencido e perdera o ânimo, se vendo em pobreza."

ria pelos séculos dos séculos. Amém.

21. Saudai a cada um dos santos em Cristo Jesus. Os irmãos que estão comigo vos saúdam.

22. Todos os santos vos saúdam, especialmente os que são da casa de César.

23. A graça do Senhor Jesus Cristo seja com vosso espírito.

Esta foi escrita aos Filipenses, de Roma, por Epafrodito.

20. Porro Deo et Patri nostro gloria in secula seculorum. Amen.

21. Salutate omnes sanctos in Christo Iesu. Salutant vos qui mecum sunt fratres.

22. Salutant vos omnes sancti: máxime qui sunt ex domo Caesaris.

23. Gratia Domini nostri Iesu Christi cum omnibus vobis. Amen.

Scripta est a Roma per Epaphroditum.

15. Sabeis também. Entendo isto como um acréscimo à guisa de desculpa, visto que amiúde ele recebia algo da parte deles, pois se as outras igrejas não cumpriam seu dever, poderia parecer como se ele estivesse ansioso demais em receber. Daí, ao ser claro, ele os elogia; e, elogiando, modestamente desculpa os outros. Nós também, segundo o exemplo de Paulo, devemos atentar bem para que os santos, vendo-nos tão inclinados a receber de outrem, não tenham boas razões de nos considerar insaciáveis. *Vós também sabeis*, diz ele. "Não espero que convoquem outra testemunha, porquanto vocês mesmos sabem". Pois freqüentemente sucede que, quando alguém pensa que outros são deficientes no cumprimento dos deveres, essa pessoa é a mais liberal em prestar assistência. Assim a liberalidade de alguns escapa à observação de outros.

No sentido de dar e de receber. Ele alude a questões pecuniárias nas quais há duas partes: uma de *receber*, a outra de *gastar*. É necessário que estas sejam trazidas a uma eqüidade por compensação mútua. Há uma conta desta natureza pendente entre Paulo e as igrejas.[37] Enquanto Paulo lhes ministrava o evangelho, havia certa obrigação envolvendo-os, em troca, no suprimento do que era necessário para o sustento de sua vida, como ele diz em outro lugar: "Se nós semeamos para vós as coisas espirituais, será muito que de vós colhamos as materiais?" [1Co 9.11] Daí, se outras igrejas

37 "Il y auoit quelque telle condition et conuenance entre Sainct Paul et les Eglises." – "Há alguma condição e correspondência desse gênero entre São Paulo e as igrejas."

aliviavam as necessidades de Paulo, não lhe estariam dando nada de graça, mas estariam simplesmente pagando sua dívida, pois deveriam reconhecer que lhe estavam endividados pelo evangelho. Entretanto, ele reconhece que este não fora o caso, visto que não haviam depositado nada em sua conta. Que vil ingratidão, e quão inconveniente era tratar com negligência um apóstolo como este, para com o qual bem sabiam estar em obrigação além de seu poder de cumprir! Em contrapartida, quão grande tolerância deste santo homem em suportar a desumanidade deles com tanta mansidão e indulgência, a ponto de não fazer uso de uma palavra cortante sequer para acusá-los!

17. Não que procure dádivas. Uma vez mais ele repele uma opinião desfavorável que porventura fosse formulada pela cobiça imoderada, para que não presumissem que fosse uma insinuação indireta,[38] como se devessem sozinhos postar-se no lugar de todos,[39] e como se ele abusasse da bondade deles. Por conseguinte, ele declara que não buscara tanto sua vantagem pessoal quanto a deles. "Enquanto recebo de vós", diz ele, "há em proporção muita vantagem que redunda em vosso favor; pois há tantos artigos que podereis considerar como sendo transferidos para a lista de contas." O significado desta palavra[40] está conectado com a similitude previamente empregada de troca ou compensação em questões pecuniárias.

18. Mas tenho tudo; tenho-o até em abundância. Ele declara em termos mais explícitos que por ora tem o que é suficiente, e honra a liberalidade deles com um notável testemunho, dizendo que *tem estado cheio*. Indubitavelmente, o que enviaram foi uma soma moderada, mas ele diz que por meio dessa soma moderada ele se saciou. No entanto, é um enaltecimento mais excelente o que

38 "Pour les induire a continuer." – "Para induzi-los a persistirem."

39 "Comme si eux deussent tenir la place de tous, et faire pour les autres." – "Como se devessem ficar no lugar de todos e agir no lugar de outrem."

40 Evidentemente, Calvino se refere à palavra λόγον (explicação), da qual o apóstolo fizera uso no versículo 15, na frase εἰς λόγον δόσεως καὶ λήψεως, "na questão de dar e receber". Beza observa que os rabinos usavam uma frase correspondente, אשמנ ותמ (*mattan umassa*), *dar e receber*.

ele outorga à dádiva no que segue, quando a chama de um "sacrifício aceitável e apresentado como um aroma de boa fragrância". Porque, que coisa melhor se pode desejar do que nossos atos de bondade sejam [considerados] ofertas santas que Deus recebe de nossas mãos, e com cuja doce fragrância ele se deleita? Pela mesma razão, Cristo diz: "Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes" [Mt 25.40].

A similitude de sacrifícios, contudo, adiciona muita ênfase, pela qual somos ensinados que o exercício do amor que Deus nos impõe não é meramente um benefício conferido ao homem, mas é também um serviço espiritual e sagrado que é prestado a Deus, como lemos na Epístola aos Hebreus: que ele "se agrada com tais sacrifícios" [Hb 13.16]. Ai de nossa indolência![41] – a qual transparece nisto: que enquanto Deus nos convida com tanta bondade à honra do sacerdócio, e ainda põe sacrifícios em nossas mãos, não obstante não lhe oferecemos sacrifício, e aquelas coisas que foram separadas por oblações santas, não só gastamos com usos mundanos, mas esbanjamo-las impiamente nas contaminações mais sujas.[42] Pois os altares nos quais os sacrifícios de nossos recursos devem ser apresentados são os pobres e os servos de Cristo. Ao negligenciarem estes, alguns esbanjam seus recursos com todo gênero de luxo, outros com deleite gastronômico, outros com vestuário imoderado, outros com casas gigantescas.[43]

19. Meu Deus suprirá. Há quem leia como uma *súplica*, no optativo – *que ele supra*![44] Embora eu não rejeite esta tradução, aprovo mais a que sugiro. Ele faz menção expressa de Deus como *meu*, por-

41 "Or maudite soit nostre paresse." – "Mas maldita seja nossa indolência."

42 "Les consumons prodigalement et meschamment en choses infames et abominables." – "Nós as gastamos pródiga e impiamente em coisas infames e abomináveis."

43 "Les vns dependent tout leur bien entoutes de dissolutions, les autres en gouermandise et yurognerie, les autres en brauetes excessiues, les autres a bastir des palais somptueux." – "Alguns gastam toda sua riqueza em todo gênero de luxo, outros em comida e bebida, outros em elegância supérflua de vestuário, outros na edificação de palácios suntuosos."

44 "Comme si c'estoit vn souhait que sainct Paul feist." – "Como se fosse um desejo expresso por São Paulo."

que ele admite e reconhece como feito a si próprio todo ato de bondade que se pratica em prol de seus servos. Portanto, de fato estiveram semeando no campo do Senhor, do qual se pode esperar uma colheita certa e abundante. Tampouco lhes promete um mero galardão na vida por vir, mas sim algo que inclui mesmo as necessidades da vida aqui: "Não penseis que vos tende empobrecido; Deus, a quem sirvo, vos suprirá abundantemente com tudo o de que tendes necessidade." A frase, *em glória*, deve ser tomada no lugar do advérbio *gloriosamente*, no sentido de *magnificamente*, ou *esplendidamente*. Não obstante, ele adiciona *por Cristo*, em cujo nome tudo o que fazemos é aceitável a Deus.

20. Ora, a nosso Deus e Pai. Isto pode ser tomado como uma ação de graça geral, pela qual ele conclui a epístola; ou pode ser visto como uma confirmação posta mais particularmente na última cláusula em referência à liberalidade demonstrada para com Paulo.[45] Pois, dada a assistência que os filipenses lhe ajudaram, ele foi movido a reconhecer-se endividado para com eles, de uma maneira tal que considera este auxílio como sendo proveniente da misericórdia de Deus.

22. Os irmãos que estão comigo vos saúdam. Nestas saudações, ele menciona, antes de tudo, seus companheiros mais próximos,[46] em seguida todos os santos em geral, isto é, toda a Igreja em Roma, mas principalmente os da casa de Nero – algo que bem merece ser notado; pois não é uma evidência pequena da misericórdia divina que o evangelho alcance ingresso em lugares como aquele antro onde imperam todos os crimes e iniqüidades. E é ainda mais admirável em proporção ao fato de ser algo raro que a santidade reine também na corte dos soberanos. A conjetura formada por alguns, que aqui Sêneca é mencionado entre outros, não tem fundamento aparente; pois ele nunca deu qualquer evidência, ainda que mínima,

45 "La liberalite de laquelle les Philippiens auoyent vsé enuers sainct Paul." – "A liberalidade que os filipenses haviam exercido para com São Paulo."

46 "Les compagnons, qui demeuroyent auec luy." – "Seus associados que viviam com ele."

de ser ele um cristão; tampouco pertencia à *casa de César*, senão que era senador, e em certa ocasião deteve o ofício de pretor.[47]

Final do comentário à Epístola aos Filipenses.

47 "Há quem imagine", diz o Dr. A. Clarke, "que Sêneca, o preceptor de Nero, e o poeta Lucano, foram convertidos por São Paulo; e há ainda em existência, e num manuscrito ora diante de mim, cartas que dizem ter sido trocadas entre Paulo e Sêneca; porém não são autênticas nem de um [lado] nem do outro. Elas foram impressas em algumas edições das obras de Sêneca."